



UNICAMP

VALERIO J. ARANTES

**AÇÃO PSICODRAMÁTICA
EM SALA DE AULA**

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
1993**

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL



UNICAMP

VALERIO J. ARANTES

Este exemplar corresponde à redação final
da Tese defendida por Valerio J. Arantes
e aprovada pela Comissão em 14/4/93

Valerio J. Arantes

AÇÃO PSICODRAMÁTICA EM SALA DE AULA

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
1993



Tese apresentada como exigência parcial para
obtenção do Título de DOUTOR EM EDUCAÇÃO,
na Área de Concentração em Psicologia Educa-
cional, à Comissão Julgadora da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de Campi-
nas, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos
Alberto Vidal França.



Comissão Julgadora

Korindst

[Handwritten signature]
[Handwritten signature]
[Handwritten signature]
[Handwritten signature]



AGRADECIMENTOS

Várias pessoas participaram no desenvolvimento deste projeto de pesquisa. Dentre as contribuições pedagógicas, meus agradecimentos são para: Alfredo Correia Soeiro, Newton Aquiles von Zuben, Joel Martins e mais particularmente ao grande amigo e Orientador Carlos França.

Sou grato também, aos alunos da disciplina EL-307 (Andrea, Beatriz, Flávia, Fernanda, Kátia, Lília, Luzia, Monica, Mailde, Monica, Nélide, Paulo, Sandra, Silvia, Simone, Sônia e Teresa), e do Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (Anadú, Andrea, Angela, Dilma, Karla, Luciana, Roberto, Rosana e Vera), cuja participação afetiva, ativa e intelectual permitiu a concretização deste projeto.

Quero expressar ainda, meu agradecimento à Maria Inês Fini, por sua disposição em assumir uma parte de minha carga docente, e por seu empenho na criação do curso de Doutorado em Psicologia Educacional da UNICAMP.

Aos verdadeiros amigos, pelos incentivos e paciência: Celina, Oscar e Lais, Fernando e Carolina, Geraldo e Eugênia, Cosmo e Célia, Roberto e Rosane, e a querida Eudite; fico imensamente grato.

Aos meus familiares, Engracia e Miguel, Jandira e Divino, Celeste e Valentim (em memória), e Ondina e Alfredo (em memória), Márcio e Eliana e Mário e Gleide que foram presentes e significativos na formação de minha vida afetiva.

Agradeço ainda, mais especialmente, aos meus pais Darcy e Leidenóé, aos meus filhos Stela e Giordano, à minha esposa Maria de Lourdes, e ao querido Marconi Freire Montezuma (em memória) e sua esposa Meliane.



DEDICADO

AOS GRANDES AMIGOS

SÉRGIO E JUREMA

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é trazer os recursos dos jogos psicodramáticos, para auxiliar o educador em suas atividades educacionais com os alunos, mais especialmente para uma ação em sala de aula.

Após introduzir os jogos psicodramáticos, associando os aspectos afetivo (sentir = corpo), ativo (agir = ambiente) e cognitivo (pensar = mente) no processo de aprendizagem, os alunos responderam a uma questão sobre a experiência com os referidos jogos.

A pesquisa foi desenvolvida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com os alunos da graduação. Foram avaliados dezessete depoimentos dos alunos da disciplina EL-307, Curso de Licenciatura.

A partir de uma análise desses depoimentos, fundamentada na metodologia fenomenológica, foi possível compreender a experiência com os jogos psicodramáticos vivida pelos alunos.

Com essa avaliação, chegou-se à conclusão de que este instrumento se mostrou eficaz para auxiliar o educador na sala de aula.

Assim, a preocupação fundamental desta pesquisa, foi demonstrar a viabilidade de aplicação dos jogos psicodramáticos na educação.



SUMMARY

The object of this research is to bring psychodramatic games to the classroom as a resource which the educator can draw upon in the development of educational activities with students in the classroom.

The initial presentation of psychodramatic games included the association of the emotive aspects (feeling = body), active aspects (acting = environment) and cognitive aspects (thought = mind), as well as the role of these aspects in the learning process. After this introduction, the students answered a single question about the experience with these games.

Seventeen undergraduate students enrolled in a teacher's preparation course at the State University of Campinas - Unicamp - answered the question. Their answers were analysed and served as the material of this research.

The analysis of the data was based on phenomenological methodology. Through this analysis it was possible to understand the psychodramatic educational experience which the pupils went through.

The results of this evaluation show that this instrument is useful to the educator in the classroom. The basic concern of this research was to show the viability of the use of psychodramatic games in educational settings.

RESUMÉ

Le objectif de cette recherche était de ramener les ressources des jeux psychodramatiques vers les activités éducationnelles, avec le but d'aider les élèves des classes d'enseignement de pédagogie.

Après l'introduction des jeux psychodramatiques, qui a permis l'association des aspects affectif (les sens = le corps), active (l'action = l'environnement) et cognitive (la pensée = l'esprit) dans le processus d'apprendissage, les élèves ont répondu une question concernant leur expérience avec les jeux psychodramatiques.

Cette recherche a été développée à l'Université de l'Etat à Campinas (UNICAMP) avec les élèves du deuxième cycle. Dixsept dépositions des élèves du cours EL-307 ont été analysées.

A partir de l'analyse de les dépositions, fondée en la méthodologie phénoménologique, il a été possible de comprendre l'expérience des jeux psychodramatique vécue par les élèves.

Avec cette évaluation, on est arrivé à la conclusion que cet outil s'est montré efficace pour mieux aider l'éducateur avec ses activités pédagogiques.

La préoccupation fondamentale de cette recherche, était de démontrer la viabilité de application des jeux psychodramatiques cette éducation.



INDÍCE

RESUMO.....	I
SUMMARY.....	II
RESUME.....	III
(AQUECIMENTO)	
INTRODUÇÃO - I.....	01
INTRODUÇÃO - II.....	06
(DRAMATIZAÇÃO)	
CAPÍTULO I - PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA.....	16
CAPÍTULO II - AÇÃO PSICODRAMÁTICA.....	19
1. Jogos Psicodramáticos.....	23
2. Teste Sociométrico.....	30
(COMENTÁRIOS)	
CAPÍTULO III - METODOLOGIA.....	35
1. Procedimento para Coleta de Dados.....	40
2. Procedimento p/ Análise e Interpretação dos depoimentos.....	41
CAPÍTULO IV - DEPOIMENTOS.....	45



CAPÍTULO V - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DEPOIMENTOS.....74

(COMENTÁRIOS COMPLEMENTARES)

CAPÍTULO VI - PSICODRAMA E EDUCAÇÃO.....106

1. Psicodrama.....106

2. Educação.....129

CAPÍTULO VII - PSICODRAMA PEDAGÓGICO.....141

1. JOGOS PSICODRAMÁTICOS.....148

CAPÍTULO VIII - CONCLUSÃO.....158

BIBLIOGRAFIA.....164

INTRODUÇÃO - I

"Tá vendo tudo, e fica aí parado com cara de veado que viu caxinguelê."

Raul Seixas

Nos dois dias da GREVE GERAL, a Polícia Militar reprimiu violentamente alunos, professores e funcionários que participavam de manifestação na entrada da USP. Vários manifestantes foram detidos e vários precisaram ser hospitalizados. (ADUNICAMP, Boletim 21, de 27/05/1991).

Cidadãos acima de qualquer suspeita cometeram um crime perfeito, e a vítima foi o sistema educacional brasileiro.

A Educação, hoje criticada e desmoralizada por uma imprensa controlada por aqueles que a assassinaram, de vítima tornou-se ré, como se os educadores fossem os responsáveis por esse quadro de lamentável precariedade (resultado de anos e anos de mutilação, repressão e diminuição de verbas); incentivado durante uma ditadura militar, altamente interessada em manipular uma população cada vez mais incapacitada de empregar o raciocínio reflexivo.

Sinto dores no estômago, ao recordar a infinidade de conteúdos teóricos não digeridos, que me enfiaram goela abaixo durante anos e anos de escolaridade, chocando ovos que não foram galados, em carteiras de madeira duras e desconfortáveis, dignas de mobiliarem a sala de espera dos porões de tortura em castelos medievais.

O raciocínio reflexivo, que nos permite uma visão mais crítica da realidade, está diretamente vinculado ao



desenvolvimento do sistema educacional. A anulação da capacidade crítica de um povo tem efeitos nefastos e duradouros, observados nas recentes eleições, nas quais o povo foi manipulado através de órgãos de comunicação, que visaram um direcionamento de votos, para os candidatos ligados aos interesses de uma minoria, que apenas substituiu a ditadura política por uma ditadura econômica.

Desde a época de 1964, que essas pessoas inescrupulosas estão agarradas ao poder, escondendo-se, atualmente, atrás de fantoches coloridos (roxos de sujeira), cúmplices desse crime perfeito.

Apenas 31% das crianças na faixa etária de quatro a seis anos estão matriculadas na pré-escola, e as verbas continuam sendo reduzidas, desviadas e mal aplicadas, implicando em um progressivo aumento dos índices de distúrbios de aprendizagem, repetência e evasão escolar.

"Se os primeiros contatos com a educação forem pouco motivadores, essas crianças dificilmente continuarão a estudar, diminuindo suas possibilidades de um ajustamento social e aumentando a probabilidade de se encaminharem para o crime, cometendo atos de rebeldia e violência..." (Arantes, 1980, p.15)

Sabe-se que praticamente dois terços da estrutura cognitiva tem seu amadurecimento no período de 0-7 anos, e que a falta de condições saudáveis de vida - boa alimentação, moradia, higiene, presença dos pais, estimulação adequada - pode ser a causa de um rebaixamento intelectual, geralmente irreversível.

Enquanto isso, nossos governantes gastam verbas fabulosas equipando policiais para combater a criminalidade, que

não passa de um sintoma, determinado por problemas sociais crônicos, que não têm merecido a devida atenção.

Infelizmente, ainda vivemos em um país assolado pela ignorância, onde o prestígio de uma pessoa é quase que exclusivamente proporcional ao crescimento de sua conta bancária, sem a menor preocupação quanto a origem desse patrimônio.

Vivemos em um país, onde um empresário tem a ousadia (criminosa e inconsequente) de defender em revista de circulação nacional, a derrubada e queimada de florestas que a natureza levou séculos para construir (engordando sua conta bancária).

Um país, onde os militares podem adquirir um automóvel novo, com um financiamento dividido em até 48 prestações, sem juros nem correção monetária (Revista: "Veja", Edição 1181, pg. 25), enquanto um professor universitário compromete 50% de seu salário na simples revisão de um carro usado.

Cobram mais pesquisas das Universidades, esquecendo que, para desenvolver um trabalho intelectual decente, um ser humano necessita de ser tratado com dignidade em sua profissão.

Na rua somos assaltados por "trombadinhas" (pobres seres humanos, cujo sangue sustenta a mordomia de um militar adquirir um automóvel novo); e nos bancos por "trombadões", disfarçados de respeitáveis banqueiros, inescrupulosos e desonestos, membros de uma máfia, que participa ativamente de uma corrupção desenfreada, apadrinhada por líderes do próprio governo.

Como é possível desenvolver uma pesquisa, preocupado com os constantes tormentos derivados do financiamento de uma



casa própria, dos rendimentos aviltantes das aposentadorias que nossos pais recebem, com nossos salários cada vez mais defasados, e com toda a miséria que prolifera ao nosso redor.

E os educadores são atacados pela imprensa, como se fossem os responsáveis por essa decadência educacional em todos os níveis.

Atualmente o governo quer privatizar as Universidades públicas, elitizando ainda mais o ensino, colocando-o nas mãos de comerciantes, que terão a responsabilidade sobre a produção científica e a formação de profissionais, podendo direcionar a ciência para metas lucrativas, sem respeito para com a dignidade da natureza e dos seres que nela habitam.

Eliminar o ensino gratuito, esquecendo a função histórica que teve no desenvolvimento cultural e científico do país, é mais uma forma de penalizar uma classe média, já aviltada financeiramente em todos os níveis, para que não possa manter seus filhos nas Universidades.

Se as Universidades tem um grande número de funcionários, isso decorre em parte da falta de verbas para a modernização de sua estrutura de funcionamento. Se o número de professores é elevado, não podemos esquecer que durante a ditadura, incentivaram a hiperespecialização, com o objetivo de tornar os próprios cientistas mais manipuláveis.

A hiperespecialização é perversa, gerando um sério problema educacional e social. Atualmente, vivemos em um mundo desumanizado, controlado por tecnocratas, que perderam a noção da realidade existencial humana, que perderam o contacto entre si e com a humanidade, devido ao distanciamento frio e calculista

dos seres e da natureza, e da distancia entre as diferentes especialidades.

O resultado da hiperespecialização é a formação de um profissional incapacitado de uma visão mais abrangente da realidade, dono de um saber restrito a determinada area do conhecimento, sem uma formação filosófica que lhe permita um questionamento a respeito dos frutos de suas pesquisas (que podem até destruir a humanidade), acreditando ingenuamente numa "neutralidade científica".

Depois desse desabafo, sufocado durante quarenta anos, coloco-me diante de nossos problemas educacionais e a sensação é a de estar diante de um quarto em total desordem, e saber que é impossível arrumá-lo sozinho.

Ficar parado, vendo tudo, sem fazer nada, é uma postura conformista que não consigo adotar, por isso, optei pela ação, na tentativa de organizar um pedacinho desse caos, mantendo a esperança de que ainda surgirão seres humanos dignos e honestos entre nossos governantes.

O leitor deve estar surpreso, decepcionado, talvez, até mesmo assustado, pois esperava ler a introdução de uma tese de Doutorado em Psicologia Educacional, e encontrou uma espécie de panfleto estudantil (sem desmerecer) contra o governo.

O objetivo foi o de criar uma situação para que o leitor experiencie, quase que sensorialmente, algo similar aquilo que os alunos sentem, com a utilização dos jogos psicodramaticos no processo de aprendizagem.



I N T R O D U Ç Ã O II

"Creio que a maioria das escolas são prisões - a cabeça da criança é aberta, fazê-la ficar estreita para que vá disputar na sala de aula é um gracejo."

John Ono Lennon

A elaboração de um diagnóstico da situação atual da Educação em nosso país é compreensivelmente difícil, em consequência de um longo período de desvalorização (intencional?), que acentuou a ignorância da população, em função da política adotada durante a ditadura militar.

Diante da impossibilidade de abranger a totalidade de problemas educacionais em uma única pesquisa, resta a alternativa de um discurso consciente dessas limitações, mas capaz de desvelar que a nossa Educação, cada vez mais acentuadamente, tem funcionado como um órgão reprodutor de técnicos em todos os níveis, esquecendo-se da formação humanística.

A escola tem sido um espaço onde os alunos recebem um acúmulo de informações, cuja maior parte nunca terá utilidade no decorrer de suas vidas. A preocupação com a formação de seres humanos aptos a viver no seio de uma sociedade, que deveria ser a função real do sistema educacional, não só tem sido negligenciada pela grande maioria dos educadores, como também incentivada por uma sociedade mais interessada em quantidade do que em qualidade.



Assim, a escola fica destinada a ser um depósito de cultura, onde as pessoas vêm buscar o que poderiam encontrar em uma boa biblioteca e, de modo geral, os educadores sabem que, armazenar conhecimentos, nem sempre implica em aprendizagem significativa, ou seja, que mobiliza significados (pensar) e sentimentos (sentir) associados a experiências (agir).

O papel do educador, portanto, tem sido o de um mero transmissor de conhecimentos, o que o torna um profissional desrespeitado por aqueles que o procuram, por ser visto como um cúmplice de um sistema educacional que exige apenas rendimento, produtividade e eficácia na utilização do intelecto.

Este modelo intelectualista limita o papel do corpo (sentir e agir), impedindo a integração do indivíduo como um todo na formação de sua personalidade. De acordo com Polany (1973, p.88) "Todos os intercâmbios conscientes que temos com o mundo envolvem o uso subsidiário de nosso corpo".

O nosso sistema educacional está perdendo a noção da realidade existencial mais ampla do ser humano, ao enfatizar o desenvolvimento intelectual em detrimento de uma formação mais abrangente, que vise à totalidade das necessidades humanas e que envolva, também, aspectos pré-intelectuais como os sentimentos e as ações.

A práxis pedagógica convencional, apesar de seus inegáveis aspectos positivos, tem sido considerada insatisfatória por professores e alunos no cotidiano educacional, para o atendimento de uma população caracterizada por viver num ambiente que muda com bastante frequência. Essas frequentes e rápidas transformações geram insatisfações que implicam na busca de novas



alternativas para o ensino, diferenciadas das monótonas aulas carregadas de exposição verbal, de tal modo a dinamizar as relações professor-aluno e aluno-aluno.

Atualmente, quem aprende deve ter a oportunidade de fazer, mais do que receber e acumular informação, tendo em vista esse ambiente em contínuas transformações. Isto envolve, na sala de aula, alterações fundamentais entre a teoria e prática educacional, e tal questão inquieta-me há muitos anos, ainda como discente, considerando ser um dos vários e graves problemas que a Educação enfrenta, tendo em vista o elevado número de alunos que foram e continuam sendo irreparavelmente prejudicados, devido a uma metodologia incapaz de estimulá-los à aprendizagem.

Foi atuando como docente, no contato direto em sala de aula, que os problemas do processo ensino-aprendizagem foram surgindo e exigindo de mim, por interesse pessoal, esforços no sentido de encontrar alguma solução. Foi a partir de dúvidas, provavelmente tão comuns as de outros colegas preocupados com o desenvolvimento da função do educador em nossa sociedade, que surgiram as questões:

- De que modo é possível aprimorar a qualidade de ensino?

- Por que algumas aulas são inesquecíveis, enquanto outras são irritantes, medíocres e insossas?

- Como despertar a motivação dos alunos na apresentação de um conteúdo teórico?

- De que maneira se pode contribuir para que o aluno sinta que o tempo dispendido na sala de aula é útil tanto em sua



INICAMP

vida pessoal como profissional?

- Enfim... que proposta metodológica se pode desenvolver de modo mais coerente com a realidade em que vivemos?

Ter essa preocupação com o aspecto metodológico, não significa que outros aspectos relevantes no contexto ensino-aprendizagem fossem relegados a um segundo plano, e sim que, uma proposta metodológica específica, poderia ser enriquecida pela minha experiência profissional anterior.

Oriundo de uma atividade clínica, onde se empregava o Psicodrama no atendimento de pessoas com problemas psicológicos (hospitais psiquiátricos e clínicas de psicologia), imaginei que, uma possível resposta para minha preocupação metodológica, poderia ser a adaptação dos jogos psicodramáticos (tão úteis na área clínica) ao contexto educacional.


Os excelentes resultados desses jogos na atividade clínica são bem conhecidos por todos aqueles que os têm utilizado. Possuía também informações, por intermédio de congressos e contactos com outros profissionais, sobre sua aplicação em sala de aula, em cursos de História e no ensino de Psiquiatria e Psicologia Clínica. Restava apenas passar as minhas idéias para a prática docente, idéias estas originadas e fundamentadas na ação psicodramática.

Apesar das aparentes diferenças entre as atividades educacionais e as clínicas, na realidade a atuação de um psicoterapeuta não deixa de ser, em diversos momentos, uma espécie de reeducação; assim como o educador que assume seu papel com seriedade, dedicação e eficiência perante os alunos, pode também estar fazendo uma profilaxia de distúrbios mentais, ou



JNICAMP

A Q U E C I M E N T O



seja, ter uma atuação psicoterapêutica no contexto educacional.

Mesmo sabendo que outros profissionais vinham empregando esses jogos em sala de aula, só recentemente tais técnicas começaram a articular-se de forma mais consistente, pois o Psicodrama é uma teoria relativamente nova dentro da Psicologia. Desta forma, meu primeiro passo foi o de conduzir a ação psicodramática em sala de aula, para depois poder tematizar as experiências vividas.

Minha primeira experiência foi com um grupo de alunos da Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama, em 1975. Continuei aplicando essa técnica durante vários anos com os alunos do Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (Campinas) e no curso de Psicodrama Pedagógico que introduzi como disciplina eletiva no currículo da Faculdade de Educação da Unicamp.

Ensinar a teoria do Psicodrama por intermédio das técnicas do próprio Psicodrama não era difícil, e percebi que essas técnicas tornavam as aulas mais motivadoras do que tinham sido para mim, quando aprendi essa mesma teoria em enfadonhas aulas expositivas. A dinâmica das técnicas não deixava que as aulas caíssem na temível repetitividade. Cada turma de alunos entrava em ação de maneira inovadora, inédita, durante a aplicação dos jogos psicodramáticos. Com isto, fazia-se da aula uma "caixa de surpresas" para os alunos, e para o professor, ao assistir o desempenho dos diferentes grupos.

O objetivo central do Psicodrama é alcançar um alto grau de espontaneidade, que, conforme Bermudez (1980, p.50) é uma função humana diretamente associada à criatividade, encontrando-se entre a influência genética e ambiental, representando a



capacidade do organismo na adaptação adequada a novas situações.

O Psicodrama, sem abandonar as técnicas verbais, acrescentou as técnicas de ação e, sem desrespeitar as individualidades, faz atendimento individual, de casal, de família, enfatizando uma preparação para o trabalho em grupo. Somos seres sociais, característica essencial da realidade humana, vivemos em grupos, não sózinhos ou em duplas. Se fosse para vivermos na solidão ou em duplas, provavelmente estaríamos vivendo em duplas ou sozinhos em diferentes planetas.

Fonseca (1980, p. 7), citando Moreno (criador do Psicodrama), escreve que o Psicodrama nasceu da atitude lúdica do teatro de improvisação, que o conduziu ao teatro terapêutico, por conseguinte, o Psicodrama nasceu do jogo. A criatividade e a inventividade (baseadas na espontaneidade) são ressaltadas no jogo com uma intensidade fascinante, promovendo a descoberta e o fortalecimento do potencial humano. O jogo é uma atividade descontraída, relaxante, divertida, instrutiva e formativa, presente em todas as culturas, precedendo-as, na medida em que a atividade lúdica pode ser observada em diferentes manifestações do mundo animal.

Quando falamos em atividades lúdicas (ludus em latim = jogo), estamos nos referindo a uma função de importância vital no desenvolvimento humano. Jogar é criar, uma forma de evasão dos determinismos da vida real, é a própria liberdade. É uma atividade que objetiva proporcionar prazer aqueles que dela participam, em momentos que se costuma dizer que "as horas passam voando". Unir o prazer do jogo num comprometimento responsável e concreto com a aprendizagem de conteúdos programáticos é um meio

eficaz de tornar o estudo mais motivador e significativo qualitativamente, como ficará demonstrado neste trabalho.

Adaptando-se os jogos psicodramáticos ao contexto educacional, combina-se o lazer com o processo da aprendizagem, estabelecendo conscientemente uma nova dimensão às atividades de ensino, visando ao atendimento dos alunos na totalidade de seus potenciais. É essa a nossa proposta de estudo, recuperando uma visão mais integrada do ser humano no processo educacional, evitando, entretanto, de cair num extremo oposto com prejuízos para o aspecto intelectual. Acredito que esse equilíbrio possa ser alcançado com a utilização dessas técnicas, menos insípidas e mais adequadas ao atendimento do ser como um todo, eliminando esse dualismo esquizofrenizante (mente/corpo) na sala de aula.

Um aluno, um ser humano, é um todo integrado que pensa, sente e age, e assim deve ser considerado no seu processo de crescimento e desenvolvimento, principalmente na sala de aula. Uma práxis educacional direcionada somente para o aprimoramento intelectual, renegando aspectos cruciais como o sentir e o agir, é incapaz de atender, na totalidade, as reais necessidades desse aluno, que está se preparando para fazer parte de um grupo social, onde lhe será exigida maturidade pessoal e profissional.

Seres humanos não são computadores estáticos e sem emoções, criados apenas para trabalhar mecanicamente com idéias, ou ações fixas e repetitivas. Seres humanos pensam sim, mas também sentem e agem com infinitas respostas nos três aspectos, e é assim que devem ser respeitados, principalmente durante o processo de aprendizagem escolar.


É interessante observar que os próprios alunos, de uma

maneira geral, já exigem, com certa insistência (inclusive em cursos formais nas escolas públicas), informações que propiciem elementos para a integração da personalidade. Para comprovar esta afirmação, basta que o professor permita que eles se manifestem quanto aos seus interesses na organização de um plano de curso, e observarão com certeza que, além da formação intelectual (ainda privilegiada), eles não excluem a necessidade dos aspectos sentir e agir serem considerados no planejamento de uma disciplina.

Os jogos psicodramáticos facilitam a interação aluno-aluno e professor-aluno, tornando-a mais natural, sem invasões de limites de ambas as partes, entre as diferentes personalidades reunidas no grupo. Esses jogos permitem uma participação do pensamento, sentimento e ação no processo de aprendizagem, em qualquer disciplina, independente do conteúdo teórico envolvido. Tal foi o desafio dessa pesquisa, aplicar essa técnica num curso que não fosse de Psicodrama, razão pela qual escolhi um curso essencialmente teórico dentro da licenciatura (EL-307 Psicologia Educacional-Desenvolvimento), para servir de campo para a presente pesquisa.

Acredito que a atrofia dos aspectos sentir e agir tem sido responsável, em parte, pelo progressivo aumento da frieza emocional na relação entre as pessoas, mais especificamente no meio educacional, devido as restrições ao uso do corpo (que é a sede de nossos sentimentos) durante as aulas, onde o intelecto (que é a sede de nossos pensamentos) é enfatizado.

Quanto ao aspecto ambiente (sede de nossas ações), também se pode responsabilizar a educação formal pela passividade "patológica" de nossos alunos, os quais são obrigados a conter



toda sua energia de infância e adolescência ao serem imobilizados em desconfortáveis carteiras escolares, durante o período das aulas. Hoje, compreendo com mais clareza as palavras do saudoso educador Montezuma (1977- ex-diretor e professor da Faculdade de Educação da Unicamp)"...o que ainda salva a integridade psicológica de nossos alunos, são os momentos de intervalo dentro da escola."

Para saber o que os alunos experienciaram no decorrer do curso, depois de uma fracassada tentativa de obter essa informação por intermédio de um questionário no qual optavam por respostas fixas (cruzinhas), refez-se a tentativa em outra turma, mudando o procedimento para uma pergunta aberta, mais coerente com uma proposta de ensino libertadora, e renovando, mais uma vez, um contexto educacional acostumado a lidar com respostas prontas.

Na visão de Martins (1986), a memória é uma maneira de pensar o passado para mostrar o "Lebenswelt" (mundo vivido). Utilizando a memória, os alunos registraram em seus depoimentos as informações que foram analisadas, em busca de uma compreensão do que representou para eles a utilização dos jogos psicodramáticos. Esses depoimentos relatam as experiências vividas na disciplina EL-307 Psicologia Educacional-Desenvolvimento, demonstrando como diferentes personalidades perceberam, em seus respectivos mundos, a utilização dos referidos jogos.

A memória é uma espécie de persistência no organismo de alguma modificação ocorrida no passado, com possibilidade de ser reproduzida no futuro, mas não é necessário uma revisão bibliográfica sobre memória para justificar o recurso empregado



para fazer emergir, dos alunos, o significado de suas experiências com os jogos psicodramáticos.

Sem esquecer que vivemos numa época em que o aspecto intelectual continua sendo privilegiado na escola, em detrimento de outros aspectos de igual importância no desenvolvimento da personalidade, o enfoque principal do presente trabalho constituiu-se na aplicação desses jogos, com a intenção de resgatar esses outros aspectos também importantes: sentir e agir.

Continuando com o objetivo de conduzir o leitor a uma experiência que se aproxime da ação psicodramática, após essa etapa de AQUECIMENTO - Introdução I e II, seguiremos a sequência das etapas do psicodrama, como se estivéssemos atuando numa sessão: DRAMATIZAÇÃO - Capítulos I e II; COMENTARIOS - Capítulos III, IV e V; finalizando com os COMENTARIOS COMPLEMENTARES - Capítulos VI, VII e VIII.



INICAMP

DRAMATIZAÇÃO

CAPITULO I

PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA

"Sou de uma "raça" imbativelmente sonhadora que ainda acredita na recuperação da Escola como espaço político onde todos, educandos e educadores, podem aprender a realização do humano".

Régis de Moraes

As questões que se têm apresentado como mais relevantes em minha carreira como docente, germinaram fundamentando esta pesquisa, cuja área de investigação ficou delimitada ao espaço da sala de aula.

Nesse contexto, foi analisada e interpretada a experiência dos alunos do curso EL-307 Psicologia Educacional Desenvolvimento: Aplicado ao Ensino de Português, com a inclusão dos jogos psicodramáticos em sala de aula, como um recurso metodológico para a apresentação do conteúdo programático do referido curso, configurando-se no seguinte problema:

O QUE DESVELA O DISCURSO DE ALUNOS QUE VIVENCIARAM OS JOGOS PSICODRAMÁTICOS, EM UMA DISCIPLINA COMUMENTE OFERECIDA SEM A UTILIZAÇÃO DOS REFERIDOS JOGOS?

Procurou-se desvelar o que os estudantes pensaram e sentiram, nessa experiência com os jogos, que foram inseridos em um curso essencialmente teórico, durante um semestre letivo.

Os sujeitos desse estudo eram alunos do curso de Letras

do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas. Esses alunos estiveram em contacto com diferentes professores e suas respectivas idiossincrasias, com conteúdos curriculares variados, diferentes concepções de educação e diversas metodologias.

O objetivo da pesquisa, foi o de buscar aquilo que os alunos pensaram e sentiram, durante um curso onde também agiram, nos momentos de aplicação dos jogos. Procurou-se aquilo que geralmente fica oculto, mas que poderia ser desvelado em seus depoimentos.

Através de simbolizações, a humanidade é capaz de interpretar sua existência, sendo o discurso um aspecto inerente ao ser humano, como assinala França (1989, p. 18):

"O discurso, como organização do pensamento expressado através da linguagem, constitui um modo de ser do homem, é parte integrante do homem como ser no mundo. Através do discurso o ser humano se manifesta, exprime a própria existência."

Por intermédio da linguagem expressada em seus depoimentos, os alunos concretizaram seus respectivos discursos, com as palavras, que é o meio de comunicação mais utilizado para estabelecer contacto entre os seres humanos.

No entanto, o discurso através da palavra pode não ser tão eficiente na comunicação, conforme comenta Resende (1978, p. 228): "A palavra que fala não é uma entidade que se exprime sozinha, mas palavra de um falante que não se ausenta mas continua intensamente presente." Em consequência disto, vem a necessidade da abordagem fenomenológica para clarear, tornar mais explícito, aquilo que foi expressado no discurso.



A questão orientadora, para a produção dos depoimentos, foi estruturada de tal forma que as respostas sobre a vivência com os jogos psicodramáticos fossem relatadas pelo sujeito, independentemente de um pré-julgamento do autor, procurando-se com isto obter um material mais puro, mais original, a respeito do fenômeno investigado.

A elaboração do depoimento do aluno, em cima da questão proposta sobre o curso EL-307, permitiu que ele descrevesse de uma forma geral o que representou esse curso para ele, durante o semestre.

Escolhi o curso EL-307 para desenvolver o trabalho, em função de ter sido um curso sob minha responsabilidade no primeiro semestre de 1980, e também por ser um curso essencialmente teórico.

CAPITULO II

AÇÃO PSICODRAMÁTICA

"Históricamente, o psicodrama representa o ponto culminante na passagem do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupos; do tratamento do indivíduo por métodos verbais para o tratamento por métodos de ação."

Jacob Levy Moreno

Moreno defendia a introdução do psicodrama na sala de aula desde o jardim da infância (pré-escola), continuando nos demais níveis de escolaridade, graduado conforme a maturidade dos alunos, objetivando basicamente o desenvolvimento da espontaneidade com técnicas apropriadas.

Na escola da espontaneidade deveriam existir dois graus, A e B. No grau A os alunos iniciariam um adestramento para a realidade, executando atos cotidianos: vestir uma camisa; calçar sapatos, etc.. A seguir, no grau B, fariam um readestramento, vestindo uma camisa imaginária, calçando sapatos imaginários, etc.; refinando o comportamento nessa etapa criativa transitória.

Com o corpo já adestrado no grau A, no grau B seria estruturado o adestramento mental:

"O esforço no grau B propõe-se tornar corporal o comportamento mental, ou converter em aprendizagem os conteúdos abstratos da mente em estados criativos ativos." (Moreno, 1975, p. 193 e 195)

Num terceiro momento, os alunos retornariam à vida cotidiana fora da escola, refazendo as tarefas do primeiro momento, com os comportamentos remodelados.

Fundamentar-se na teoria do psicodrama para uma ação educacional (mais especificamente na sala de aula), envolve num primeiro momento, criar condições para que prevaleça um estado de "campo relaxado", no ambiente onde os jogos serão aplicados.

Bermúdez (1980, p. 77), citando o experimento realizado por Wolfgang Kohler em 1921, explica porque o "campo tenso" prejudica o processo de aprendizagem:

"...quanto maior a tensão, mais ligado ficará o indivíduo ao objeto, diminuindo suas possibilidades de discriminação e, portanto, de solucionar problemas para chegar à meta."

É na etapa do aquecimento que o diretor procura estabelecer com o grupo um estado de "campo relaxado", mais propício ao processo de aprendizagem.

Outro aspecto importante, também citado por Bermúdez (1980, p.77), a respeito do experimento de Von Uexküll, refere-se a "iluminação do campo". "Se um animal tem fome, o campo se transformara em um campo de presa...porém deixará de sê-lo, se as necessidades forem de outra índole, por exemplo, sexuais."

A conduta animal, assim como a humana, depende de necessidades instintivas, portanto é imprescindível que o educador sinta essa motivação pelo ensino e aprendizagem, de dentro para fora (assim como o aluno), para que essa experiência com o conhecimento seja vivenciada, ao invés de ser meramente intelectualizada.



Seguimos mesma sistemática adotada no psicodrama psicoterapêutico, ao adotá-lo em sala de aula, considerando os contextos, instrumentos e etapas que serão melhor explicitados em capítulo posterior.

Contextos: Social, Grupal e Dramático.

Instrumentos: Auditório, Diretor, Ego-auxiliar(es), Protagonista e Cenário.

Etapas: Aquecimento, Dramatização, Comentários e/ou Análise e Comentários Complementares.

Contextos

Quanto ao contexto social, as experiências anteriores dos alunos (teórico-práticas) com a temática do curso (desenvolvimento humano) foram incentivadas a emergir durante as aulas, assim como experiências pessoais relacionadas ao papel de educador.

No contexto Grupal, o inter-relacionamento aluno-aluno e professor-aluno foi facilitado principalmente com aplicação dos jogos psicodramáticos, também responsáveis pela criação de um "campo relaxado" durante as aulas, fortalecendo a integração grupal.

No contexto Dramático, núcleo central do psicodrama, na impossibilidade de realizar dramatizações em todas as aulas, esse espaço foi preenchido pela temática central da disciplina EL-307 Desenvolvimento Humano, tendo em vista o objetivo educacional do trabalho.

Instrumentos

O Auditório foi composto pelo grupo de alunos que não participavam em alguns jogos. A não-participação era em decorrência do tipo de jogo ou por escolha pessoal.

Devido às dificuldades de se conseguir um Ego-auxiliar não remunerado, a aplicação das técnicas ficou centralizada no Diretor, consciente de que a presença desse instrumento (Ego-auxiliar) teria possibilitado um trabalho qualitativamente superior.

O Protagonista, nessa aplicação do psicodrama em sala de aula, com o objetivo central de apresentar a programação teórica, foi sempre um tema da disciplina EL-307, em jogos, onde a atuação do aluno registrava na memória corporal uma relação com o tema discutido.

O Cenário, quando apenas alguns alunos participavam do jogo, foi delimitado o espaço em frente da lousa, no centro da sala de aula. Quando a participação era geral, era ocupado todo o espaço da sala.

Etapas

As etapas do psicodrama foram respeitadas em todas as aulas, inclusive nas aulas expositivas ou com discussões em grupo, nas quais o Aquecimento geralmente iniciava com comentários sobre a aula anterior. A Dramatização era quase sempre substituída pelo tema teórico da disciplina EL-307. Os Comentários e/ou Análise era um espaço para levantamento de questões e sugestões. E os Comentários Complementares representavam um momento de avaliação da aula e dos alunos, e de

programação da continuidade do curso.

Teoria Psicodramática

A teoria dos Papéis, do Nucleo do Eu e da Matriz de Identidade foram incluídas no programa da disciplina EL-307, por tratarem do desenvolvimento humano. Foram apresentadas em textos, aulas expositivas, discussões em grupo e pelos Jogos Psicodramáticos.

Nessas teorias sobre o desenvolvimento humano, os alunos redescobriram um ser possuidor de uma mente, a qual é a sede de nossos pensamentos (apesar de pensarmos com o corpo todo); possuidor de um corpo, que é a sede de nossos sentimentos e emoções (apesar de sentirmos também com a mente); e que essa mente encarnada, ou corpo pensante, vive num ambiente (com os seres e a natureza); que é a sede de nossas ações (envolvidas no sentir e pensar).

Discutiu-se a importância desses conceitos no âmbito educacional, onde o educador encontra seres que pensam, sentem e agem, num inter-relacionamento indissolúvel entre esses fatores.

Questionou-se a capacidade de nosso sistema educacional em participar no desenvolvimento harmonioso desse ser, que tem sido enfatizado quanto ao aspecto intelectual (pensar), em detrimento de sua totalidade (sentir e agir).

JOGOS PSICODRAMÁTICOS

Serão citados alguns jogos que foram aplicados na disciplina EL-307, organizados em função de sua programação

teórica, o que não implica que não possam ser empregados em outras disciplinas com diferentes conteúdos programáticos. E, apenas para citar um exemplo; lembro-me aqui que, durante uma palestra proferida na Unimep de Piracicaba, um professor de Química alegou que esses jogos só eram adequados para a área de Ciências Humanas; nesse momento, um aluno desse professor levantou-se, pediu para dirigir a dramatização, e solicitou para um participante representar um elétron, a outro, um neutrón, e a outro, um próton. Colocando-os em movimento, passou a explicar a dinâmica de funcionamento de um átomo.

Todos os Jogos Psicodramáticos apresentam uma característica em comum, que é o desenvolvimento da ESPONTANEIDADE, considerado o aspecto mais importante a ser estimulado durante a ação psicodramática.

1. Ser-ao-mundo-com-os-outros-em-diálogo

Jogo - Pede-se aos alunos que caminhem pela sala procurando sentir o próprio corpo, em todos os sentidos (Corpo = sentir). A seguir que explorem o espaço da sala de aula minuciosamente, observando os objetos e as pessoas presentes (Ambiente = agir). Concluindo o jogo, pede-se para conversarem com as pessoas da sala ao passarem por elas (Mente = pensar).

Comentário - Permite uma dessensibilização quanto ao espaço físico e humano na sala de aula, que deixa de ser desconhecido, desinibindo o grupo com os movimentos corporais, e com os pequenos diálogos estabelecidos com os colegas. Com os comentários do grupo a respeito do jogo, inicia-se um debate a respeito do ser humano e seus aspectos: mente-pensamento; corpo-

sentimento e ambiente-acad.

2. Auto-apresentação

Jogo - Pede-se aos alunos que falem sobre si mesmos, ou, para tornar o jogo mais dinâmico, pede-se ao grupo que apresente cada um de seus membros.

Comentário - Optamos pela segunda forma do jogo, aproveitando os pequenos diálogos estabelecidos no jogo anterior. Outra forma de auto-apresentação, é dividindo o grupo em duplas, para em seguida pedir que cada um fale sobre o companheiro com quem conversou. Com os comentários pode-se discutir as relações humanas.

3. Aprendendo nomes

Jogo - Com o grupo caminhando pela sala (ou sentado), solicita-se aos alunos que falem seus nomes uns aos outros. Em seguida, pede-se a cada aluno que repita os nomes de todos os colegas, repetindo até que todos os nomes sejam memorizados.

Comentário - Facilita o relacionamento entre aluno-aluno e professor-aluno, permitindo uma denominação correta das pessoas presentes na sala. O jogo foi associado a uma visão geral da disciplina EL-307, com a denominação dos conteúdos programados.

4. Inversão de Papel

Jogo - Aproveitando esta técnica do psicodrama, considerada uma das mais ricas na obtenção de resultados terapêuticos, coloca-se o grupo dividido em duas partes: uma defendendo a teoria de Skinner, e a outra, a teoria de Rogers

(após a leitura e reflexão sobre o texto). No momento em que a discussão começa a contagiar os debatedores, aplica-se a Inversão de Papel, ou seja, os Rogerianos passam a defender Skinner e os Skinnerianos a defender Rogers.

Comentário - Defendendo diferentes linhas teóricas, amenizam-se os posicionamentos radicais diante dos modelos teóricos apresentados.

5. Labirinto

Jogo - Com as carteiras e mesa da sala, constrói-se um labirinto e sugere-se aos alunos que o percorram de olhos abertos. Em seguida, pede-se a cada membro do grupo que percorra o labirinto de olhos fechados, diante dos colegas.

Comentário - A partir de um clima lúdico e relaxado, inicia-se um debate sobre a inteligência animal (ratos em labirinto) e a humana.

6. Conflito

Jogo - Solicita-se aos alunos que formem um círculo de mãos dadas. Em seguida, que caminhem todos para o lado esquerdo, depois para o lado direito, para trás e para frente. Pede-se, então, para fecharem os olhos e definirem, em segredo, para qual direção querem seguir. Faz-se um pequeno intervalo e diz-se aos alunos para que abram os olhos e caminhem, sem parar, na direção que escolheram.

Comentário - Cria-se um situação de conflito, com os membros do grupo caminhando em diferentes direções. Aproveita-se para discutir a teoria de Erikson sobre os conflitos no desenvolvimento humano.

7. Sensorial

Jogo - Pede-se aos alunos que caminhem pelo centro da sala (dentro de um círculo de carteiras), com os olhos fechados, tocando o rosto dos colegas com as mãos, procurando identificar cada membro do grupo apenas pelo tato.

Comentário - a partir desse jogo, inicia-se a aula sobre sensualidade e sexualidade no desenvolvimento humano.

8. Mímica

Jogo - Coloca-se com fita crepe ou clip, um cartão nas costas de cada aluno, com diferentes atividades profissionais escritas em cada cartão: professor; dentista; alfaiate; motorista; etc. Em seguida, pede-se ao grupo para ajudar cada pessoa (através da mímica) a descobrir a atividade mencionada em respectivo cartão.

Comentário - A partir desse jogo, discute-se o problema da escolha profissional na adolescência, seus interesses, aptidões e a importância de um "fazer" significativo na existência humana.

9. Fisionomias

Jogo - Solicita-se ao grupo para dividir-se em duplas e posicionarem-se um de frente para o outro. A seguir, pede-se que expressem e identifiquem diferentes sentimentos pela expressão fisionômica.

Comentário - Além de ser importante para melhorar o inter-relacionamento grupal, pela proximidade e sentimentos expressos, serve como ponto de partida para estudar o desenvolvimento afetivo-emocional.

10. Equilíbrio

Jogo - Divide-se o grupo em duplas, posicionando-os um em frente ao outro, com os pés juntos, tocando pelas pontas dos pés. Segurando as mãos do colega, pede-se para cada um ir soltando o corpo lentamente para trás, até atingir uma posição de equilíbrio, sem fazer força. Depois, fala-se para que façam o jogo em três, quatro, cinco, até que todo o grupo participe em círculo, jogando o corpo lentamente para trás, até atingir o equilíbrio em grupo.

Comentário - O jogo mostra a possibilidade de estabelecer relações de equilíbrio tanto em duplas, como em grupos, criando um clima propício para introduzir o tema do desenvolvimento social.

11. Nascimento

Jogo - Pede-se aos alunos que relaxem e soltem o tronco e a cabeça sobre as coxas, sentados. Então, solicita-se para voltarem gradativamente ao passado de suas existências, até imaginarem que estão no útero materno. Em seguida, pede-se que imaginem que estão nascendo, movimentando o corpo e sentindo os estímulos externos (auditivos, táteis, etc...), como se fosse pela primeira vez.

Comentário - O jogo é usado como base para discutir os primeiros anos de vida e o nascimento no desenvolvimento humano.

12. Limite do Si Mesmo

Jogo - Pede-se para um aluno ficar em pé no centro da sala. Coloca-se um colega de frente para ele pelas costas, outro pelo lado direito, outro pelo lado esquerdo e outro a sua frente.

Solicita-se ao aluno do centro que feche os olhos, então, sugere-se que cada um dos outros quatro sucessivamente caminhem lentamente em direção ao aluno do centro, e que parem somente no momento em que ele disser: - Pare! Ao aluno que está no centro, pede-se que procure sentir a aproximação dos quatro colegas e que lhes peça para que parem a uma certa distância de seu corpo, que lhe permita um espaço mínimo rodeado pelos colegas, dentro do qual sintam-se bem fisicamente.

Comentário - Em biologia fala-se de um espaço pericorporal, que todos os seres vivos têm necessidade de ter ao seu redor, para sentirem-se bem fisicamente. Em psicologia, semelhante ao espaço pericorporal, existe um espaço psicológico, denominado Limite do Si Mesmo, para nos sentirmos bem psicologicamente. É dentro desse espaço que guardamos nossos segredos íntimos e nossos papéis em estado de imaturidade. O jogo serve para debater a Teoria dos Papéis.

13. Tensão

Jogo - Em círculo de mãos dadas, solicita-se aos alunos que caminhem em direção ao centro, de olhos fechados, até encontrarem um obstáculo no corpo dos colegas. Logo após, que façam o mesmo movimento de olhos abertos, depois de retornarem à posição do círculo aberto. Depois, que caminhem sem parar em direção ao centro, interrompendo o movimento no local em que estiverem, ao ouvirem a palavra: - Pare! Repete-se o movimento e a imobilização durante algumas vezes.

Comentário - Com esse jogo começa o tema dos Mecanismos de Defesa e a sua função de aliviar a tensão gerada por situações internas ou externas, no organismo humano.

14. Epilepsia (Dramatização)

Jogo - Após um aquecimento do grupo, caminhando pela sala, respirando e espreguicando o corpo, pede-se a um aluno para assumir o papel de uma pessoa apresentando um ataque epiléptico, e aos outros alunos que procurem lidar com o problema. Em seguida, a partir de uma discussão sobre o tema, repete-se a dramatização.

Comentário - é comum a ocorrência de ataque epiléptico em sala de aula, por isso, é importante que um educador tenha noções de como agir numa situação real. Essa dramatização abre espaço para o tema do desenvolvimento físico e suas implicações psicológicas.

15. Consciência Social (Dramatização)


Jogo - Após um aquecimento (movimentando o corpo), pede-se aos alunos que construam um cenário, que possibilite um encontro para debater a condição existencial humana, a partir da leitura do texto "Consciência Social". Distribuem-se os papéis, com os alunos assumindo diferentes categorias sociais: um artista; um operário; um professor; um pesquisador; um político; etc.

Comentário - Essa dramatização permite a aplicação de várias técnicas do psicodrama, além da participação final dos alunos que não dramatizaram, com seus comentários pessoais.

TESTE SOCIOMÉTRICO

Moreno criou a Sociometria para investigar e mensurar as relações interpessoais, por intermédio da análise do sociograma, que é o resultado da aplicação de um teste sociométrico objetivo ou perceptual.

Bustos (1978, p.13), recorda que o primeiro estudo



sociométrico realizado por Moreno foi apresentado em 1932, de um teste aplicado na escola de instrução para meninas, em Hudson, Estado de Nova York.

Analisando os resultados da aplicação de um teste sociométrico objetivo nos alunos de El-307, utilizamos os dados obtidos para interferir no grupo, com o objetivo de facilitar o inter-relacionamento dos alunos.

O primeiro teste foi aplicado no início do semestre (15/03/90). Posteriormente, reaplicamos o mesmo teste no final do semestre (28/06/90), constatando que, apesar de não muito significativa, ocorreu alteração entre o primeiro e o segundo sociograma, que comentaremos a seguir.

A aplicação é bem simples. Pediu-se aos alunos que escrevessem no alto de uma folha seus próprios nomes. Abaixo do nome, bastava que anotassem em primeiro lugar e em segundo lugar, os nomes dos colegas com os quais sentissem mais afinidade dentro do grupo.

Na Tabela 1, na página seguinte, estão registrados os resultados dos dois testes aplicados durante o primeiro semestre de 1990, nas datas já citadas. Os nomes dos alunos participantes foram omitidos, por tratar-se de uma informação confidencial. Seus nomes foram substituídos por números, considerados em ordem crescente de 1 a 17.

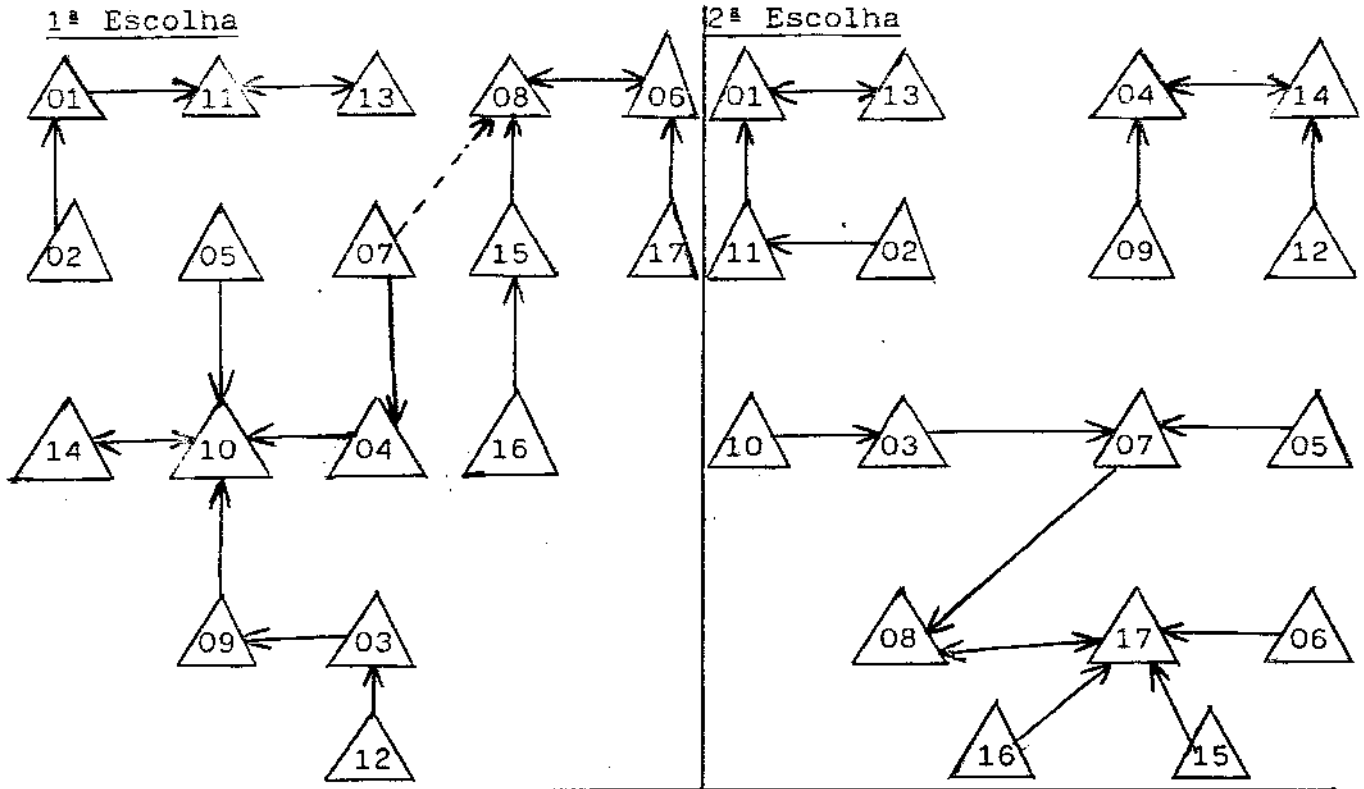
A partir dos resultados registrados na Tabela 1, estruturamos dois sociogramas (1a. e 2a. escolhas) feitas pelos alunos em cada uma das datas de aplicação do teste sociométrico, colocadas na pag. 33, logo em seguida da tabela, por força de uma melhor distribuição gráfica na diagramação deste capítulo.

	Teste-A 15/3/90		Teste-B 28/6/90	
	1ª	2ª	1ª	2ª
ALUNOS				
01-	11	13	05	11
02-	01	11	10	11
03-	09	07	14	09
04-	10	14	10	07
05-	10	07	11	13
06-	08	17	10	08
07-	04	08	04	06
08-	06	17	06	09
09-	10	04	10	04
10-	14	03	14	03
11-	13	01	13	05
12-	03	14	14	03
13-	11	01	11	05
14-	10	04	10	04
15-	08	17	15	17
16-	15	17	15	17
17-	06	08	14	06

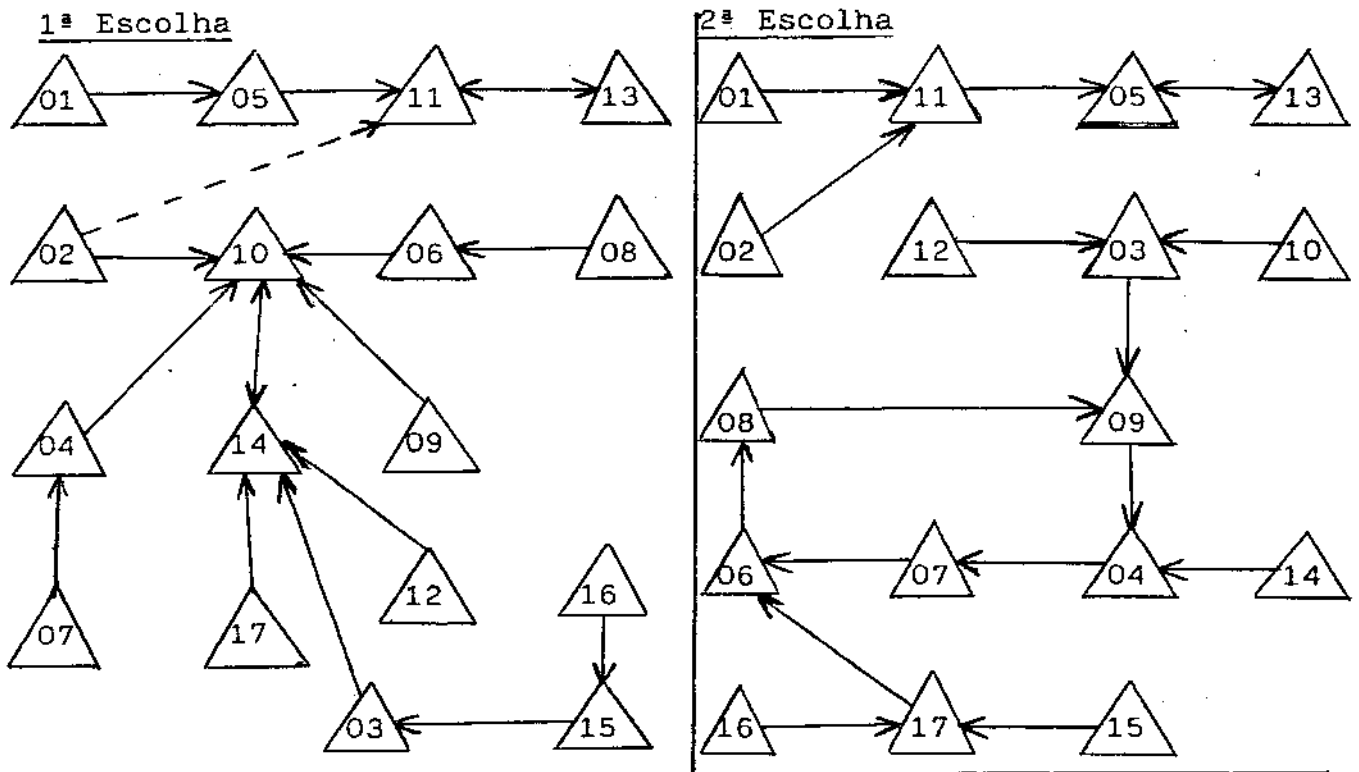


JICAMP

TESTE - A (15/03/1990)



TESTE - B (28/06/1990)





Analisando a primeira escolha do primeiro teste, pode-se observar o grupo dividido em três partes, sendo que, acrescentando-se a segunda escolha do No. 7 (em linha pontilhada) para o No. 8, continua dividido em duas partes.

Na primeira escolha do segundo teste, pode-se observar o grupo dividido em duas partes, sendo que, acrescentando a segunda escolha do No. 2 (em linha pontilhada) para o No.11, o grupo fica unido pelas escolhas.

O fato do grupo ter ficado unido pelas escolhas no segundo teste, pode significar que ocorreu uma mudança positiva no inter-relacionamento grupal, do primeiro para o segundo teste.

O teste sociométrico é um instrumento muito útil quando se trabalha com o psicodrama e são inúmeras as possibilidades de sua aplicação em sala de aula. Esta pesquisa é apenas uma pequena amostra do que pode ser feito, sempre na dependência da disponibilidade de tempo, do espaço físico da sala de aula, dos recursos humanos (ego-auxiliar), e da disposição dos alunos em participar de uma nova experiência com a metodologia do ensino.



JNICAMP

COMENTÁRIOS

CAPITULO III

METODOLOGIA

"O mundo é múltiplo para o homem e as atitudes que este pode apresentar são múltiplas."

Newton Aquiles Von Zuben

Em sua evolução, a Filosofia tem questionado a relação entre sujeito e objeto, ou conhecedor e cognoscível, considerando os aspectos objetivos e subjetivos do conhecimento, e também quanto às qualidades do objeto, se lhe são inerentes ou criadas pela mente do sujeito.

Ao se privilegiar o sujeito, a atividade cognitiva era considerada subjetiva; e objetiva, ao se considerar o objeto. Isto implica na antiga questão do nativismo e empirismo, e suas respectivas doutrinas: idealista e materialista - tema de intermináveis discussões filosóficas.

Na fenomenologia, objeto e sujeito já são estudados em uma relação de interdependência, ou de dependência mútua, isto é, não há consciência sem mundo, nem mundo sem a consciência para percebê-lo.

A origem da fenomenologia esta no "phainomenon", naquilo que se mostra, que se manifesta. Fenômeno é aquilo que se abre a nossa compreensão, ao mostrar-se, ao tornar-se manifesto em suas possibilidades de manifestação. O sufixo "logia" na fenomenologia, refere-se àquilo que se mostra através



do discurso, o logos tem o atributo de esclarecer, de permitir que as coisas se mostrem como são, como coisas. É a revelação do mundo uns-aos-outros (diálogo). O ser manifesta o mundo que se manifesta ao ser.

"O diálogo é para Buber a forma explicativa do fenômeno do interhumano. Interhumano implica a presença ao evento de encontro mútuo. Presença significa presentificar e ser presentificado. Reciprocidade é a marca definitiva da atualização do fenômeno da relação." (Von Zuben, 1979, p. XLVIII)

O fenômeno só existe quando há uma consciência para percebê-lo. O objeto só é considerado como tal, quando sua existência é intencionada na consciência. A conceptualização da experiência depende da relação estabelecida, entre o objeto e a consciência intencional do sujeito que o percebe.

A fenomenologia procura interpretar e compreender esse ser-ao-mundo-com-os-outros-em-diálogo, experienciando uma relação que depende da intencionalidade.

A ação consciente posiciona o sujeito frente ao objeto, e a apreensão do objeto constitui a objetividade, no momento em que o objeto é desmembrado em suas essências, na consciência, enfatizado por França (1984, p. 24):

"Por essência aqui se entende que a consciência só é consciência por existir algo que não é ela (objeto), mas sem o qual ela não seria o que é. Neste caso, "objetividade" e existência são sinônimos, superando-se a dicotomia sujeito-objeto."

Essa evolução da Filosofia, com a superação da dicotomia sujeito-objeto, foi de importância fundamental para a Psicologia, libertando-a dos conflitos metodológicos antes

insolucionáveis, sobre os aspectos quantitativos e qualitativos.

Conseqüentemente a questão do nativismo e empirismo fica resolvida nesse novo método de abordagem em ciência, fundamentado em um posicionamento filosófico contemporâneo.

Isto não significa que a abordagem fenomenológica deve ser privilegiada, relegando-se outras metodologias ao passado, mas sim, que em determinadas pesquisas, nas quais os outros métodos são insatisfatórios para lidar com o fenômeno de estudo escolhido, com a fenomenologia pode-se superar os limites impostos pela visão dicotomizada de sujeito e objeto.

O método fenomenológico consiste essencialmente na redução fenomenológica, descrição e interpretação.

Husserl, ao criar a fenomenologia, procurava um método para a filosofia, denominando-a "ciência do rigor", descrevendo em segundo momento uma fenomenologia existencial, na qual o ser humano poderia atuar como observador de si próprio.

Ao intencionar o mundo através da consciência, a experiência seria o resultado de uma vinculação do ser humano ao mundo em determinado contexto. Essa vinculação da consciência à existência é manifestada pelo ser humano nas diferentes formas de linguagem (símbolos), havendo necessidade da interpretação, desde que, há uma causalidade múltipla, quando falamos do ser humano como sendo uma multiplicidade. Na fenomenologia, o próprio pesquisador torna-se um instrumento da pesquisa.

Em Psicologia, essa nova metodologia permite estudar os fenômenos em seus aspectos essenciais, pela redução-descrição-interpretção, não se limitando mais a uma simples introspecção ou estudo de comportamentos observáveis.

Na redução, observa-se o fenômeno em seus significados peculiares, é o momento de ir ao fenômeno, sem idéias preconcebidas, valores rígidos, ou opiniões e juízos pré-formados.

A redução não reduz o mundo a uma idéia, ela apenas deixa transparecer o mundo tal qual ele é. A redução permite distinguir fatos e essências, sendo que, para compreender os fatos, a consciência depende dos conceitos, das essências, que devem trazer suas relações com o vivido.

A consciência anterior ao momento da intencionalidade, é uma inconsciência de si mesma, que torna-se consciência de algo, responsável pelo sentido dos fenômenos, no momento em que o ser humano intenciona o mundo, ou um aspecto dele.

Na redução considera-se o mundo como correlato da consciência, para explicitar as estruturas dessa correlação noético-noemática, onde há uma relação contínua entre a prática (Noema: ato do conhecimento) e teoria (Noesis: conteúdo relativo ao ato do conhecimento).



Na conceptualização da experiência, encontramos a essência, no momento em que a consciência descreve a experiência, cujo núcleo será a essência: o sentido de ser do fenômeno. Primeiro nascemos, depois construímos uma teoria sobre o nascimento, primeiro vem a ação, depois a teorização, como no Psicodrama, onde os comentários e/ou análise sucedem a

ação dramática.

Depois da redução, vem a descrição, momento em que descreve-se o fenômeno tal qual ele se dá a conhecer, com a finalidade de apresentar o fenômeno com a maior clareza possível.

Na descrição exclui-se a teoria a priori, eliminam-se os aspectos subjetivos, a tradição e a autoridade. Mas, como o fenômeno é inesgotável em seus sentidos, na fenomenologia compreende-se que a mudança de perspectiva, ao focar o fenômeno, acrescenta descrições inéditas, fato que exige do pesquisador um aprofundamento criterioso no tema, para selecionar as perspectivas mais relevantes. No momento da descrição, conforme assinala França (1989, p. 32):

"Cabe, então, uma análise descritiva que procure tornar explícitos os significados implícitos na experiência vivida, de tal forma que o fenômeno se torne presente e possa ser interpretado."

Na interpretação, última fase do método fenomenológico, o pesquisador vai procurar pelo desvelamento da verdade, vai buscar os significados latentes, ainda ocultos durante a descrição, segundo Ricoeur (1979, p. 15):

"...o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal."

A interpretação é que direciona o pesquisador para encontrar um meio de tornar a compreensão explícita. Não importa, nesse momento, uma compreensão atribuída pelas palavras, e sim os verdadeiros significados que são anteriores ao sistema lógico da linguagem.

É um texto primordial onde o importante não são os significados atribuídos ao objeto pelas palavras, mas sim como o objeto se apresenta, num sentido direto, num desvelamento ontológico, que represente a existência humana.

Essas três fases não são momentos isolados no decorrer da pesquisa, e sim uma postura do pesquisador envolvendo as três fases inter-relacionadas, num mesmo conjunto.

É bom ressaltar que a importância e possibilidades de aplicação da fenomenologia, indiscutivelmente, superam os limites das informações aqui contidas, desde que, nosso objetivo foi apenas, o de apresentar algumas noções teóricas a respeito da metodologia que fundamenta esta pesquisa.

PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS

Escolhemos a questão abaixo citada, objetivando que ela fosse a mais aberta possível, para evitar a indução de respostas nos sujeitos da pesquisa.

"Faça uma reflexão e descreva o significado de suas experiências no decorrer do curso EL-307."

Como já foi citado anteriormente, num primeiro momento, utilizamos um questionário que não atingiu os objetivos de obtenção dos dados, por isso, reaplicamos as técnicas em outra turma evitando uma avaliação quantitativa, indutora de respostas.

Sem querer menosprezar as avaliações quantitativas, cujos resultados podem ser excelentes em outros contextos, no

caso desta pesquisa, a avaliação qualitativa provou ser um instrumento mais eficaz na coleta de informações.

Evitamos uma pergunta específica sobre os jogos psicodramáticos, para que o significado atribuído pelo aluno a esses jogos pudesse, eventualmente, emergir de modo espontâneo em seu discurso sobre o curso como um todo.

Solicitou-se a colaboração dos sujeitos para responderem a questão com toda a liberdade, descrevendo o significado global de suas experiências no referido curso.

Para evitar a interferência das notas na elaboração dos depoimentos, elas foram discutidas e determinadas antes da questão ser respondida.

Pediou-se aos alunos que fizessem uma reflexão, ou seja, uma volta da consciência sobre si mesma, que permitisse uma recuperação da experiência por meio do intelecto, na busca do "significado" (de suas experiências), em seu próprio sentido idiossincrático, na peculiaridade individual de cada aluno. Conforme esclarece Brito (1984, p. 51): "O significado é a representação mental que o ser humano possui dos fenômenos experienciados no decorrer de sua vida."

Foram recebidos um total de 17 depoimentos, correspondentes ao número de alunos que cursaram a referida disciplina, os quais foram numerados aleatoriamente.

PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DEPOIMENTOS

O objetivo principal e inicial, foi o de aproximar-se do fenômeno e captá-lo sem a influência de idéias pre-



estabelecidas, com o objetivo de uma avaliação qualitativa.

A coleta de dados foi elaborada de forma a evitar, inclusive, a denominação de "jogos psicodramáticos", na questão escolhida, eliminando os pré-julgamentos ou influências teóricas do autor da pesquisa.

Dessa forma, o fenômeno apresentou-se espontaneamente, com as técnicas psicodramáticas sendo citadas dentro de um contexto mais amplo, caracterizado pelo curso de EL-307 como um todo. Esta abertura diante do fenômeno, permitiu que ele emergisse das experiências dos alunos, com um significado puro, estruturado na reflexão.

Com os 17 depoimentos já datilografados para facilitar o acesso ao material, foi iniciada a análise e interpretação, fundamentada nos quatro momentos metodológicos já utilizados por Giorgi (1985, p. 9-22), em publicação recente, com as devidas adequações a esta pesquisa. Conforme França (1989, p.38-41), esses quatro momentos, podem ser assim descritos:

O Sentido do Todo

Os depoimentos são lidos um a um, com o objetivo de organizar um sentido geral do todo de cada depoimento e em seu conjunto.

Obtêm-se assim, uma compreensão da linguagem contida no texto; e na releitura atenta, baseada numa visão léxica e sintática, já vão sendo identificadas as unidades de significado, aprofundando ainda mais essa compreensão.

Identificação das Unidades de Significado numa perspectiva Psicológica

As unidades não existem "per se", e sim em relação à perspectiva do autor, que em nosso caso é psicológica, mas, poderia ser histórica, política, sociológica ou outras.

Na impossibilidade de analisar os depoimentos simultaneamente, é necessário dividi-los em unidades, que emergem do texto, como assinala França (1989, p. 39): "As mudanças ou transições nos significados são notadas quando o produtor do texto muda de um valor para outro na sua descrição."

As unidades de significado são constitutivas do texto e não um simples elemento isolado. São analisadas aqui numa perspectiva psicológica, nas descrições dos sujeitos a respeito do fenômeno enfocado.

Transformação das Expressões Cotidianas dos Sujeitos numa Linguagem Psicológica

As unidades de significado do texto são transformadas em linguagem psicológica, substituindo a denominada "linguagem leiga".

Como não existe um padrão de linguagem psicológica, devido aos diversos sistemas teóricos que compõem a Psicologia, pode-se utilizar a linguagem do português formal, com clareza, dentro de uma perspectiva fenomenológica.

As transformações são realizadas fundamentadas na reflexão, e variação imaginativa, assim explicitada por França (1989, p. 41):

"Por variação imaginativa não se entenda uma imaginação que flutua livremente, mas sim uma imaginação disciplinada, sistemática, que se utiliza de indicadores contidos nos textos e é limitada por exemplos inerentes ao mesmo."

Verifica-se aquilo que o narrador expressou em seu depoimento, com a sua terminologia, tematizando as percepções e intenções do sujeito, ao referir-se ao fenômeno que está sendo estudado.

Síntese das Unidades de Significado Transformadas

Elabora-se uma sintetização das unidades significativas já transformadas, para a construção de uma proposição psicológica consistente em cada categoria, observando-se as convergências entre os sujeitos em cada categoria das unidades de significado.

CAPITULO IV

DEPOIMENTOS

"O ser humano pode agir como observador de si mesmo, assim sendo, é capaz de estar atento às suas atividades, ao seu próprio experienciar.

Carlos França

Organizou-se uma cópia datilográfica "ipsis litteris", dos depoimentos manuscritos que os alunos do curso EL-307 entregaram no final do semestre, que serão transcritos a seguir:

Depoimento 01

Pessoalmente, o curso de Psicologia foi bastante produtivo enquanto ser humano que sou. Durante as aulas, percebi claramente um caminho percorrido que partiu de um ponto particular (o que é o ser humano?) até as relações (ou a complexidade de relações) de que esse ser é capaz.

Refletir sobre minha condição de ser humano enquanto indivíduo que sente, pensa e age, foi condição básica para meu aprimoramento como pessoa e como futuro profissional.

O curso de EL-307 possibilitou, ainda, que eu me descobrisse enquanto um eu que é capaz de agir, influenciar e transformar o meio em que vivo.

Esse fato, na minha opinião, é condição essencial para aqueles que (como eu) querem ser professores e, como tais,

pretendem engajar-se numa atividade transformadora.

Assim senti-me no curso: uma pessoa modificada e com o mínimo de instrumentos para tentar transformar outros seres.

A metodologia do curso acrescentou algo inovador à minha experiência pessoal: o psicodrama. Esta técnica, pela maneira como foi trabalhada (ou seja, em correlação aos conteúdos teóricos) permitiu que eu percebesse pontos da minha personalidade e de outras pessoas com as quais me relaciono, até então não percebidas. A meu ver, a metodologia tradicional não pode ser descartada, já que o curso implica em conceitos, teorias e experiências que desconhecemos enquanto estudantes.

Acho que a interação professor-aluno foi bastante positiva. Pelo menos para mim, houve a verdadeira empatia e a comunicação necessária para que atingíssemos nossos objetivos (tanto os objetivos pessoais como os comuns).

Enfim, o curso de Psicologia foi importante para que eu refletisse e transcendesse meus limites, conseguindo assim pensar numa práxis profissional e social.

Depoimento 02

Meu contato com o conteúdo teórico foi bastante produtivo porque, em sua maioria, foi algo novo. Percebi que muitos dos fatos descritos e discutidos são vividos no dia-a-dia mas, nós, seres humanos, não paramos para refletir sobre eles. Antes, eu via determinadas teorias como se tudo fosse um teatro e "eu", a plateia. Hoje percebo que eu também faço parte desse teatro pois, não existe uma cortina dividindo esses dois espaços:

a teoria e a minha experiência individual. E, essa atividade reflexiva perante os fatos que chamam a nossa atenção foi minha maior descoberta nesse curso. É bom saber que com um esforço da minha parte, pensando, eu posso resolver muitos problemas (não só os meus, mas também, os das pessoas que me rodeiam). Sinto-me até um pouco "envergonhada" de ter descoberto isso aos 21 anos... Descobri que "se eu me dar" alguns minutos, parar tudo, sentar, me controlar e raciocinar claramente e calmamente sobre o dito (em aulas), o escrito (nos livros, nas teorias) e o pensado (a minha reflexão); posso chegar a uma solução satisfatória, coerente e consciente sobre algo que me aflige. É uma caminhada.

Clareza de raciocínio é algo que adquirimos em decorrência de uma certa reflexão. Para mim, determinado conteúdo teórico ficou claro porque eu refleti sobre o lido tentando acompanhar o raciocínio do "autor do texto" (um exemplo) e, posteriormente, pensei sobre o lido e dei um passo na minha leitura, interpretando o texto. Isso envolve dois momentos: o 1o. que é o entendimento do texto de acordo com o que o "texto" traz, as idéias que o autor quer transmitir; e um 2o. momento que envolve muito mais a minha reflexão e o que o texto significou para mim. Esse 2o. momento envolve também a referência à minha experiência vivida; é a minha interpretação. A meu ver, é isso que importa quando faço uma leitura pois é o que fica marcado em mim. O mesmo ocorre com suas aulas expositivas Valério, penso sobre o que você pensou, procuro refletir sobre isso e chego a uma conclusão, que talvez não seja a sua. É esse algo "autêntico", que eu produzi, que registrei em minha memória como



aproveitamento do seu curso. Esse foi o meu "crescimento", resultado da minha própria reflexão, se e que assim o posso chamar.

Se não houvesse participação no curso, de ambas as partes ("minha" - de receptora do conteúdo teórico e da experiência que você passou e "sua" de emissor disso tudo), esse aproveitamento final referido acima seria impossível pois, "envolve o envolvimento" tanto do aluno quanto do professor.

Estou certa de que me envolvi pessoalmente com o curso. No começo estava assustada pois percebi que "nossas discussões" estavam mexendo comigo. Quando vi algo de positivo nisso, tirei proveito; passei a me ajudar e a ajudar outras pessoas. Ao menos, cheguei a um nível consciente de me compreender e compreender outras coisas e outras pessoas que eram enigmas para mim. Aprendi a olhar tudo com "dois olhos"... um de dentro para fora e outro de fora para dentro. Esse segundo item é que foi interessante pois nem a melhor máquina fotográfica pode revelar o que somos se não temos um auto-conceito da pessoa que somos.

A metodologia utilizada, apesar de ser a tradicional, me levou a pensar que às vezes é melhor ouvir. Aprendi a prestar mais atenção no discurso dos outros (Antes eu falava muito sem dar muita atenção ao pensamento dos outros)... o "sábio cala", né?

Gostei dos jogos, principalmente porque eram feitos no início da aula e me proporcionasse um relaxamento das tensões do dia. Assim, eu me envolvia mais com aula, unindo a prática a teoria, o corpo e a mente... o curso me fez bem.

É claro que nada é perfeito e cada um tem sua opinião,

sua critica "construtiva" e suas sugestões. Ah! Também tenho algumas perguntas para fazer. Mas...isso a gente vê depois, né?

Até quinta!

Depoimento 03

Olhando para trás e tentando rever o curso percebo que há um ponto marcante: a minha visão do ser humano e sua alteração, ou melhor enriquecimento.

No inicio apenas consegui vê-lo de forma um pouco diferente: ele era mais próximo de mim, não era somente aquela definição que constava nos livros de filosofia: ele existia mesmo.

Logo adiante, tive uma outra descoberta; conversando com as meninas e pensando no que eu sentia fazendo os "joguinhos: me descobri ser humano.

Essa descoberta foi super importante pra eu poder tomar uma posição e ver as outras teorias que eram discutidas; agora eu não precisava pensar a partir do que outros "senhores ilustres" pensaram, eu assim como eles via e sentia tudo o que se passava c/ os seres humanos (havendo, talvez, diferença de profundidade no pensamento, mas acho que só esta). É muito mais fácil educar adolescentes, sabendo e tendo sempre em mente que eu fui (sou) um adolescente, que passei e passo por conflitos como eles; a educação saindo de mim me permite acreditar realmente nela e é claro, fazer com que outras pessoas também acreditem.

As outras pessoas, continuam sendo as outras pessoas, mas se assemelham muito a mim; podemos entrar em relação de




trocas e até mesmo de destruição, depende de mim qual o tipo de relação que vou ter vou ter com o outro. É ótimo saber disso, não só como possível futura educadora, mas principalmente como ser humano aqui e agora.

O ponto alto do curso realmente foi a descoberta de mim como ser humano, depois desta, as outras vieram meio que por consequência e ela também implicou em algumas consequências, tais como: este acabou sendo o único curso no qual eu me sinto a vontade pra dar e receber alguma coisa; quando olho para os lados vejo pessoas e tenho chances de me questionar o porque de agir diferente com cada uma delas; não vejo a ciência como uma coisa tão distante de mim mas me sinto a vontade para questioná-la e deixá-la ou não aproximar-se de mim; (sabendo das consequências em que isso pode chegar) e outras coisas que talvez ainda não tenha percebido.

Não sei se respondi a questão (Um parentesis: a Silvia me diz que escrevi demais). Engraçado, chego ao final do curso sentindo-me a vontade pra escrever realmente o que pensei e o que sinto, sabendo que tudo o que eu fizer terá alguma implicação sobre mim, até mesmo sobre minha parte inconsciente e seus mistérios.

Depoimento 04

No primeiro dia de aula, foi pedido para que todos escrevessem o que é um ser humano. Nesse dia, cada pessoa expôs no papel a sua visão do que é um ser humano. Não sei se todos conseguiram chegar a alguma conclusão ou descrição concreta do



que é o ser humano nesse primeiro dia de aula, mas ao longo do curso fomos aprendendo pouco a pouco sobre esse ser tão complexo.

Começamos aprendendo que o ser humano é um ser que pensa, sente e age. Pensa com a mente, sente com o corpo e age com o ambiente. Depois aprendemos separadamente o que é o pensar, o que é o sentir e o que é o agir. Os problemas foram sendo expostos progressivamente, assim, aprendemos como o pensar, o sentir, e o agir influenciam um no outro e como se interligam. Posteriormente aprendemos como esses três "sentidos" fazem parte de uma pessoa. Foi apresentado quais são os tipos de problemas que cada um desses sentidos pode apresentar numa pessoa. Assim como os sentidos se interligam e se influenciam um no outro, seus problemas também se interrelacionam. O problema em um sentido tem conseqüentemente reflexo nos outros sentidos, construindo assim um problema complexo (ligando os 3 sentidos) num ser humano.

Durante as aulas foram feitos jogos para que cada pessoa pudesse viver na prática o que aprendeu teoricamente, sendo que nesses jogos participava quem quisesse. Particularmente, eram nesses jogos que eu me sentia mais envolvida na aula, envolvida não no que diz respeito a estar prestando atenção ou não na aula, mas sim como se aula também estivesse sendo dada por mim, pois eu estava ajudando na prática da aula.

Podemos dizer que nesse curso montamos um quebra-cabeça, em cada aula fomos encaixando algumas peças para que no final do curso pudéssemos ver o quebra-cabeça todo montado e chegar a conclusão que montamos um ser humano.

Depoimento 05

Metodologia - dois aspectos foram utilizados no decorrer do curso, os jogos e a exposição oral.

Os jogos com relaxamento, introspecção e experimentação me parece ser um dos aspectos muito util na sala de aula, desde que adequado as circunstancias do momento e que o professor esteja seguro da tecnica de aplicação do mesmo. Pelo que observei e importante tambem para os jogos funcionarem de maneira satisfatória e corresponder às expectativa propostas não expor antecipadamente possiveis reações durante a realização do mesmo, bem como possiveis resultados.

É expor o jogo, o objetivo a que se propõe e conseguir a participação de todos.

Acredito mesmo que a cada aula poderia haver um jogo. Ele propicia inclusive maior interação do grupo entre si e c/ o professor.

A exposição oral, tradicional, traz por vezes, os pecados já conhecidos - um certo alheamento, dispersão etc, mas tambem apresentou aspectos importantes como a bibliografia a cada aula; uma síntese do assunto a ser exposto que facilitava o acompanhamento do tema da aula, a sua compreensão e mesmo memorização.

O conteúdo teórico, uma introdução a psicologia, abordando aspectos fundamentais na constituição e desenvolvimento do ser humano foi um outro ponto forte. Despertou muita gente, mexeu com elas e as levou a ler e buscar respostas.

Uma ressalva é para a tentativa de transpor tudo isto

para a área da educação (escola propriamente dita) caindo às vezes numa "transformação" que invalidava parte da essência do assunto exposto. Tornar o assunto da maior compreensão possível e aproveitamento é louvável mas o resultado pode, nem sempre, ser o ideal. (Algo como dar o apelido numa hora de identificação formal).

A empatia e confiança resultam em maior integração dos alunos e professor e isto por sua vez em maior participação.

A tendência natural dos alunos é a de expectadores, ouvinte e por vezes questionador, contestador. Quando o professor consegue "tocá-lo e desperta-lo" para a importância do que se está ensinando-aprendendo, ele tem naturalmente maior participação, frequência e colaboração.

Isto foi bastante evidenciado no decorrer deste curso.


Algo mais para ser experimentado e um pouco mais de discussão com o grupo em cima dos assuntos trabalhados em classe e levantados como tarefa de casa. Penso que isso compensaria "os pecados" da exposição oral e traria novos esclarecimentos sobre os assuntos estudados.

Depoimento 06

Fundamentalmente o que me ficou do curso foi a definição de ser humano, basicamente aquele que pensa, sente e age e, também aquele que vive em conflito.

Ao redor dessa definição, creio que se concentram todas as minhas impressões a respeito do curso.

Minhas experiências no decorrer do curso foram



enriquecidas sobretudo pelos jogos aplicados em classe (talvez porque tenha sido algo nunca visto e, uma vez visto, surtido efeito). Através desses jogos pude absorver mais rapidamente os conceitos emitidos.

Ambos os métodos aplicados (jogos, tradicional) reforçaram ainda mais o meu desenvolvimento com o curso: ao mesmo tempo em que aprendi a utilizar o corpo, pude aprimorar minha capacidade de estabelecer relações e, enfim refletir a respeito de algo.

No que se refere a participação no curso acredito ter participado sobretudo de um jeito interno. Foi através desse tipo de participação em que os conceitos a medida que iam sendo absorvidos eram, também, debatidos, repensados a nível interno. Isso me enriqueceu como pessoa, como ser que pensa, sente e age e vive em busca da suavização dos conflitos e as vezes - solução dos mesmos.


Depoimento 07

Eu me interessei muito pelo curso EL 307 desde a primeira aula. Nesta primeira aula, o professor nos passou as diretrizes do que seria o curso e nos mostrou também a sua bagagem de conhecimentos, o que muito me despertou. Ele também nos falou de psicodrama, termo até então desconhecido para mim, e disse que pretendia desenvolvê-lo conosco, na medida do possível. Durante o curso tivemos algumas experiências relacionadas ao psicodrama, através de jogos. Nestes jogos, caminhamos na sala, sentimos o ambiente, tocamos os colegas, entendemos situações de

conflito, etc. O efeito destes jogos para mim foi uma quebra de barreiras com o ambiente e com os colegas, pois passei a enxergá-los por um outro prisma. Esta consequência é, na verdade, o que vem ser a intenção do psicodrama, isto é, experimentar os fatos e o mundo com o seu próprio corpo; fazer com que as experiências fiquem gravadas também no corpo, e não só a nível do intelecto.

Ao lado destas experiências, acima citadas, um vasto conteúdo teórico nos foi sendo passado. O conteúdo foi dividido didaticamente de modo a facilitar a sua apreensão por parte dos alunos. Em cada aula se discutia um assunto, o que nos permitia uma reflexão sobre o tema daquela aula como um todo. O fato deste conteúdo teórico estar diretamente ligado ao ser humano, e conseqüentemente a mim, muito significou a nível de reflexão. Era comum que eu pensasse sobre o assunto ao sair da aula e conseqüentemente reformulasse as minhas idéias prévias a partir dessa nova reflexão. Isto muito me ajudou para um melhor entendimento do meu EU e do relacionamento entre os seres humanos. Com este curso, muitas idéias que eu já tinha se confirmaram, outras foram pela primeira vez analisadas e aprendidas. Senti também que o professor possuía sempre uma clareza de raciocínio ao explicar o que muito ajudou a esclarecer o meu próprio raciocínio. Este raciocínio foi desenvolvido através do exercício da reflexão, o qual foi muito enfatizado em todo o curso (metalinguagem).

Quanto a participação aluno-professor, percebi que eu me sentia sempre induzida a participar das aulas, oralmente e corporalmente. Pela parte do professor, sua participação se fazia a nível de fazer o assunto interessante para que provocasse



UICAMP interesse nos alunos. Concluiu-se portanto que esta participação atingiu bons resultados tanto para alunos como para o professor.

O meu envolvimento pessoal a nível psicológico foi grande. Além do que já mencionei, houve também, várias discussões, entre meu namorado e eu, sobre os temas discutidos em classe. Percebi também que passei a aproveitar os conhecimentos adquiridos em classe, em outras áreas. Quanto ao nível social, passei a interagir com os meus colegas de uma forma mais verdadeira (cultivando os vínculos reais); e muitas vezes me deparei falando para as pessoas as coisas que havia aprendido neste curso e que acreditava que pudesse ajuda-las também.

No geral, este curso muito me ajudou para solidificar minhas ideias, deu-me noção mais concreta da complexidade do ser humano, despertou-me para um melhor conhecimento de mim mesma e me deu algumas diretrizes para atingir este conhecimento.

Depoimento 08

O significado das experiências no decorrer do curso foi em grande parte, explicitado na minha auto-avaliação, onde me posicionei diante do curso.

Tentarei nesta reflexão, recapitular alguns questionamentos e acrescentar outros aspectos do curso que eu não havia mencionado.

Basicamente o curso significou um crescimento pessoal e profissional (futuramente). Foi muito importante perceber que quando o ensino faz a ligação entre a teoria e a prática, temos

uma visão muito mais clara do que aprendemos.

A metodologia que une a teoria (leitura de textos, aulas expositivas) à prática (jogos, discussões e reflexões) torna o aprendizado mais prazeroso e definitivo. Nesse sentido, houve um crescimento quanto ao meu futuro profissional, pois despertou-me o interesse de criar formas inovadoras para ensinar. Percebi que o ensino pode ir muito além do que a teoria tradicional determina.

Foi muito importante ter um visão geral de teorias opostas para poder compreender que todas as teorias têm seus aspectos positivos e negativos. Cabe ao professor aproveitar os aspectos positivos das teorias e saber lidar conscientemente com os negativos inevitáveis que uma teoria pode trazer.

Quanto à parte prática, é bom lembrar que se nota uma grande dificuldade em fazer com que as pessoas se expressem, digam o que sentem. As discussões parecem ser a parte mais difícil, poucas pessoas falam mas nota-se que todos estamos inquietos e que temos algo para falar.

Escrever parece ser mais fácil que falar, pois não há um enfrentamento direto. Nesse sentido volta-se a importância de unir a prática à teoria, para que as ideias se organizem também a partir das experiências diretas.

Tenho certeza de que, se tivesse havido essa abertura de discussões desde o meu ensino primário, eu teria mais facilidade para me expressar verbalmente e defender as minhas ideias. Portanto, esse curso fez com que eu enxergasse que o papel do professor pode ir muito além dos resultados obtidos em sala de aula. O professor pode despertar no aluno, a coragem



para se posicionar no mundo, na medida em que o aluno se sente respeitado quanto ao seu espaço e ao seu direito de se expressar.

Quanto ao meu crescimento pessoal, percebo que o principal aprendizado foi poder refletir sobre mim mesma. Foi muito importante dedicar pela primeira vez, um tempo para pensar no que sou, que sou um ser humano e em que medida eu me conheço. Ao mesmo tempo, tive que lidar com as limitações normais: não posso me conhecer completamente. No entanto obtive consciência das partes que formam o meu pensamento e conduzem a minha ação.


Senti-me um pouco assustada com o poder que o inconsciente de cada ser humano tem. Mas sei que agora sou menos "alienada", e só o fato de ter consciência da existência do inconsciente já faz com que eu me entenda um pouco mais.

Outro fator que sinto como resultado do curso é que eu passei a ver as pessoas muito mais próximas de mim e sei que todas as pessoas pensam, agem e têm problemas, como eu. Aprendi a me enxergar como parte de um grupo de pessoas - o grupo de seres humanos e sei que somos todos muito complexos.

Esse conhecimento me ajudará muito nos contatos com meus futuros alunos, no sentido de tentar entendê-los muito além daquela parte que é externalizada.

Enfim, o curso significou um crescimento em todos os sentidos e como eu disse na minha auto-avaliação, o crescimento e o auto-conhecimento foram muito válidos, embora às vezes tenha sido penoso, às vezes conhecer alguns aspectos meus dos quais eu nunca tinha me apercebido.

Dentro das minhas dificuldades no auto-conhecimento refiro-me também aos jogos realizados em classe. Acho que esses



jogos são capazes de causar mudanças internas muito rápidas e talvez quinze minutos de jogos sejam equivalentes a várias horas de aula em termos de aprendizado. No entanto, é penoso perceber a dificuldade que tenho de participar deles, porque apesar da vontade de me conhecer que sinto agora, há sempre o medo das mudanças internas as quais tenho que me adaptar ao sair da aula.


Depoimento 08

É impossível fazer isso sem entrar numa auto-avaliação, e numa avaliação do curso.

Sou obrigada a começar confessando que minha opção pela licenciatura não significa absolutamente que eu morra de vontade de ser professora. Numa outra época, numa outra realidade, essa profissão me interessaria. Na situação atual, só em último caso. Isso certamente afetou meu interesse nesse curso, pelo menos a princípio.

Quando pus pela primeira vez os pés nessa sala, eu esperava uma coisa chata, maçante. Eu já tinha tido algum contato com psicologia e achava (quanta pretensão!) que sabia muita coisa a esse respeito. Percebi, durante o Curso, que, se é verdade que eu já conhecia alguma coisa de psicologia, em primeiro lugar, essa alguma coisa não era tanto assim, era pouco mais que nada. Em segundo lugar, meu interesse pela matéria andou decaindo, eu deixei de ler muitas coisas que, inclusive, talvez venham a me fazer falta mais tarde, no próprio curso de letras, ou em alguma outra ocasião.

Não tive qualquer dificuldade de acompanhar o que foi



exposto durante o Curso. Certamente perdi muita coisa, pois faltei bastante, mas as aulas as quais assisti ficaram muito claras para mim.

Esse Curso foi para mim uma explanação resumida de várias teorias, e não se ateve apenas a psicologia do desenvolvimento, o que de certa forma foi bastante positivo, já que um Conhecimento mais generalizado da psicologia, embora possa ser fragmentario, nos dá oportunidade de, uma vez conhecido o panorama geral, nos aprofundarmos mais naquilo que mais nos parece lógico. Por outro lado, o conhecimento panorâmico de qualquer matéria nos confere certa visão critica. Se percebemos que há muitas teorias, muitas das quais diferindo completamente das outras, estaremos menos propensos a ir atrás da primeira coisa que nos enfiarem sob o nariz, sem questionar.


Creio no entanto que a coisa mais importante para mim nesse curso, foi o fato dele me chamar a atenção sobre problemas pessoais meus, dos quais eu andava descuidando muito, ou melhor, que eu não estava tentando resolver de forma nenhuma. Não creio que possa haver coisa mais importante que isso.

Depoimento 10

Como eu havia colocado na minha auto-avaliação, eu acredito que esta não poderia ser feita isolada de uma avaliação do curso em si, já que a minha pessoa enquanto aluno existe em relação ao processo. Deste modo, acabei exagerando na análise do curso e negligenciei um pouco a auto-avaliação. Salada feita, não adianta chorar. Resta-me tentar agora complementar a

análise que iniciei no outro texto, sendo assim recomendo a leitura daquele associada à destas páginas.

Vejamos, inicialmente o aspecto metodológico, já que tratei bastante dos conteúdos no texto anterior. Acho que o curso só lucrou com a sua relativa "elasticidade", conjugando aulas expositivas com discussões não-programadas, dessas que surgem sobre um assunto secundário, dispersando-se um pouco do objetivo central, mas aprofundando o conhecimento onde há mais sede dele e criando de modo eficaz a empatia necessária ao bom andamento. Desse modo a atenção dos participantes é renovada sempre pelo clima de descoberta, de curiosidade e esforço pelo esclarecimento. Nesse sentido os jogos a meu ver foram essenciais, já que promoveram em certa medida a redescoberta dos corpos e dos espaços, neste nosso tempo de torpor e esquecimento promovido pela massificação em todos os setores, inclusive o ensino. Também creio ter aguçado o interesse a sua experiência clínica, os esclarecimentos que voce deu sobre usos e termos de psicologia que apenas sabíamos existir, sem saber o que realmente eram. Não creio que esta liberdade foi mal utilizada pelos alunos. Problemas como indisciplina eu não observei, exceto os "inevitáveis": algumas faltas, falta de algumas leituras... nada que possa culpar o curso isoladamente, mas fatores que caracterizaram o ensino de graduação na Universidade (acho, por exemplo, que se costuma sacrificar uma formação mais integrada e sólida com cursos obrigatórios que ficam no limite do dispensável, o que é um dos fatores que ocasionam uma carga horária excessiva, negligenciando-se a reflexão e a escrita, que se já são problemas fora da Universidade, continuam sendo dentro



dela). Claro que o que eu digo é sobre o que eu conheço, o curso que fiz.

Quanto a clareza de raciocínio creio que a reflexão foi favorecida pela familiaridade que você demonstrou com áreas menos "deterministas" da psicologia, menos "biologistas", mais voltadas para o homem como um ser localizado do que como uma entidade condicionável, porque o homem age e pensa sobre suas ações e desse modo, aprende.

Acho que as salas (grande) favoreceram a dispersão dos alunos dentro dela, as pessoas sempre ficaram isoladas ou em pequenos grupos, o que dificultou em parte o desenvolvimento de conhecimentos e/ou amizades. Dai novamente a importância dos jogos, que libertou em parte as pessoas dessa rigidez de passageiro de ônibus, que sempre olha pra frente ou para os lados vazios, enxergando sem ver, negando a coletividade enquanto se insere nela com certo contragosto. Depois dos jogos as pessoas relaxam o corpo e o olhar, creio que como professor deve ter sido uma experiência gratificante, como foi para mim, que sempre tive muito preconceito com psicólogos em geral e analistas em particular; vejo que perdi muito desse preconceito e inclusive tenho curiosidade de aprofundar meus conhecimentos na área. O que provavelmente me inibirá é que sozinho, perde-se a metalinguagem. Aqui nós discutimos as relações humanas enquanto as promovíamos e as observávamos. Com um livro o processo é bem menos enriquecedor. Quanto a meu envolvimento pessoal, foi até muito bom, costumo ser muito fechado, mas a turma é bem simpática, eles tem uma graça juvenil que já não vejo muito por aí, sem cair no infantilismo (ou "adolescentismo" de só olhar

para o espelho e sempre se achar magnífico).

Creio que é só. Aqui não tratei dos conteúdos, mas queria deixar uma ressalva, acho que poderiam ser mais integrados aos jogos (mesmo sabendo das limitações de horário e talvez de disposição dos alunos), creio que alguns jogos não foram jogados adequadamente (como o do reconhecimento pelo tato, que é difícil e demorado, mas muito instigante), e um planejamento mais detalhado de sua utilização seria útil, talvez.

Depoimento 11

Gostaria de iniciar fazendo uma ressalva. Creio ser impossível avaliar o curso simplesmente como uma realidade externa a mim. Na minha opinião ele só passou a existir, ganhar forma e sentido na medida em que eu tomei parte dele e assim, dei-lhe vida. Da mesma forma, um jogo guardado em uma caixa não é um jogo. Ele só se manifesta na ação dos jogadores. Desse modo essa reflexão será filtrada pela minha experiência pessoal do que foi o curso de EL 307 sob o meu ponto de vista.

A proposta de uma metodologia alternativa, que empregasse jogos de psicodrama adaptados, deixou-me, no princípio, bastante interessada. O uso de uma metodologia falida e ultrapassada é um das causas da falência do nosso sistema educacional, e esses jogos pareciam-me um caminho interessante. Entretanto, com o passar das aulas, os jogos foram perdendo a sua força ao ponto de se tornarem quase vazios no final do curso, quando foram abandonados em favor do monólogo do professor. As aulas, embora tratassem de assuntos bastante

NICAMP

interessantes, tornaram-se terrivelmente monotonas. Contribuiu para que isso ocorresse a abordagem excessivamente superficial dada a assuntos muito interessantes (como a agressividade, por exemplo), o que, por sua vez, inibiu qualquer polemica que pudesse surgir e motivar um verdadeira discussao em classe. Não houve confronto de idéias, elemento na minha opinião imprescindível a qualquer processo de amadurecimento intelectual. Como consequencia, acredito que o envolvimento dos alunos com o curso acabou um tanto quanto prejudicado, parecendo-me resumir-se ao aspecto emocional, à relação que se fazia entre o assunto apresentado e a história de vida de cada aluno. O envolvimento no plano das idéias (que poderiam ter sido discutidas, mas não foram) acabou não se efetuando.

Depoimento 12

É interessante pensar novamente na minha primeira definição de ser humano, hoje compreendo com maior clareza (mas não compreendo totalmente, ainda) o conjunto de elementos que o formam, isso porque eu me compreendo melhor.

Vivenciar certas coisas, experimentar determinados sentimentos, muitas vezes obvios mas não concretos e compreensíveis, ajudou-me a definir, como já disse, não o que é o ser humano completo, mas entendo parte do conjunto que o forma. Vivendo para interiorizar, através dos jogos, aprendi que muitos pensamentos e sensações, que estão no mais intimo do meu ser, podem ser exteriorizados; ou seja, muito do que sou "eu", pode ser mostrado através de brincadeiras, gestos, palavras e outros,

para que eu mesma e para que outras pessoas possam compreender-me melhor (exteriorizar para interiorizar)

Tudo isso se tornou mais claro para mim a partir das exposições teóricas. Quantas coisas que ouvi em aula, que eu disse para mim mesma que eu já sabia aquilo mas não conseguia compreender muito bem o que esse sentimento era na realidade e por isso não conseguia colocá-lo para fora; tudo ficava guardado em minha mente, afinal, eu já sabia aquilo, mas eu não sabia que tudo estava lá, na minha cabeça. É confuso para mim, ainda, tentar exteriorizar alguns sentimentos, por isso alguns assuntos me passaram a necessidade de um maior aprofundamento, principalmente quando se tratava de relacionamento entre as pessoas.


Eu achei muito válida a utilização do psicodrama, porque, para mim, a exclusiva aplicação de teoria, pode levar a um cansaço e a um profundo desinteresse como ocorreram com outros cursos de EL e como ocorrem com outros cursos que nos temos.

A importância de vivenciar determinados conteúdos, na medida do possível, é de grande valor para as pessoas que pretendem lidar com seres humanos, que são diferentes entre si, e não como máquinas que são absolutamente iguais.

Eu me encontrei no curso, em alguns momentos com maior intensidade, porque compreendendo a mim mesma torna-se mais fácil a compreensão daqueles que me cercam.

Depoimento 13

Psicologia Educacional - Desenvolvimento. Um curso



que tinha tudo para ser um curso "pesado", mas realmente não foi. O conteúdo teórico abordado foi muito bem trabalhado; de maneira a englobar a tudo e a todos literalmente falando, foi bastante didático, conseguindo a participação de quase toda a turma.

Frequentemente, quando se trata do ser humano, a teoria é bastante "pesada" e quase sempre incompleta, o que deu para perceber mas mesmo assim foi muito válida. As teorias conseguiram "pescar" cada aluno que se identificava com elas, através de perguntas e participação em aula. (Foi uma das aulas em que houve maior participação da turma).

Apesar desse conteúdo teórico, não foi muito difícil chegar até ele, pois além das aulas expositivas, que não foram muito tradicionais, ajudando a ocorrência da participação em aula e tornando a aula mais produtivas, houve também os jogos. Estes foram importantes nas aulas, na medida em que demonstravam a cada um de nós, que a sociabilidade que pensamos ter não é tão visível assim. O óbvio, quando empregado, não parece mais tão óbvio assim.

Deu para perceber que pessoas que eu julgava serem muito amigas (incluo-me), intimidavam-se, na hora em que teriam que colocar os seus verdadeiros sentimentos para fora.

Sabendo-se como é difícil externalizar esses sentimentos é que deveu-se valorizações dos citados métodos usados em sala de aula.

Passado o constrangimento da socialização, a aula ficava mais leve, e rendia mais.


A partir dessa rentabilidade da aula, chego a conclusão de que além da descontração, um entendimento geral influenciado



pela clareza de raciocínio do professor, trazendo exemplos reais e próximos a nós, e do aluno, que sentindo-se valorizado, pois o professor preparou a aula e preocupou-se em trazer esses exemplos, aprendeu muito mais fácil, deixando que a aula fluísse e não tentando qualquer mecanismos de defesa para fugir dessa...

Depoimento 14

Bem, primeiramente quero abordar a metodologia utilizada no curso. De início relutei contra o "Psico - drama", sentia-me deslocada e desajeitada diante das colegas. Isso me perturbou, cheguei a pensar: "para que tudo isso? O que ele está querendo testar?". Entretanto a cada nova aula me prendia mais ao que estava analisando, sobre minhas atitudes enquanto ser humano. Consegui gradativamente organizar mais meus pensamentos, isso fez com que adquirisse mais confiança em mim mesma. A maneira organizada e linear que você adota para passar o conteúdo teórico, possibilitou que eu adquirisse confiança também em você. É como isso é importante! Senti os reflexos desse aprendizado dentro da minha vida. Certas ansiedades com relação ao querer, ao gostar, foram analisadas a luz do conhecimento adquirido em suas aulas e colocadas em ordem. Meu relacionamento com as pessoas melhorou muito. Profissionalmente também senti as influências benéficas do curso. Passei adiante alguns questionamentos levantados dentro das nossas aulas. Sinto que meus alunos, agora, confiam mais em suas ideias, conseguem avaliar (mesmo que superficialmente) as influências que recebem dos outros e a que elas podem levar. Isso tem me



INICAMP trazido uma imensa gratificação.

Houve dentro do curso um enfoque para a importância da reflexão. Quero ressaltar que mesmo com uma experiência pequena ainda, nesse campo, consegui realizar meus trabalhos (de outras disciplinas) com mais facilidade, sem dúvida que agora confio mais em mim, mas foi através do exercício de pensar sobre o pensado é que consegui caminhar com mais segurança.

O estudo do desenvolvimento do ser humano é um campo muito grande. Sei que tenho muito para aprender, tanto a nível do meu auto-conhecimento, como um conhecimento mais sistemático das relações humanas. Contudo não será nenhum sacrifício para mim, pois encontro muito prazer na busca dessa área de conhecimento.

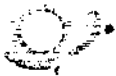
Depoimento 15

De uma maneira geral, o curso me ajudou a entender as pessoas com as quais eu convivo e de uma certa forma a ver que eu me encaixo em tantos problemas já estudados sobre o ser humano.

Pretensões a parte, "sempre" tive uma noção do porque de muitas de minhas atitudes e comportamentos. As aulas "me deram um toque" para eu não continuar a agir ou me comportar da maneira que eu vinha (venho) fazendo por comodismo ou medo de mudar.

Teve aulas com assuntos extremamente interessantes, como a do "Núcleo do Eu" ou quando se falou sobre conflito, assunto que foi retomado em muitas aulas.

Percebe-se que as aulas sempre foram preparadas com a



intenção de conseguir abranger os assuntos expostos com bastante didatismo e numa linguagem de fácil compreensão para nós. E me pergunto se não foi talvez simplificado demais, a ponto de ficarmos com uma impressão tão simplista de um assunto quando na verdade é muito complexo.

Foram dados exemplos de como relacionar o assunto abordado em aula com nossa futura profissão quando formos lidar com nossos alunos, o que considero de extrema importância.

Em relação ao curso de EL do semestre passado, em que foram despejadas toneladas de teorias e das quais não sinto que aproveitei muita coisa, gostei da metodologia deste. Primeiramente, pelo fato de dar o mínimo de leitura e conseguir ser tão abrangente quanto os outros. Gostei de conhecer o psicodrama, apesar de achar que é uma situação meio forçada num ambiente de sala de aula. Não sou das pessoas que tem facilidade em concentrar-se numa situação imaginária tão rapidamente. Chegava a ser engraçado para mim ver muitas amigas minhas conseguirem algo que no início achei ridículo. Refletindo um pouco, vejo que minha risada foi mais de nervoso que de comicidade, por não conseguir algo que parecia tão fácil e me achei "miuda".

Durante o curso falou-se tanto em suicídio o que eu achava extremamente exagerado, pois nunca tive contato com isto. Por coincidência (?), neste semestre, um colega nosso de classe suicidou-se. Isso me fez abrir mais os olhos para as pessoas que me rodeiam no dia-a-dia e que nosso mundo individualista faz com que nem notemos.

O curso foi meio terapia para mim. Com o passar do



tempo meu interesse foi aumentando. As aulas me fizeram pensar mais, talvez pelo tema ser o ser humano. Tem ser mais complicado e interessante que este que só usa 10% de sua inteligência? (Ter, tem. Mas não existe curso p/ entendê-lo).

* Já leu "O alquimista" do Paulo Coelho? Voce "tem cara" de quem vai gostar.

Depoimento 16

O curso EL 307 foi, a meu ver, um exemplo de uniao de conceitos teóricos com aplicações práticas, algo muito raro entre os cursos do currículo de Letras.

A parte teorica, tais como os assuntos acerca da interação individuo/sociedade, do desenvolvimento da criança e da psicose foi muito produtivo para mim, pois o objetivo - a sua aplicação em sala de aula - nao foi perdido no meio do caminho. Com isso, quero dizer que não vou sair deste curso com montês de conceitos subjetivos, e que teriam o destino final no esquecimento.

Com relação aos jogos práticos, a minha opinião é de que alguns foram muito interessantes, mas outros foram de uma certa forma "infelizes" para a nossa turma de alunos. Estou aqui reafirmando o que coloquei na outra reflexão - a falta de contato de alguns alunos foi um sério obstáculo para a sua participação em jogos propostos, especialmente os que pediam uma escolha de pares que "se dessem bem", que se "identificassem". Fora isso, eu gostei muito das brincadeiras que nos levaram a um conhecimento de nos mesmos, assim como do mundo que nos cerca.

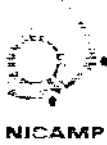
O objetivo em aplicar o que aprendemos na nossa profissão também foi por mim sentido nesta parte; um exemplo disso foi a "encenação" acerca de um ataque epiléptico. Nunca dei aula na minha vida, e fico feliz de agora estar mais consciente sobre a grande probabilidade de uma epilepsia na sala de aula (uma experiência que, realmente, não é fácil de enfrentar).

Um outro aspecto que gostaria de levantar com relação a este curso é que você, como professor, não "forçou" - de forma rude - a participação da classe nas discussões. Isso porque, de uma forma geral, essa turma é bem parada com relação a pronunciamentos; no entanto, eu como integrante dela, percebi que as pessoas se sentiam mais à vontade nas suas aulas (novamente eu me incluo como aluna). Muitas vezes as aulas tiveram um clima mais descontraído, e isso foi um ponto muito positivo.

Concluindo, o curso EL 307 "valeu a pena de ser cursado". Apenas sinto não ter uma certa bagagem ou experiência na licenciatura para confrontar com o que discutimos, bem como sei que vou sentir a falta de um apoio nas horas em que eu estiver lá na frente dos alunos. Mas fico mais tranquila, porque sei que não vou tão despreparada assim.

Depoimento 17

Começando pelo conteúdo teórico eu achei que ele conseguiu, apesar de abranger muitos conceitos e teorias, tocar pontos "nevrálgicos", ou seja, pontos que me parecem fundamentais para uma formação de alguém que deseja ser não simplesmente professor de conteúdos teóricos mas, principalmente, um ser humano que lida com outros seres humanos. Seres, portanto, que




tem sentimentos, que enfrentam problemas, conflitos que muitas vezes, em muitos momentos da vida são mais "importantes" que qualquer conteúdo teórico que o professor tente passar.

É então, bastante interessante, para mim, perceber que através desse conteúdo teórico eu posso me aproximar mais do meu aluno e saber como, qual a melhor forma de conseguir passar-lhe um conteúdo teórico específico.

Achei importante os "bate-papos" sobre os conteúdos teóricos, maneira que foge completamente da forma tradicional expositiva, e que só se estabelece pela interação aluno-professor. Além disso, utilizou-se material teórico para base, para embasar assuntos bastante práticos, que um professor realmente vive, ou pode um dia viver, o que vem de encontro aquilo que eu penso sobre teorias (principalmente as das ciências humanas): é preciso colocar a teoria no lugar da teoria e o ser humano também; ou seja, como o mais importante que a própria teoria que o estuda. Achei que isso foi muito bem feito nesse curso.

É bastante claro, então, que se pense que se para mim o conteúdo e a maneira (principalmente a maneira) como ele foi passado me satisfizeram, a clareza do raciocínio utilizado pelo professor também foi um ponto positivo; se isso não tivesse ocorrido, acredito que eu não teria gostado e identificado-me tanto com ele como aconteceu.

Acho que da minha parte também ocorreu isso, talvez em algumas colocações ou perguntas eu não tenha sabido me expressar com clareza, emitindo uma questão que diferia do que eu realmente quisessesaber.



Quanto à metodologia utilizada, muito já foi dito, creio eu, na parte sobre o conteúdo teórico e a maneira pela qual o professor conduziu suas aulas.

Acho que a metodologia tradicional tem alguns pontos positivos, mas, como professora que já exerce sua função, acredito que é preciso mudar muita coisa; o que mais me chama a atenção para uma necessidade de mudança é a relação professor-aluno/aluno-professor e a maneira de passar o conteúdo de uma disciplina. Acho fundamental que o lado afetivo, aquilo que motiva o aluno seja descoberto, nem digo respeitado porque nem descoberto ele foi ainda. A metodologia fenomenológica é uma porta que eu posso utilizar para trabalhar com uma coisa, para mim, não só importante, mas uma das minhas "paixões de vida" que é o fenômeno do ensino da língua.

Espero que essa metodologia me ajude no trabalho que já não é mais apenas meu e sim nosso (meus alunos + eu), juntamente com o meu bom senso, tornando-os, ou melhor, levando-os a se descobrirem como parte integrante (e não passiva) do objeto EDUCAÇÃO.

Acho que minha participação foi a minha maneira natural de participar de qualquer coisa que me envolve: gosto muito de escutar coisas novas e também opinar sobre elas. O curso me permitiu muito isso. As reflexões são prova concreta disso. Os jogos foram importantes para mim e para que eu me soltasse um pouco mais em relação aos meus colegas e a mim mesma. Acho uma experiência fundamental na Universidade onde a parte humana, afetiva (por incrível que pareça) e deixada de lado infelizmente, em quase sua totalidade de atividades.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DEPOIMENTOS

"A capacidade de abstração e a sua transmissão a outros membros da espécie é a base da existência da cultura.

Alfredo Correia Sapiro

Em base da trajetória metodológica adotada, num primeiro momento, a leitura atenta e repetitiva dos depoimentos configuram a análise do discurso dos sujeitos da pesquisa, possibilitando apreender o sentido do texto. Nesta análise inicial do discurso, procura-se aprofundar o entendimento da linguagem do produtor do texto, buscar o sentido geral expresso em cada depoimento e no conjunto dos depoimentos. Este procedimento de análise possibilitará, logo a seguir, a identificação das unidades de significado contidas nos discursos.

O emergir das unidades de significado permitem compor as categorias indicadas pelas convergências e divergências nas descrições efetuadas pelos sujeitos atinentes às suas tematizações, categorias essas que foram assim denominadas:

1. Relações Interpessoais;
2. Aspecto Pessoal;
3. Interação Professor-aluno;
4. Aspecto Profissional;
5. Contendo Teórico;
6. Jogos Psicodramáticos.

A análise de conteúdo das unidades de significado, agrupadas em categorias, permite, desta forma, proceder a transformação das expressões cotidianas dos sujeitos numa linguagem psicológica mais consistente, com base nas interpretações de suas vivências relatadas nos depoimentos.

As unidades de significado transformadas fornecem os elementos para a elaboração de uma síntese, na qual se resumem e se integram as compreensões e interpretações a respeito do fenômeno sob inquirição.

Essa síntese das unidades de significado transformadas, identificadas como sendo de uma mesma categoria, completa a trajetória de ida e volta ao fenômeno que estaremos buscando desvelar em sua significação.


Desta forma, emerge no discurso dos sujeitos que descrevem suas vivências, os principais atributos constitutivos do fenômeno "ser-com-os-outros", não como uma explicação sobre as relações interpessoais, mas como um fenômeno que se mostra na significação que lhe é dada pela experiência vivida dos alunos participantes de um curso com jogos psicodramáticos.

A seguir passo a expor "O Discurso do Aluno", (posteriormente apenas - D.A.); seguido de uma transformação apresentada como "A Unidade Transformada", (posteriormente apenas - U.T.).

1. UNIDADES DE SIGNIFICADO

1.1 RELAÇÕES INTERPESSOAIS

(O DISCURSO DO ALUNO) - Durante as aulas, percebi



claramente um caminho percorrido que partiu de um ponto particular (o que é o ser humano?) até as relações (ou a complexidade de relações) de que esse ser é capaz. (Dep. 1)

(A UNIDADE TRANSFORMADA) - O aluno sente que, no decorrer do curso, explicitou-se para ele uma trajetória iniciada com a compreensão do ser, indo até as múltiplas e complexas possibilidades de suas relações com o mundo.

(D.A.) - É bom saber que com um esforço da minha parte, pensando, eu posso resolver muitos problemas (não só os meus, mas também, os das pessoas que me rodeiam). (Dep. 2)

(U.T.) - No entender do aluno, um esforço pessoal possibilita a solução das próprias adversidades, tanto quanto as de outros que lhe compartilham o cotidiano.

(D.A.) - ...este acabou sendo o único curso no qual eu me sinto a vontade pra dar e receber alguma coisa; quando olho para os lados vejo pessoas e tenho chances de me questionar o porque de agir diferente com cada uma delas... (Dep. 3)

(U.T.) - A percepção do aluno é de sentir-se a vontade para a reciprocidade do "con-viver", assim como distingue que, neste convívio, sua consciência se interroga pelo portar-se diferenciado no âmbito de suas relações interpessoais.

(D.A.) - ...isto muito me ajudou para um melhor entendimento do meu EU e do relacionamento entre os seres

humanos... O meu envolvimento pessoal a nível psicologico foi grande... houve tambem, várias discussões, entre meu namorado e eu, sobre os temas discutidos em classe. ... Quanto ao nível social, passei a interagir com os meus colegas de uma forma mais verdadeira (cultivando os vinculos reais); e muitas vezes me deparei falando para a pessoas as coisas que havia aprendido deste curso e que acreditava que pudesse ajuda-las também.(Dep.7)

(U.T.) - O discurso do aluno revela ter melhorado a compreensão do seu próprio ser e das relações humanas. O envolvimento psicologico com o curso possibilitou extrapolar a temática discutida em classe, tanto quanto o relacionamento com seus pares tornou-se um "ser-com-os-outros" autêntico.

(D.A.) -Outro fator que sinto como resultado do curso é que eu passei a ver as pessoas muito mais próximas de mim e sei que todas as pessoas pensam, agem e tem problemas, como eu. Aprendi a me enxergar como parte de um grupo de pessoas - o grupo de seres humanos e sei que somos todos muito complexos. (Dep. 8)

(U.T.) - Na afirmação do aluno, o curso desvela para ele o "ser-com", característica genuína do ser humano, que permite identificar-se com os demais seres humanos. .

(D.A.) - Aqui nós discutimos as relações humanas enquanto as promoviamos e as observavamos... Quanto a meu envolvimento pessoal, foi ate muito bom, costume ser muito fechado, mas a turma é bem simpática... (Dep. 10)

(U.T.) - Para o aluno o "sendo-com-os-outros" não era apenas da escuta, mas vivenciado. O envolvimento fez com que se abrisse ao relacionamento agradável com os demais.

(D.A.) - Eu me encontrei no curso, em alguns momentos com maior intensidade, porque compreendendo a mim mesma torna-se mais fácil a compreensão daqueles que me cercam. (Dep. 12)

(U.T.) - O engajamento no curso trouxe ao aluno a percepção de que compreender melhor o seu ser no mundo facilita compreender os semelhantes na cotidianidade.

(D.A.) - ...o curso me ajudou a entender as pessoas com as quais eu convivo e de uma certa forma a ver que eu me encaixo em tantos problemas já estudados sobre o ser humano. (Dep. 15).

(U.T.) - Na experiência vivida do aluno, o curso favoreceu a compreensão dos outros que estão presentes no seu cotidiano, assim como a similitude de problemas no existir humano.

SINTESE DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO TRANSFORMADAS

RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Pode-se observar no discurso dos sujeitos a respeito da categoria Relações Interpessoais, uma ampliação da compreensão a nível pessoal e interpessoal ("ser-com-os-outros"), facilitando o convívio com a natureza e as pessoas.

Os sujeitos passaram a perceber-se como membros de um grupo social, vivenciando durante o curso uma relação mais humana

com os semelhantes, capacitando-os, inclusive, para encontrar soluções mais adequadas para os problemas pessoais e sociais.

1.2 ASPECTO PESSOAL

(D.A.) - ...o curso de psicologia foi bastante produtivo enquanto ser humano que sou. ...possibilitou ainda, que eu me descobrisse enquanto um eu que é capaz de agir, influenciar e transformar o meio em que vivo. (Dep. 1)


(U.T.) - O aluno diz que descobriu-se um ser humano, capaz de uma ação transformadora no meio-ambiente.

(D.A.) -Estou certa de que me envolvi pessoalmente com o curso. No começo estava assustada pois percebi que "nossas discussões" estavam mexendo comigo. Quando vi algo positivo nisso, tirei proveito: passei a me ajudar e a ajudar outras pessoas. Ao menos, cheguei a um nível consciente de me compreender e compreender outras coisas e outras pessoas que eram enigmas para mim. (Dep. 2)

(U.T.) - Apesar de sentir-se apreensivo com as discussões estabelecidas no curso, o aluno percebeu a importância desse modo de "ser-uns-com-os-outros", aprendendo a compreender-se e a compreender melhor a realidade existencial humana.

(D.A.) - O ponto alto do curso realmente foi a descoberta de mim como ser humano, ... (Dep. 3)

(U.T.) - Para o aluno, o ponto mais relevante do



curso, foi a ampliação do nível de compreensão sobre si mesmo, enquanto ser humano.

(D.A.) - Isso me enriqueceu como pessoa, como ser que pensa, sente e age e vive em busca da suavização dos conflitos e as vezes - solução dos mesmos. (Dep. 6)

(U.T.) - O aluno sentiu-se enriquecido como um ser que sente, pensa e age, numa constante busca de um amadurecimento existencial.

(D.A.) - ...este curso muito me ajudou para solidificar minhas idéias, deu-me noção mais concreta da complexidade do ser humano, despertou-me para um melhor conhecimento de mim mesma e me deu algumas diretrizes para atingir este conhecimento. (Dep. 7)

(U.T.) - Na visão do aluno, o curso permitiu uma compreensão mais profunda do ser humano, e diretrizes para ampliar esse conhecimento.

(D.A.) - Quanto ao meu crescimento pessoal, percebo que o principal aprendizado foi poder refletir sobre mim mesma. Foi muito importante dedicar pela primeira vez, um tempo para pensar no que sou, que sou um ser humano, e em que medida eu me conheço. Mas sei que agora sou menos "alienada", e só o fato de ter consciência da existência do inconsciente já faz com que eu me entenda um pouco mais. (Dep. 8)

(U.T.) - Refletir sobre si mesmo, para esse aluno, foi

importante em seu amadurecimento pessoal, enquanto ser humano, sentindo-se agora mais consciente diante dos varios aspectos da realidade.

(D.A.) - ...a coisa mais importante para mim nesse curso, foi o fato dele me chamar a atenção sobre problemas pessoais meus, dos quais eu andava descuidando muito. (Dep. 9)

(U.T.) - O aluno ressalta como o ponto mais importante do curso, o fato de ter chamado a atenção para a sua propria realidade existencial.

(D.A.) - Vivenciar certas coisas, experimentar determinados sentimentos, muitas vezes obvios mas não concretos e compreensíveis, ajudou-me a definir, como já disse, não o que é o ser humano por completo, mas entendo parte do conjunto que o forma. (Dep. 12)

(U.T.) - As experiencias vividas durante o curso ajudaram o aluno a iniciar uma compreensão mais clara sobre a realidade existencial humana.

(D.A.) - Senti os reflexos desse aprendizado dentro da minha vida. (Dep. 14)

(U.T.) - A aprendizagem desse curso, conforme afirmação do aluno, foi significativa em sua cotidianidade existencial.

(D.A.) - As aulas "me deram um toque" para eu não

continuar a agir ou me comportar de maneira que eu vinha (venho) fazendo por comodismo ou medo de mudar. O curso foi meio terapia para mim. Com o passar do tempo meu interesse foi aumentando. As aulas me fizeram pensar mais, talvez pelo tema ser o ser humano. (Dep. 15)

(U.T.) - No entender do aluno, o curso foi terapêutico, contribuindo na alteração de comportamentos, que passou a considerar inadequados, apesar de ainda ser difícil alterá-los.

SINTESE DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO TRANSFORMADAS

ASPECTO PESSOAL

Pode-se observar no discurso dos sujeitos a respeito da categoria Aspecto Pessoal, uma mudança significativa na compreensão de si mesmo, que chegou a ser considerada terapêutica.

Esse enriquecimento pessoal, com um conseqüente amadurecimento vivencial, foi experienciado na melhoria do relacionamento interpessoal, e na ampliação da consciência sobre a realidade existencial, possibilitando ações transformadoras no meio ambiente.

1.3 INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

(D.A.) - Acho que a interação professor/aluno foi bastante positiva. ...houve a verdadeira empatia e a

comunicação necessária para que atingíssemos nossos objetivos (tanto os objetivos pessoais como os comuns). (Dep. 1)

(U.T.) - Na percepção do aluno, a interação com o professor foi suficientemente significativa.

(D.A.) - Se não houvesse participação no curso, de ambas as partes ("minha" de receptora do conteúdo teórico e da experiência que voce passou e "sua" de emissor disso tudo), esse aproveitamento final referido acima seria impossível pois, "envolve o envolvimento" tanto do aluno quanto do professor. (Dep. 2)

(U.T.) - O aluno afirma que seu aproveitamento dependeu muito do envolvimento com o professor.

(D.A.) - A empatia e confiança resultam em maior integração dos alunos e professor e isto por sua vez em maior participação. (Dep. 5)

(U.T.) - Para esse aluno, um nível mais alto de participação também esteve relacionado a interação professor-aluno.

(D.A.) - Quanto a participação aluno-professor, percebi que eu me sentia sempre induzida a participar das aulas, oralmente e corporalmente. Pela parte do professor, sua participação se fazia a nível de fazer o assunto interessante para que provocasse interesse nos alunos. Conclui-se portanto que esta participação atingiu bons resultados tanto para alunos

como para o professor. (Dep. 7)

(U.T.) - No entender do aluno, o professor tornava o assunto interessante, e dessa boa relação estabelecida, era induzido a participar tanto a nível verbal como corporal.

(D.A.) - ...esse curso fez com que eu enxergasse que o papel do professor pode ir muito além dos resultados obtidos em sala de aula. O professor pode despertar no aluno, a coragem para se posicionar no mundo, na medida em que o aluno se sente respeitado quanto ao seu espaço e ao seu direito de se expressar. (Dep. 8)

(U.T.) - Conforme esse discurso, o professor despertou no aluno coragem para lidar com a realidade, ao respeitá-lo enquanto ser humano.

(D.A.) - A partir dessa rentabilidade da aula, chego a conclusão de que houve além da descontração, um entendimento geral influenciado pela clareza de raciocínio do professor, trazendo exemplos reais e próximos a nós, e do aluno, que sentindo-se valorizado, pois o professor preparou a aula e preocupou-se em trazer esses exemplos,... (Dep. 13)

(U.T.) - O aluno sentiu-se valorizado ao perceber que o professor preocupou-se em preparar uma boa aula, e criar um "campo relaxado", que melhorava o aproveitamento.

(D.A.) - A maneira organizada e linear que voce adota para passar o conteudo teorico, possibilitou que eu adquirisse

confiança também em você. É como isso é importante! (Dep. 14)

(U.T.) - O aluno afirma que a confiança conquistada pelo professor, foi decorrente das aulas bem preparadas.

(D.A.) - Um outro aspecto que eu gostaria de levantar com relação a este curso é que você, como professor, não "forçou" - de forma rude - a participação da classe nas discussões. Isso porque, de uma forma geral, essa turma é bem parada com relação a pronunciamentos, no entanto, eu como integrante dela, percebi que as pessoas se sentiam mais a vontade nas suas aulas. Muitas vezes as aulas tiveram um clima mais descontraído, e isso foi um ponto muito positivo. (Dep. 16)

(U.T.) - Para o aluno, a criação de um "campo relaxado", e o fato do professor não exigir autoritariamente a participação dos alunos, deixou-os mais livres durante as aulas.


(D.A.) - Achei importante os "bate-papos" sobre os conteúdos teóricos, maneira que foge completamente da forma tradicional expositiva, e que só se estabelece pela interação aluno-professor. (Dep. 17)

(U.T.) - A interação verbal mais informal, estabelecida durante as aulas, facilitou a interação professor-aluno.

SINTESE DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO TRANSFORMADAS

INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Pode-se observar no discurso dos sujeitos a respeito da



categoria Interação Professor-Aluno, que o aluno sentiu-se valorizado ao ser respeitado pelo professor como ser humano, e em seu papel de aluno, assistindo aulas bem preparadas, num clima democrático e afetivo.

Essa interação acadêmica mais informal, em um ambiente de "campo relaxado", facilitou positiva e significativamente a interação professor-aluno, melhorando a participação verbal e corporal no curso, despertando no aluno a coragem para lidar com o mundo, e um aproveitamento mais produtivo no processo de aprendizagem.

1.4 ASPECTO PROFISSIONAL

(D.A.) - Refletindo sobre minha condição de ser humano enquanto indivíduo que sente, pensa e age, foi condição básica para meu aprimoramento como pessoa e como futuro profissional. Assim, senti-me no curso: uma pessoa modificada e com o mínimo de instrumentos para tentar transformar outros seres. Enfim, o curso de psicologia foi importante para que eu refletisse e transcendesse meus limites, conseguindo assim pensar numa praxis profissional e social. (Dep. 1)

(U.T.) - Refletir sobre a condição de um ser-com-os-outros, capaz de transcender seus próprios limites deterministas, foi considerado pelo aluno como significativo diante de uma praxis educacional.

(D.A.) - É muito mais fácil educar adolescentes,

sabendo e tendo sempre em mente que eu fui (sou) um adolescente, que passei e que passo por conflitos como eles; a educação saindo de mim me permite acreditar realmente nela e é claro, fazer com que outras pessoas também acreditem. As outras pessoas, continuam sendo as outras pessoas, mas se assemelham muito a mim; podemos entrar em relação de trocas e até mesmo de destruição, depende de mim qual o tipo de relação que vou ter com outro. É ótimo saber disso, não só como possível futura educadora, mas principalmente como ser humano aqui e agora. (Dep. 3)

(U.T.) - Tendo em vista sua futura atuação como educador, o aluno considerou significativo compreender-se como um ser em relação com outros seres.

(D.A.) - Uma ressalva e para a tentativa de transpor tudo isto para a área da educação (escola propriamente dita) caindo às vezes numa "transformação" que invalidava parte da essência do assunto exposto. Tornar o assunto da maior compreensão possível e aproveitamento é louvável mas o resultado pode, nem sempre, ser o ideal. (Dep. 5)

(U.T.) - O aluno faz uma ressalva para a aplicação dessa aprendizagem na área educacional, contradizendo-se de uma maneira confusa, ao afirmar que, tornar um assunto compreensível, pode afetar negativamente os resultados da aprendizagem.

(D.A.) - Basicamente o curso significou um crescimento pessoal e profissional (futuramente). Esse conhecimento me ajudara muito nos contatos com meus futuros alunos, no sentido de

tentar entendê-los muito além daquela parte que é externalizada.
(Dep. 8)

(U.T.) - O aluno concluiu que o amadurecimento pessoal e profissional que alcançou será de grande ajuda no contato com seus futuros alunos.

(D.A.) - Profissionalmente também senti as influências benéficas do curso. Passei adiante alguns questionamentos levantados dentro das nossas aulas. Sinto que meus alunos, agora, confiam mais em suas idéias, conseguem avaliar (mesmo que superficialmente) as influências que recebem dos outros e a que elas podem levar. Isso tem me trazido uma gratificação.

(Dep. 14)

(U.T.) - Em seu papel de educador (em exercício), o aluno percebeu que os questionamentos que emergiram no curso, já foram aplicados por ele, ao auxiliar seus alunos a confiarem mais em si mesmos.

(D.A.) - Foram dados exemplos de como relacionar o assunto abordado em aula com nossa futura profissão quando formos lidar com nossos alunos, o que considero de extrema importância.

(Dep. 15)

(U.T.) - O aluno considerou importante a relação estabelecida entre a temática do curso e sua futura profissão de educador.

(D.A.) - Concluindo, o curso EL-307 valeu a pena de

ser cursado. Apenas sinto não ter uma certa bagagem ou experiência na licenciatura para confrontar com o que discutimos, bem como sei que vou sentir a falta de um apoio nas horas em que eu estiver lá na frente dos alunos. Mas fico mais tranquila, porque sei que não vou tão despreparada assim. (Dep. 16)

(U.T.) - O aluno sentiu falta de uma atividade prática como educador, para poder confrontar com a aprendizagem desse curso. Ressaltou que, talvez venha a sentir falta disso no momento em que estiver atuando, mas, mesmo assim, sente que já não está tão despreparado.

(D.A.) - É então, bastante interessante, para mim, perceber que através desse conteúdo teórico eu posso me aproximar mais do meu aluno e saber como, qual a melhor forma de conseguir passar-lhe um conteúdo teórico específico. Espero que essa metodologia me ajude no trabalho que já não é mais apenas meu e sim nosso (meus alunos + eu), juntamente com o meu bom senso, tornando-os, ou melhor, levando-os a se descobrirem como parte integrante (e não passiva) do objeto EDUCAÇÃO. (Dep. 17)

(U.T.) - O aluno sente que o curso proporcionou condições para aproximar-se mais dos alunos, transmitindo informações sem incentivar a passividade envolvendo-se com eles de maneira a "ser-uns-com-os-outros".

SINTESE DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO TRANSFORMADAS

ASPECTO PROFISSIONAL

Pode-se observar no discurso dos sujeitos a respeito da

categoria Aspecto Profissional, que a reflexão sobre a condição humana de um "ser-com-os-outros" foi considerada relevante diante de uma praxis profissional em educação, experienciada positivamente na realidade por alguns alunos na atividade de educador.

1.5 CONTEUDO TEORICO

(D.A.) - Meu contato com o conteúdo teórico foi algo bastante produtivo porque, em sua maioria, foi algo novo. Percebi que muitos dos fatos descritos e discutidos são vividos no dia-a-dia mas, nós, seres humanos, não paramos para refletir sobre eles. Antes, eu via determinadas teorias como se tudo fosse um teatro e "eu", a platéia. Hoje percebo que eu também faço parte desse teatro pois, não existe uma cortina dividindo esses dois espaços: a teoria e a minha experiência individual. (Dep. 2)

(U.T.) - O aluno percebeu que a temática do curso envolveu a cotidianidade existencial, e que a práxis humana não está tão distante dos conceitos teóricos, como ele imaginava.

(D.A.) - Olhando para trás e tentando rever o curso percebo que há um ponto marcante: a minha visão do ser humano e sua alteração, ou melhor, enriquecimento. No início apenas consegui vê-lo de forma um pouco diferente: ele era mais próximo de mim, não era somente aquela definição que constava nos livros de filosofia: ele existia mesmo. (Dep. 3)

(U.T.) - Para esse aluno, o ponto mais relevante foi a

ampliação de seu conhecimento a respeito do ser humano, que deixou de ser uma visão meramente teórica, ao relacioná-lo com a realidade existencial.

(D.A.) - ...ao longo do curso fomos aprendendo pouco a pouco sobre esse ser tão complexo. Podemos dizer que nesse curso montamos um quebra-cabeça, em cada aula fomos encaixando algumas peças para que no final do curso pudéssemos ver o quebra-cabeça todo montado e chegar a conclusão que montamos um ser humano. (Dep. 4)

(U.T.) - O aluno comenta o curso, afirmando que o mesmo foi como um "quebra-cabeça", a respeito do ser humano, sendo que ao final teve uma visão mais abrangente, desse ser tão complexo.

(D.A.) - O conteúdo teórico, uma introdução a psicologia, abordando aspectos fundamentais na constituição e desenvolvimento do ser humano foi um outro ponto forte. Despertou muita gente, mexeu com elas e as levou a ler e buscar respostas. (Dep. 5)

(U.T.) - O curso despertou e influenciou o grupo como um todo, em seu aspecto mais relevante - o Desenvolvimento Humano.

(D.A.) - ...o que me ficou do curso foi a definição de ser humano, basicamente aquele que pensa, sente e age e também aquele que vive em conflito. (Dep. 6)

(U.T.) - O discurso sobre esse ser que pensa, sente e age numa existência, sempre superando seus conflitos, foi o que

ficou como essência do curso para esse aluno.

(D.A.) - ...um vasto conteúdo teórico nos foi sendo passado. Em cada aula se discutia um assunto, o que nos permitia uma reflexão sobre o tema daquela aula como um todo. O fato deste conteúdo teórico estar diretamente ligado ao ser humano, e conseqüentemente a mim, muito significou a nível de reflexão. Era comum que eu pensasse sobre o assunto ao sair da aula e conseqüentemente reformulasse as minhas idéias prévias a partir dessa nova reflexão. (Dep. 7)

(U.T.) - O aluno considerou bastante vasto o conteúdo teórico transmitido, e que o fato de estar ligado ao ser humano, foi muito significativo em suas reflexões pessoais.

(D.A.) - Foi muito importante ter uma visão geral de teorias opostas para poder compreender que todas as teorias têm seus aspectos positivos e negativos. Cabe ao professor aproveitar os aspectos positivos das teorias e saber lidar conscientemente com os aspectos negativos inevitáveis que uma teoria pode trazer. (Dep. 8)

(U.T.) - Esse aluno ressaltou a importância de ter entrado em contacto com visões teóricas antagônicas, afirmando ser da responsabilidade do educador lidar com os aspectos positivos e negativos contidos nos diferentes discursos.

(D.A.) - ...percebi, durante o curso, que, se é verdade que eu já conhecia alguma coisa de psicologia, em primeiro lugar, essa alguma coisa não era tanto assim, era pouco



mais que nada. Em segundo lugar, meu interesse pela matéria andou decaindo, eu deixei de ler muitas coisas que, inclusive, talvez venham a me fazer falta mais tarde, no próprio curso de letras, ou em alguma outra ocasião. (Dep. 8)

(U.T.) - O aluno percebeu que seu conhecimento anterior de psicologia era mínimo, mas, que seu interesse decaiu durante o curso, apesar de estar consciente de que esses conteúdos farão falta em seu futuro.

(D.A.) - ...creio que a reflexão foi favorecida pela familiaridade que voce demonstrou com áreas menos "deterministas" da psicologia, menos "biologistas", mais voltadas para o homem como um ser localizado do que como uma entidade condicionável, porque o homem age e pensa sobre suas ações e desse modo aprende. (Dep. 10)

(U.T.) - O aluno considerou como relevante, a familiaridade do professor com áreas menos deterministas da psicologia, que não consideram o ser humano como um simples objeto condicionável.

(D.A.) - As aulas, embora tratassem de assuntos bastante interessantes, tornaram-se terrivelmente monótonas. Contribuiu para que isso ocorresse a abordagem excessivamente superficial dada a assuntos muito interessantes (como a agressividade por exemplo). (Dep. 11)

(U.T.) - No entender desse aluno, as aulas tornaram-se monótonas e superficiais, e o envolvimento no plano das

idéias não se efetivou.

(D.A.) - Quantas coisas que ouvi em aula, que eu disse para mim mesma que eu já sabia aquilo mas não conseguia compreender muito bem o que esse sentimento era na realidade e por isso não conseguia colocá-lo para fora; tudo ficava guardado em minha mente afinal, eu já sabia aquilo, mas eu não sabia que tudo estava lá na minha cabeça. (Dep. 12)

(U.T.) - Para esse aluno, os conhecimentos discutidos já faziam parte de sua estrutura cognitiva, mas, ainda não tinha consciência de que essas informações já existiam nela.

(D.A.) - ...o conteúdo teórico abordado foi muito bem trabalhado; de maneira a englobar a tudo e a todos literalmente falando, foi bastante didático, conseguindo a participação de quase toda a turma. As teorias conseguiram "pescar" cada aluno que se identificava com elas, através de perguntas e participação em aula (Foi uma das aulas em que houve maior participação da turma. (Dep. 13)

(U.T.) - O aluno comenta que o conteúdo foi bastante amplo, e a didática das aulas conseguiu envolver o grupo, considerando esse curso como um dos que mais conseguiu a participação dos alunos.

(D.A.) - O estudo do desenvolvimento do ser humano é um campo muito grande. Sei que tenho muito para aprender, tanto a nível do meu auto-conhecimento, como um conhecimento mais sistemático das relações humanas. (Dep. 14)

(U.T.) - O aluno concluiu que o estudo do ser humano é muito vasto, restando muito a se aprender, tanto a nível pessoal como interpessoal.

(D.A.) - Percebe-se que as aulas sempre foram preparadas com a intenção de conseguir abranger os assuntos expostos com bastante didatismo e numa linguagem de fácil compreensão para nós. E me pergunto se não foi talvez simplificado demais, a ponto de ficarmos com uma impressão tão simplista de um assunto quando na verdade ele é muito complexo.
(Dep. 15)

(U.T.) - O aluno percebeu as aulas muito bem preparadas didaticamente, questionando-se, se não foram muito simplificadas diante de uma temática tão complexa.

(D.A.) - A parte teórica, tais como os assuntos acerca da interação individuo-sociedade, do desenvolvimento da criança e da psicose foi muito produtivo para mim, pois o objetivo - a sua aplicação em sala de aula - não foi perdido no meio do caminho. Com isso, quero dizer que não vou sair deste curso com montes de conceitos subjetivos, e que teriam o destino final no esquecimento. (Dep. 16)

(U.T.) - O aluno diz que desse curso, não saiu com conceitos subjetivos facilmente esquecíveis, e sim que foi muito produtivo ao direcionar-se para uma aplicação prática.

(D.A.) - Começando pelo conteúdo teórico eu achei que ele conseguiu, apesar de abranger muitos conceitos e teorias, tocar pontos "nevralgicos", ou seja, pontos que me parecem

fundamentais para uma formação de alguém que deseja ser não simplesmente professor de conteúdos teóricos mas, principalmente, um ser humano que lida com outros seres humanos. (Dep. 17)

(U.T.) - O aluno considerou o curso fundamental na formação do papel de educador, e que, apesar de ser muito abrangente, conseguiu ressaltar aspectos significativos para quem pretende lidar com seres humanos.

SINTESE DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO TRANSFORMADAS

CONTEUDO TEORICO

Pode-se observar no discurso dos sujeitos a respeito da categoria Conteúdo Teórico, que teoria e prática estiveram associadas durante o curso.

O conteúdo teórico foi considerado vasto e envolvente, despertando a motivação dos alunos, e deixando como essência uma compreensão mais abrangente do ser humano, através de linhas menos deterministas na psicologia.

Foi considerado importante conhecer diferentes visões teóricas, que não serão facilmente esquecidas, por terem sido associadas a uma práxis educacional.

1.6 JOGOS PSICODRAMATICOS

(D.A.) - ...acrescentou algo inovador a minha experiência pessoal: o psicodrama. Esta técnica, pela maneira como foi trabalhada (ou seja, em correlação aos conteúdos teóricos) permitiu que eu percebesse pontos da minha

personalidade e de outras pessoas com as quais me relaciono, até então não percebidas. (Dep. 1)

(U.T.) - O aluno ressaltou como inovador, o fato dos jogos serem relacionados aos conteúdos teóricos, considerando-os facilitadores para ampliar a compreensão dos aspectos pessoais e interpessoais, no grupo.

(D.A.) - A metodologia utilizada, apesar de ser a tradicional, me levou a pensar que às vezes é melhor ouvir. Gostei dos jogos, principalmente porque eram feitos no início da aula e me proporcionasse um relaxamento das tensões do dia. Assim, eu me envolvia mais com aula, unindo a prática à teoria, o corpo e a mente... (Dep. 2)

(U.T.) - Há uma incoerência nesse discurso, porque, ao mesmo tempo em que o aluno afirma ter gostado dos jogos (uma inovação na metodologia); por unirem a prática a teoria e por serem relaxantes; chama essa metodologia de tradicional.

(D.A.) - ...conversando com as meninas e pensando no que eu sentia fazendo os "joguinhos": me descobri ser humano. (Dep. 3)

(U.T.) - Com os jogos, o aluno compreendeu melhor sua realidade existencial.

(D.A.) - Durante as aulas foram feitos jogos para que cada pessoa pudesse viver na prática o que aprendeu teoricamente, sendo que nesses jogos participava quem quisesse. Particularmente, eram nesses jogos que eu me sentia mais envolvida na aula, envolvida não no que diz respeito a estar

prestando atenção ou não na aula, mas sim como se a aula também estivesse sendo dada por mim, pois eu estava ajudando na prática da aula. (Dep. 4)

(U.T.) - O fato de participar nos jogos, permitiu mais envolvimento com a aula, ao vivenciar na prática os conteúdos teóricos.

(D.A.) - Os jogos com relaxamento, introspecção e experimentação me parece ser um dos aspectos muito útil na sala de aula, desde que adequado às circunstâncias do momento e que o professor esteja seguro da técnica de aplicação do mesmo. Acredito mesmo que a cada aula poderia haver um jogo. Ele propicia inclusive maior interação do grupo entre si e com o professor. (Dep. 5)

(U.T.) - O aluno entende que os jogos são muito úteis, desde que sejam adequados a situação, e que o professor esteja preparado para manejá-los. Também os considera importantes para facilitar a interação dos alunos entre si, e com o professor; e que deveriam ser aplicados em todas as aulas.

(D.A.) - Minhas experiências no decorrer do curso foram enriquecidas sobretudo pelos jogos aplicados em classe (talvez porque tenha sido algo nunca visto e, uma vez visto, surtiu efeito). Através desses jogos pude absorver mais rapidamente os conceitos emitidos. Ambos os métodos aplicados (jogos, tradicional) reforçaram ainda mais o meu envolvimento com o curso: ao mesmo tempo em que aprendi a utilizar o corpo, pude aprimorar minha capacidade de estabelecer relações e, enfim

refletir a respeito de algo. (Dep. 6)

(U.T.) - Esse aluno diz que os jogos reforçaram o envolvimento com o curso, e que ao usar o corpo durante as aulas, melhorou suas relações interpessoais, e aprendeu mais rapidamente os conceitos teóricos discutidos.

(D.A.) - Durante o curso tivemos algumas experiências relacionadas ao psicodrama, através de jogos. Nestes jogos, caminhamos na sala, sentimos o ambiente, tocamos os colegas, entendemos situações de conflito, etc... O efeito destes jogos para mim foi uma quebra de barreiras com o ambiente e com os colegas, pois passei a enxergá-los por um outro prisma. Esta consequência é, na verdade, o que vem a ser a intenção do psicodrama, isto é, experimentar os fatos e o mundo com o seu próprio corpo; fazer com que as experiências fiquem gravadas também no corpo, e não só a nível do intelecto. (Dep. 7)

(U.T.) - O efeito dos jogos para o aluno foi desinibidor, com o ambiente e com os colegas, registrando a nível corporal e intelectual essas experiências educacionais onde participou com o corpo.

(D.A.) - Foi muito importante perceber que quando o ensino faz a ligação entre a teoria e a prática, temos uma visão muito mais clara do que aprendemos. A metodologia que une a teoria (leitura de textos, aulas expositivas) a prática (jogos, discussões e reflexões) torna o aprendizado mais prazeroso e definitivo. Percebi que o ensino pode muito além do que a teoria tradicional determina. Escrever parece ser mais fácil



que falar, pois não há um enfrentamento direto. Nesse sentido volta-se a importancia de unir a prática à teoria, para que as idéias se organizem também a partir das experiências diretas. Acho que esses jogos são capazes de causar mudanças internas muito rápidas e talvez quinze minutos de jogos sejam equivalentes a várias horas de aula em termos de aprendizado. No entanto, é penoso perceber a dificuldade que tenho de participar deles, porque apesar da vontade de me conhecer que sinto agora, há sempre o medo das mudanças internas as quais tenho que me adaptar ao sair da aula. (Dep. 8)

(U.T.) - O aluno afirmou que o ensino tornou-se mais prazeroso e definitivo ao unir teoria e prática durante os jogos. Considera que alguns minutos desses jogos, equivalem a horas de aula. Apesar de sentir dificuldade em participar nos jogos, afirma que os mesmos provocam mudanças rápidas nos seres humanos.

(D.A.) - Nesse sentido os jogos a meu ver foram essenciais, já que promoveram em certa medida a redescoberta dos corpos e dos espaços, neste nosso tempo de torpor e esquecimento promovido pela massificação em todos os setores, inclusive o ensino. Dai novamente a importancia dos jogos, que libertou em parte as pessoas dessa rigidez de passageiro de ônibus que sempre olha pra frente ou para os lados vazios, enxergando sem ver, negando a coletividade enquanto se insere nela com certo contragosto. Depois dos jogos as pessoas relaxam o corpo e o olhar, creio que como professor deve ter sido uma experiência gratificante, como foi para mim. (Dep. 10)


(U.T.) - O aluno comenta que a experiência com os jogos deve ter sido tão gratificante para o professor, como foi para ele, como aluno. Considera que os jogos promoveram a redescoberta dos corpos e dos espaços, diminuindo a massificação e a rigidez no relacionamento interpessoal.

(D.A.) - O uso de uma metodologia falida e ultrapassada é uma das causas da falência do nosso sistema educacional, e esses jogos pareciam-me um caminho interessante. Entretanto, com o passar das aulas, os jogos foram perdendo a sua força ao ponto de se tornarem quase vazios no final do curso, quando foram abandonados em favor do monólogo do professor. (Dep. 11)

(U.T.) - O aluno diz que os jogos no início pareciam interessantes, mas foram perdendo sua força com o desenvolvimento do curso.

(D.A.) - Através dos jogos, aprendi que muitos pensamentos e sensações, que estão no mais íntimo do meu ser, podem ser externalizados; ou seja, muito do que sou "eu", pode ser mostrado através de brincadeiras, gestos, palavras e outros para que eu mesma e para que outras pessoas possam compreender-me melhor. Eu achei muito válida a utilização do psicodrama, porque, para mim, a exclusiva aplicação de teoria, pode levar a um cansaço e a um profundo desinteresse como ocorreram com outros cursos de EL e como ocorrem com outros cursos que nós temos. (Dep. 12)

(U.T.) - A utilização dos jogos foi considerada motivadora para o aluno que afirmou ter aprendido muito sobre



sua própria realidade existencial.


(D.A.) - ...houve também os jogos. Estes foram importantes nas aulas, na medida em que demonstravam a cada um de nós, que a sociabilidade que pensamos ter não é tão visível assim. Sabendo-se como é difícil externalizar esses sentimentos e que houve-se valorizações dos citados métodos usados em sala de aula. Passado o constrangimento da socialização, a aula ficava mais leve, e rendia mais. (Dep. 13)

(U.T.) - Os jogos são valorizados nesse discurso, por facilitarem as relações interpessoais, e apesar de intimidarem o grupo no início, passado o constrangimento, a aula era melhor experienciada.

(D.A.) - De início relutei contra o "psico-drama", sentia-me deslocada e desajeitada diante das colegas. Isso me perturbou, cheguei a pensar: "para que tudo isso? O que ele está querendo testar?". Entretanto a cada nova aula me prendia mais ao que estava analisando, sobre minhas atitudes enquanto ser humano. Consegui gradativamente organizar mais meus pensamentos, isso fez com que adquirisse mais confiança em mim mesma. (Dep. 14)

(U.T.) - O aluno relutou contra os jogos no começo do curso, questionando-se sobre a validade dessa experiência, no entanto, a cada aula foi ficando mais envolvido, analisando-se, compreendendo-se mais, e adquirindo mais confiança em si próprio.

(D.A.) - Gostei de conhecer o psicodrama, apesar de



achar que é uma situação meio forçada num ambiente de sala de aula. Não sou das pessoas que tem facilidade em concentrar-me numa situação imaginária tão rapidamente. Chegava a ser engraçado para mim ver muitas amigas minhas conseguirem algo que no início achei ridículo. (Dep. 15)

(U.T.) - Esse aluno considerou os jogos ridículos no início, apesar de ter gostado deles. Achou a situação "meio forçada", sentindo dificuldade em participar dos jogos como os colegas mais desinibidos.

(D.A.) - Com relação aos jogos práticos, a minha opinião é de que alguns foram muito interessantes, mas outros foram de uma certa forma, "infelizes" para a nossa turma de alunos. Fora isso, eu gostei muito das brincadeiras que nos levaram a um conhecimento de nos mesmos, assim como do mundo que nos cerca. (Dep. 16)

(U.T.) - Apesar de ter gostado dos jogos, considerando alguns muito interessantes, e importantes para o auto-conhecimento e conhecimento do mundo em que vivemos, afirma que alguns foram infelizes para esse grupo de alunos.

(D.A.) - Os jogos foram importantes para mim e para que eu me soltasse um pouco mais em relação aos meus colegas e a mim mesma. Acho uma experiência fundamental na Universidade onde a parte humana, afetiva (por incrível que pareça) é deixada de lado infelizmente, em quase sua totalidade de atividades. (Dep. 17)

(U.T.) - Para esse aluno os jogos foram importantes como desinibidores, além de terem sido uma experiência fundamental para um contexto educacional onde os aspectos humanos têm sido relegados a um segundo plano.

SÍNTESE DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO TRANSFORMADAS

JOGOS PSICODRAMATICOS

Pode-se observar no discurso dos sujeitos a respeito da categoria Jogos Psicodramáticos, que os jogos tornaram a aprendizagem mais prazerosa, facilitando a interação professor-aluno e aluno-aluno, o que reforçou o envolvimento com o curso.

Apesar de um certo constrangimento do grupo no início da aplicação dos jogos (considerados inovadores), a experiência foi sendo percebida como válida e até desinibidora.

Os jogos facilitaram a compreensão dos aspectos pessoais e interpessoais desse "ser-com-os-outros", motivando os alunos para uma participação mais ativa, que melhorou o aproveitamento no processo de aprendizagem, provocando mudanças no modo de portar-se.

A experiência foi considerada fundamental diante de um contexto educacional (onde os aspectos humanos têm sido relegados a um segundo plano), ao promoverem a redescoberta dos corpos e espaços; e ao integrarem os conteúdos teóricos com atividades práticas, recuperando-se os aspectos "sentir" e "agir", sem menosprezar o "pensar".



UNICAMP

C O M E N T Á R I O S

C O M P L E M E N T A R I E S



CAPITULO VI

PSICODRAMA E EDUCACAO

"O homem é, portanto, o seu maior mistério. Ele não compreende o vasto e velado universo em que foi posto, simplesmente porque não se compreende a si próprio."

Richard E. Leakey

PSICODRAMA

O ser humano é o grande mistério da Psicologia, que desde o início desse século, como uma das áreas das ciências humanas, teve seu progresso acelerado juntamente com a rápida evolução da humanidade. Apesar de um longo e importante passado, sua história é recente, e seu reconhecimento como um campo de estudo mais delimitado aconteceu apenas no final do século XIX.

A necessidade de compreender a vida psíquica é tão antiga como a história da humanidade. Nas culturas primitivas, os feiticeiros faziam seus exorcismos diante dos fenômenos que ainda não compreendiam. Entre os gregos, o problema dos estados emocionais e suas aberrações estimularam muitos filósofos em suas especulações.

No trabalho de Aristóteles (384 - 322 a.C.), já eram encontradas interessantes informações sobre psicologia, especialmente em sua obra: De anima. As preocupações com os atributos e natureza da alma eram comuns, assim como a concepção de uma alma separada do corpo era plausível - almas dirigiam-se ao Hades depois da morte.

Desses conceitos resultava uma concepção dualista: alma e corpo eram coisas distintas. Essas idéias foram sendo questionadas e substituídas, porém com o advento da igreja cristã o dualismo readquiriu sua posição superior, e só voltou a ser questionado novamente nos séculos XII e XIII, quando Aristóteles foi redescoberto, abrindo caminho para a Psicologia moderna.

Definir o que constitui a vida psíquica é uma tarefa árdua, justamente devido às implicações filosóficas subjacentes. A palavra grega *psyche*, cujo referencial etimológico significa alma ou espírito, representa uma substância distinta do corpo, fornecendo um conceito de psiquismo distante dos interesses do campo de pesquisa da psicologia atual.

A Psicologia fazia parte dos problemas estudados na Filosofia e Teologia, era analisada nos temas da mente e da alma, e no senso comum através de máximas populares que ainda encontramos em nossos dias, como: "Tal mãe, tal filha", "Os ruivos são esquentados" ou "Filho de peixe, peixinho é"; e muitas outras comumente citadas na linguagem cotidiana.

Com a evolução da humanidade, cujo conhecimento distanciou-se qualitativa e quantitativamente de nossos semelhantes pré-históricos, experienciou-se um nível de consciência crítico-reflexiva em crescente desenvolvimento. Com isso o ser humano passou a temporalizar sua ação, tornando-se um ser histórico, com passado, presente e futuro.

Essas transformações nunca cessaram de acontecer, por isso, hoje temos consciência que somos seres inacabados, e sendo assim, as formas de compreensão do mundo que nos circunda e de nós mesmos, estão sujeitas a sucessivas alterações, resultando

em varias linhas de pensamento dentro das diversas ciencias.

Todas as descobertas da humanidade são realizações continuamente superadas, e além dessas renovações derivadas da evolução da espécie, existem ainda as diversas abordagens de um mesmo fenomeno em uma mesma época, por diferentes grupos humanos, que em alguns casos chegam a transmitir significados idênticos com discursos próprios de suas individualidades, devido a subjetividade de nossas experiências e comunicação. Conseqüentemente, na Psicologia também destacam-se diferentes posicionamentos.

Sem a pretensão de negar o imenso valor de sua obra, Freud, por exemplo, narrou as experiências que teve com seres humanos de sua época, que apesar das semelhanças, estão distantes de nossos contemporâneos, que experienciam e compartilham uma outra realidade existencial. Somos todos seres humanos, mas de Freud até hoje, são inumeráveis as novas descobertas e acontecimentos que vieram transformar nossa realidade existencial, dentre alguns mais significativos, temos a liberação sexual, a conquista da lua, a AIDS, etc...

Nem as ciencias exatas, com seus constructos teóricos relativamente imutaveis estão imunes diante das novas descobertas da humanidade, e são submetidas a transformações, em alguns casos radicais, derivadas desse continuo amadurecimento científico, frutos do desenvolvimento humano, como as realizadas por Galileu, Einstein e muitos (as) outros (as) que ainda irão surgir.


Nas ciencias humanas então, a permanencia de conjuntos teóricos e muito mais difícil, com as alterações acontecendo de geração para geração - a educação que nossos pais receberam foi

diferente daquela que nos ofereceram, e o mesmo acontecerá com nossos filhos.

Atualmente, quando falamos em vida psíquica, esse termo não implica mais na dicotomia corpo-espírito e sim em um aspecto específico do ser humano. Os primeiros psicólogos ficariam surpresos perante as atividades hoje desenvolvidas dentro e fora dos laboratórios de Psicologia. As máximas populares são coisas do passado, já não satisfazem, os problemas da alma ficaram com os teólogos; e quanto à mente, sua noção atual e como estudá-la difere por completo das noções e métodos da Filosofia antiga.

Muitos dos problemas da Filosofia foram herdados pela Psicologia, que continua a estudá-los, como a questão do nativismo e empirismo, que até hoje não foi completamente resolvida. O nativismo ou doutrina das idéias inatas, afirma que os conteúdos psicológicos do ser humano são inatos e podem ser extraídos por métodos adequados, ao passo que, o empirismo defende a ideia de que estes conteúdos manifestam-se em decorrência das experiências com o ambiente, ou seja, o mundo interno é apenas o mundo externo internalizado.

Redefiniu-se a Psicologia como um estudo do ser humano em toda sua complexidade, influenciado e influenciando o ambiente em seus aspectos físicos e humanos. Como uma ciência do comportamento humano e animal, que estuda comportamentos manifestos e encobertos, latentes, que podem ser descritos como racionais ou irracionais (neuroses ou psicoses). Como uma ciência que estuda o indivíduo isolado e/ou em seus respectivos grupos, por meio de métodos e técnicas apropriadas a cada tipo de pesquisa. E essa redefinição continuará vigorando



indefinidamente em paralelo com a evolução humana.

Outras ciências trouxeram e continuam trazendo contribuições importantes para a evolução da Psicologia, que já não é como Wundt (Fundador do primeiro laboratório de Psicologia Experimental - 1878) a descreveu em suas primeiras experiências. A Biologia, na teoria de Darwin sobre a evolução, por exemplo, retira do ser humano sua posição superior entre as espécies (ser criado a imagem e semelhança de Deus), ao mostrar que ele não é uma espécie descontinua em relação às outras.

Foram os fisiólogos do século passado que iniciaram os trabalhos sobre as sensações, e Pavlov (fisiólogo russo) com suas descobertas sobre os reflexos condicionados, exerceu enorme influência na linha comportamental.

A Física atual, na obra de Charon (1974), abre novos campos de investigação aos discípulos da teoria de Jung. Impulsos relevantes vieram também da Farmacologia, Zoologia, Etologia e Estatística, sempre gerando novas perspectivas nas pesquisas psicológicas.

Wundt, inclusive, usava os métodos experimentais da Fisiologia e as idéias empiristas dos associacionistas ingleses, ao pesquisar os aspectos psicológicos por meio da introspecção, na qual os sujeitos relatavam analiticamente suas experiências.

O grupo de psicólogos da escola funcionalista, começou a pesquisar o funcionamento da mente na adaptação do indivíduo ao seu ambiente, incluindo a observação como um aperfeiçoamento metodológico. Watson, representante desse grupo, rejeitou os métodos introspectivos, afirmando que o mais lógico era observar o comportamento, porque na introspecção, o que se constata não

são as sensações, idéias ou sentimentos, mas sim os relatos verbais que os sujeitos apresentavam, que são comportamentos.

Assim nasceu o behaviorismo, uma das grandes linhas de posicionamento que ainda vigora na Psicologia contemporânea. Essa análise científica do comportamento, já enriquecida com as descobertas de Pavlov, teve em Skinner seu representante mais significativo.

Outras correntes de pensamento, com perspectivas totalmente antagônicas, foram e são de relevante importância até hoje. Nesses novos posicionamentos, Freud, Jung, Adler, etc..., desviaram a atenção para os processos internos, onde centralizaram os significados do comportamento humano, e o comportamento observável passou a ser considerado como um simples sintoma ou expressão da realidade interna do sujeito.

Apesar de haver muito mais para se descrever a respeito da Psicologia em seu passado, e sobre as tendências modernas das diversas áreas de suas pesquisas (cujo objeto central de estudos é sempre o ser humano), não prolongaremos mais esse tema, para nos determos mais especificamente na teoria do Psicodrama, uma das linhas atuais da Psicologia que fundamentará esta pesquisa.

O psiquiatra Jacob Levy Moreno (1892 - 1974), norte-americano naturalizado (natural da Rumania), foi o criador do psicodrama, que tem suas origens no Teatro, na Psicologia e Sociologia. É uma corrente da Psicologia fundamentada na ação (Do grego: drama = ação) e não no corpo (como a bioenergética), apesar de não existir ação sem o corpo, mas, foi na complexidade das ações que Moreno definiu o psicodrama como um método ativo.

A obra dele, foi marcada por uma profunda influência

religiosa, derivada do hassidismo, que apesar de não ser citada em seus textos, está presente em todos os seus livros. O hassidismo tem suas origens no sufismo e numa parte da cabala. A cabala é uma teosofia mística judaica, cuja origem remonta ao ano 538 a.C., e o sufismo é uma doutrina filosófica secreta, que existe desde o século VIII, e de acordo com os sufis, nas palavras de Shah: "O sufismo é a essência de todas as religiões." (1977, p. 369).

O misticismo de Moreno diminuiu com o decorrer do tempo, mas as influências místicas sempre estiveram presentes em suas teorias. No hassidismo a relação vertical com Deus, era substituída por uma relação horizontal, assim como a relação estabelecida por Moreno no contexto terapêutico psicodramático.

Admirava e foi influenciado por Sócrates, Nietzsche, e chegou a afirmar que Martin Buber aproveitou suas ideias ao desenvolver seu conceito de Begegnung (encontro).

Nas suas tentativas de construir um mundo ideal, ele sempre defendia a possibilidade de uma psicoterapia da humanidade, sonhando com um futuro onde toda a humanidade procurasse e encontrasse um equilíbrio psicológico Universal.

Conforme Bustos (1978, p. 12):

"O sonho de Moreno era criar uma sociedade dinâmica com reformulações contínuas: uma sociedade ideal, onde cada pessoa encontre sua família sociométrica."

Moreno, oriundo de uma formação médica, ao perceber a importância da associação do Teatro (núcleo central de sua teoria) com a psicoterapia de grupo, manteve contatos permanentes



com importantes representantes da arte dramática, como Stanislavsk e sua amiga pessoal Isadora Duncan.

Do Teatro da improvisação, Moreno criou o Teatro terapêutico. da atitude lúdica surgiu o Psicodrama. Além do psicodrama, tornou-se conhecido pela criação da ciência da sociometria, e por sua atividade pioneira em psicoterapia de grupo. Em sua trajetória intelectual, participou inclusive na invenção do gravador (Marineau, 1992, cap. 4).

Com os jogos utilizados no Teatro psicoterapêutico, passou a desenvolver a espontaneidade de seus pacientes, conduzindo-os a uma espécie de auto-cura.

O psicodrama tornou-se um instrumento extremamente útil, mas, para manejá-lo, é necessário uma formação teórico-prática, que colocará nas mãos do psicodramatista recursos de inestimável valor. Schutzenberger (1977, p. 12) afirma: "O psicodrama trata do passado, do presente e do futuro; é terapêutico ou pedagógico, é individual ou de grupo, familiar ou institucional."

Resumindo a teoria psicodramática, em primeiro lugar é preciso conhecer: os três contextos, os cinco instrumentos e suas quatro etapas.

Contextos

- 1 - Social - É onde os alunos ou pacientes vivem, fora da sala de aula ou do grupo de psicoterapia. Depende de leis (aspecto legal) e normas sociais (aspecto moral), que definem comportamentos aprovados e desaprovados.

2 - Grupal - É o grupo formado com finalidade psicoterapêutica ou educacional, envolvendo pacientes e psicoterapeuta ou alunos e professor (e ego-auxiliares). Também depende de leis e normas sociais externas ao grupo, mas cria suas próprias leis e normas, que variam de um grupo para outro.

3 - Dramático - A dramatização é o núcleo do Psicodrama, é o contexto do "faz de conta", onde tudo é possível. Constrói-se um espaço imaginário, altera-se o tempo, criam-se personagens e desempenham-se os mais diferentes papéis, sem perder de vista a existência dos contextos: social e grupal.

Obs. - O grupo pode ter outros objetivos além do psicoterapêutico e educacional, como por exemplo: artístico, político, filosófico, social e outros.

Instrumentos

- 1 - Auditorio - refere-se ao conjunto de indivíduos reunidos no contexto grupal, excluindo-se os ausentes que estão no contexto social e os presentes que estejam dramatizando no contexto dramático.
- 2 - Diretor - professor, médico ou psicólogo habilitado no manejo do psicodrama.
- 3 - Ego-auxiliares - são pessoas habilitadas no manejo do psicodrama que colaboram com o desenvolvimento

da sessão.

- 4 - Protagonista - pode ser o grupo ou apenas uma pessoa, ou até mesmo um tema ou alguém representando um grupo. É o emergente grupal, é o que centraliza a atenção do grupo.
- 5 - Cenário - é o espaço onde acontece a dramatização, geralmente demarcado para delimitar os contextos grupal e dramático.

Etapas

- 1 - Aquecimento - subdividido em duas partes: o aquecimento inespecífico, visando o grupo como um todo; e o específico visando mais particularmente o Protagonista.
- 2 - Dramatização - a dramatização é o núcleo central do psicodrama, iniciada com o surgimento do Protagonista
- 3 - Comentários e/ou Análise - após a dramatização, retorna-se ao contexto grupal, e cada um exprime o que considerou importante em relação ao tema trabalhado, ao Protagonista; ao grupo e sobre si mesmo.
- 4 - Comentários Complementares - Fundamentado em minhas experiências pessoais e na observação das atividades de outros psicodramatistas, acrescento uma quarta etapa, também de comentários, efetuada

pelo Diretor e Ego-auxiliares, sem a presença dos outros membros do grupo, onde se discute a sessão mais particularmente.

Teoria dos Papéis

Outro aspecto importante no psicodrama, é a teoria dos papéis, que representam unidades culturais de conduta, formados por denominadores coletivos (conjunto de características dependentes do contexto cultural), e diferenças individuais (modificações criadas por diferentes individualidades). Segundo Moreno (1975, p. 25), existem três tipos de papéis:

Papéis psicossomáticos: associados às funções fisiológicas.

Papéis sociais: associados às funções sociais.

Papéis psicodramáticos: associados às funções psicológicas.

A aprendizagem de um papel envolve três fases, sendo a primeira, do "role-playing", onde o papel é treinado com grande dependência dos denominadores coletivos. Na segunda fase, do "role-taking", o papel que foi treinado é assumido. Na terceira fase que é a mais complexa, "role-creating", o papel é mais integrado ao EU, sendo enriquecido com as diferenças individuais, envolvendo criatividade e inventividade na criação do papel.

Núcleo do Eu

A partir do momento em que um ovulo é fecundado por um

espermatozoide, iniciam-se divisões e subdivisões celulares para que um ser humano seja formado e possa nascer.

"No processo pelo qual uma pessoa passa a existir, três passos são especialmente significativos. O primeiro é a concepção. A vida de uma pessoa como organismo distinto tem início quando ela é concebida. O processo de nascer é o segundo passo; por ele, cada um de nós é fisicamente separado dos demais seres. O desenvolvimento da individualidade é o terceiro passo, e compreende todas as experiências através das quais nos tornamos conscientes de nossa existência como pessoa distinta de todas as outras." (Jersild, 1969, p. 14)

As reações psíquicas de um ser humano começam a surgir incontestavelmente por volta do sexto mês do desenvolvimento intra uterino, sendo que, nesse período de 6 meses, já ocorreu a diferenciação sexual, o surgimento da sensibilidade proprioceptiva, a delimitação da sensibilidade extroceptiva, a liberação de movimentos das extremidades, mobilidade lingual, a deglutição, movimentos palpebrais, movimento da cabeça, etc..., portanto, mesmo dentro do útero o bebê já é um ser humano diferente de qualquer outro.

Na vida intra uterina, o bebê já sente quando a mãe está ansiosa, agitada, zangada, triste ou alegre e isso já lhe permite uma grande soma de experiências tanto agradáveis como desagradáveis. Apesar da comprovada importância da hereditariedade no desenvolvimento e crescimento de um ser humano no período anterior ao nascimento, ele já está sujeito as estimulações do ambiente, negativas ou positivas, dependendo do estado afetivo-emocional da mãe.

Após o nascimento, em apenas alguns minutos, a respiração do bebê e seu circuito sanguíneo pulmonar passam a

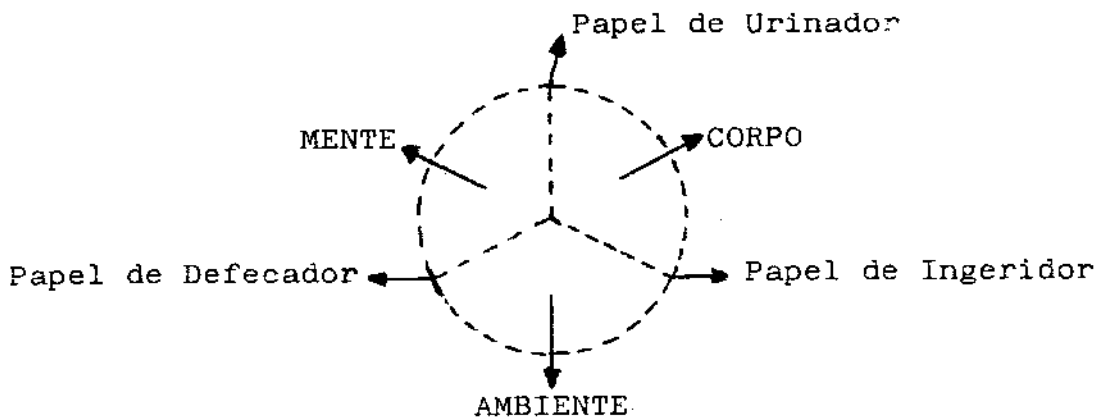


25) acrescentar importantes conceitos sobre o Núcleo do Eu na teoria do psicodrama:

"O Núcleo do Eu é a estrutura resultante da integração das três áreas: mente, corpo e ambiente, com os três papéis psicossomáticos: ingeridor, defecador, urinador."

Ao nascer, a criança encontra-se em um estado indiferenciado, sendo incapaz de separar o que é seu corpo, do que é o mundo e as outras pessoas que a circundam. Conforme Spitz (1980, p. 29), este é o período de indiferenciação ou estágio narcisista primário, préobjetal. A criança confunde-se com a mãe e com o mundo, sendo esta sensação, de acordo com Bermúdez (1975, "I Jornada de Psicodrama"), comparável a "vivência oceânica" proporcionado pelo LSD-25.

O si-mesmo fisiológico (estrutura anterior ao Núcleo do Eu) de um recém nascido é completamente indiferenciado, como podemos ver no gráfico abaixo, representado por um círculo pontilhado. Com as primeiras experiências, começam as delimitações dos papéis e áreas para a formação do Núcleo do Eu.



funcionar, exigindo um alto esforço de adaptação física para quem durante nove meses permaneceu vivendo parasitariamente.

Várias correntes da psicologia sempre consideraram o nascimento como uma experiência traumatizante, como nos confirmam as citações abaixo, a respeito do "trauma de nascimento":

"O nascimento é um choque enorme..." (Jacquin, 1962, p. 46)

"Qualquer que seja a causa desencadeante e o momento escolhido para o parto, o certo é que seu processo representa o acúmulo de estímulos de uma violência e nociceptividade extraordinárias para o feto." (Lopes, 1960, p. 25)

Podemos encontrar citações desse tipo em inúmeras obras de psicologia, dedicadas ao estudo do desenvolvimento humano. Nesse ponto a teoria do psicodrama ocupa uma posição oposta aos conteúdos teóricos de outras correntes psicológicas, defendendo a idéia de que o nascimento não é um choque e sim: "...uma das situações naturais pelas quais deve o indivíduo passar durante o seu desenvolvimento." (Bermúdez, 1970, p. 39)

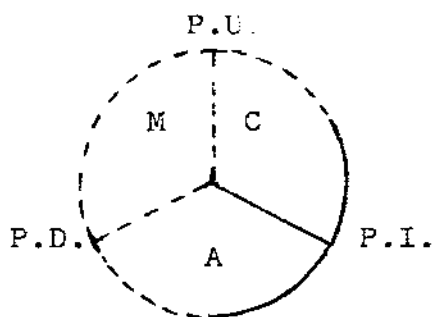
Quando a criança atinge um determinado ponto de sua maturação, que não lhe permite mais permanecer dentro do útero, ela deve nascer. Traumático e até fatal, seria justamente a permanência da criança dentro do útero materno.

Outros autores já se posicionam ao lado de Moreno, defendendo a inexistência do tão temido e defendido "trauma do nascimento", como Spitz (1960, p. 13): "Entretanto, no ser normal, o traumatismo de parto é um estado extremamente transitório e que dura, na maioria, apenas alguns segundos."

Desenvolvendo as idéias de Moreno, Bermúdez (1980, p.

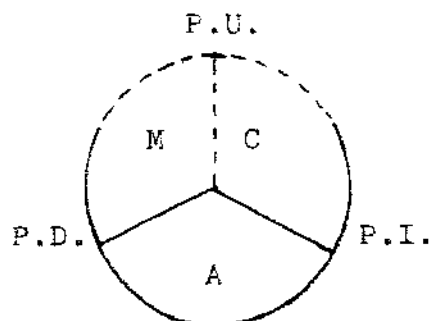
0 a 3 meses

Logo após o nascimento, tudo faz parte da criança, que ainda é incapaz biologicamente, de diferenciar-se do mundo e dos seres que o habitam. Gradativamente, a saciedade que fazia parte do si mesmo passa a depender do alimento, a criança passa a sentir que para saciar a sensação de fome, algo deve vir de fora para dentro e isso significa que está em desenvolvimento o papel de ingeridor, que delimita as áreas corpo e ambiente:

3 a 6 meses

A partir do terceiro mês, a alimentação da criança começa a deixar resíduos que formam fezes sólidas (bolo fecal), diferenciando-se da primeira fase, na qual as fezes eram líquidas e podiam ser confundidas com a urina.

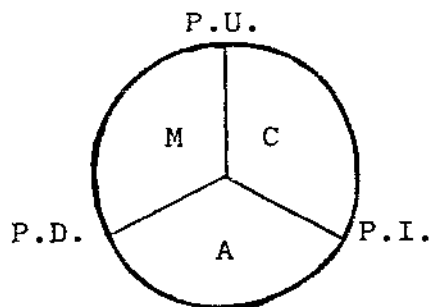
Nessa fase, a criança sente o trajeto que o bolo fecal faz até o ânus, e começa a discriminar o continente (seu corpo) do conteúdo (bolo fecal), delimitando as áreas ambiente e mente com o desenvolvimento do papel de defecador:



8 a 24 meses

A partir dos 8 meses, a criança começa a apresentar condições físicas que lhe permitem um certo controle esfinteriano, e passa a prestar mais atenção na urina. A urina gera uma tensão que ela pode controlar, obtendo um relaxamento (prazeroso) ao urinar.

Começa também a lidar com as idéias (sonhos e pensamentos primitivos), que ficam associados ao ato de urinar. Com o desenvolvimento do papel de urinador, é estruturado o Núcleo do Eu (estrutura anterior ao Eu) com as três áreas delimitadas: corpo (sede dos sentimentos), ambiente (sede das ações) e mente (sede dos pensamentos).





* Soeiro (1978), acrescenta aos papéis anteriormente citados, o papel de dormidor, que também participa na formação do Núcleo do Eu, desde que o sono é uma função biológica tão necessária quanto as citadas acima.

O autor dessa teoria, associa o papel de dormidor ao fator tempo relacionado à noção de movimento. O estado de sono é percebido pela criança como uma descontinuidade experiencial (biológica e espacial). Quando está dormindo, a criança fica isolada de estímulos do ambiente e também de seu sistema nervoso, ao passo que, acordada a situação é inversa, ocorrendo concomitantemente uma formação de ritmo na pessoa, relacionado ao sono: "Ele poderá jogar esses papéis de uma forma ativa e rápida (forma de vigília) ou passiva e lenta (forma de sono)." (Soeiro, 1978. p. 3)

Matriz de Identidade

Para Moreno (1975, p. 112), logo após o nascimento, assim como o feto se nutre fisiologicamente na placenta, o recém-nascido se nutre psicossocialmente na Matriz de Identidade, relacionando-se consigo mesmo; e com as pessoas e objetos à sua volta, num processo de coexistência, coação e coexperiência. Esse processo desenvolve-se em cinco etapas, reduzidas a três por Fonseca (1980, p. 16):

- "1 - A da identidade (do eu com o tu), do indivíduo com os objetos à sua volta;
- 2 - A do reconhecimento do Eu com sua peculiaridade como pessoa,
- 3 - A do reconhecimento do Tu, do conhecimento dos outros."

A Matriz de Identidade é responsável pela organização

das primeiras vivências, transmitindo a herança cultural, e influenciando diretamente a organização psicológica e social da criança.

Espontaneidade

A espontaneidade é colocada em destaque na teoria do psicodrama, como um dos conceitos mais importantes criados por Moreno (1975, p. 152), que assim a descreve:

"A espontaneidade, enquanto função dramática, energiza e une o eu. A espontaneidade, como função plástica evoca respostas adequadas a situações novas. A espontaneidade, como função criadora, esforça-se por criar o eu e um meio adequado para ele."

O termo espontaneidade deriva do latim: "sua sponte" = interior para o exterior. A manifestação espontânea é uma resposta direta a uma situação vivida, é uma resposta adequada a cada nova situação, ou uma resposta inédita a uma situação antiga, que se apresenta no aqui e agora, manifestando-se como um relâmpago: "É o estado de produção, o princípio essencial de toda experiência criadora." (Moreno, 1975, p. 86)

É um potencial que permite ao organismo humano adaptar-se de forma adequada às situações que enfrenta no cotidiano. É de fundamental importância em nossa existência, permitindo a elaboração de respostas inéditas diante de problemas já vividos ou inesperados. São as respostas imprevisíveis que solucionam as situações mais complexas, e não as respostas estereotipadas, que nem sempre alcançam bons resultados - a flexibilidade é necessária para um funcionamento sadio do psiquismo.

Ao nascer a criança é naturalmente espontânea, dependendo desse fator para relacionar-se com o mundo e com as pessoas. Com a organização da inteligência e da memória, as reações espontâneas passam a ser controladas pelo aspecto racional, que nos direciona a apresentar respostas estereotipadas com bastante frequência, fato que propicia a formação de um psiquismo rígido, impedindo o desenvolvimento natural da personalidade.

A inventividade e criatividade dependem basicamente da espontaneidade, e todos sabemos que, quanto mais inventiva e criativa for uma pessoa, mais condições terá de solucionar seus problemas.

"Cada indivíduo possui uma "matriz espontânea", a partir da qual se desenvolve a personalidade. Nos primeiros tempos, a criança depende fundamentalmente dela; logo, porém, ao desenvolverem-se a memória e a inteligência, a Espontaneidade é posta a seu serviço." (Bermúdez, 1980, p. 50)

A espontaneidade é, portanto, um aspecto extremamente valioso para os seres humanos, que é desenvolvida na ação dramática, núcleo central do psicodrama, onde tal espontaneidade é incentivada, em situações de total liberdade de expressão, respeitando-se os limites dos outros.

Ao desenvolvermos a espontaneidade com a utilização do psicodrama, estamos conseqüentemente fortalecendo o desenvolvimento da criatividade e inventividade, tão desprezadas em nosso meio educacional.

Mas, é preciso não confundir a espontaneidade com uma liberação total das ações, fato que pode ser considerado

patológico em alguns casos.

"O comportamento desordenado e os emocionalismos resultantes da ação impulsiva estão longe de constituir desideratos do trabalho de espontaneidade. Pertencem, pelo contrário, ao domínio da patologia da espontaneidade." (Moreno, 1975, p. 163)


Isso significa que nem toda resposta original é positiva, podendo ser incoerente e/ou inconsequente, e até determinada por problemas psicossociais não resolvidos.

A repressão da espontaneidade em grande parcela da população, que apresenta comportamentos rígidos e estereotipados, é decorrente das rígidas pressões sociais e reforçamento das condutas impregnadas pelos denominadores coletivos. "La espontaneidad es la creadora de los valores vivos e frecuentemente es enmascarada por los valores oficiales." (Portuondo, 1972, p. 51)

O fator espontaneidade é considerado de fundamental importância na teoria do psicodrama, para a convivência sadia com o mundo em que vivemos e com os seres que o habitam, a espontaneidade representa o momento da criação, que sempre é mais significativo do que a obra criada.

Técnicas

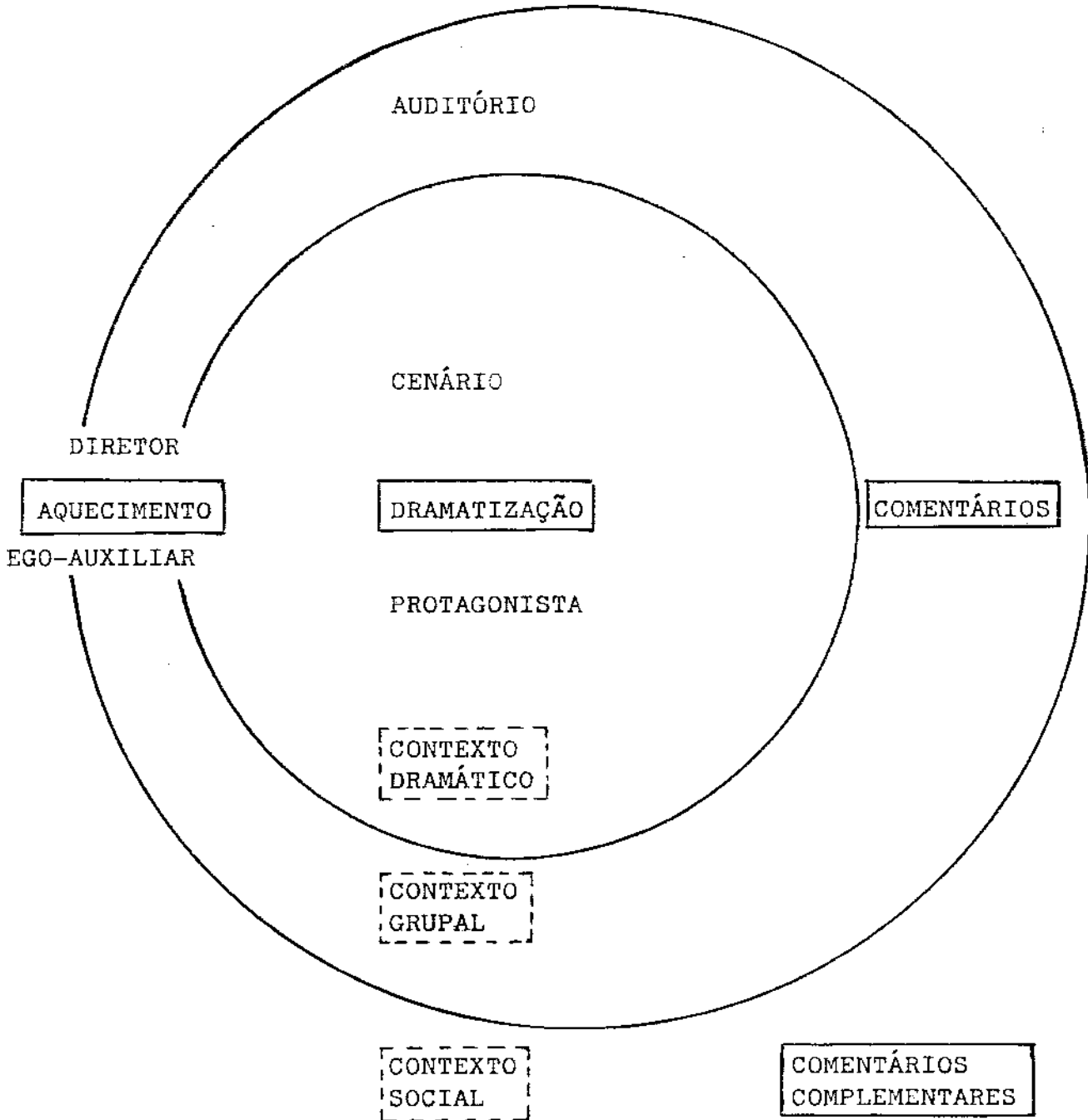
O psicodrama é constituído por um conjunto inumerável de técnicas, com amplas possibilidades de aplicação em diferentes situações. Mesmo assim, em determinados momentos, técnicas inéditas são criadas, até mesmo durante o decorrer da dramatização, face a situações imprevistas (espontaneidade), que podem ser incorporadas ao vasto repertório já existente.



Citaremos algumas das mais comumente empregadas, lembrando que muitas delas são completamente desconhecidas e empregadas apenas por quem as criou.

- 1 - Soliloquio: pede-se ao cliente que apresente um sinal (combinado), quando quiser conversar consigo mesmo (pensar alto), para que os outros saibam que aquela "fala" não faz parte do diálogo da dramatização.
- 2 - Desdobramento do Eu: o ego-auxiliar participa como uma "consciência auxiliar" do cliente, expressando sensações, sentimentos e pensamentos que podem estar presentes, mas que, por algum motivo, ele não consegue manifestar.
- 3 - Parelha: o cliente é apoiado por um ego-auxiliar durante a dramatização, sendo informado de que o ego atuará como um complemento dele, como se fossem a mesma pessoa.
- 4 - Espelho: um ego-auxiliar com facilidade de expressão corporal, faz um espelho do cliente, imitando todos os seus movimentos e expressões.
- 5 - Interpolação de Resistência: é um recurso que permite a inserção de situações imprevistas, que o cliente é obrigado a enfrentar.
- 6 - Sem Palavras: o cliente é obrigado a comunicar-se apenas com o corpo, ou através da utilização de uma vogal, ou ainda, criando imagens que representem uma situação ou um estado emocional.
- 7 - Inversão de Papéis: é uma técnica de fácil aplicação, com excelentes resultados, na qual os papéis são tro-

cados, para que o cliente experiencie a realidade e -
xistencial de seu interlocutor.



A sessão de psicodrama inicia com o Aquecimento Inespecífico, criando-se um clima propício ao surgimento do Protagonista, que pode ser uma ou mais pessoas, ou mesmo um tema. Passa-se então ao Aquecimento Específico do Protagonista, organiza-se o Cenário para começar a Dramatização, que pode contar com a participação dos Ego-auxiliares, de outros integrantes do grupo e até mesmo do Diretor, em situações especiais.

Encerrando-se a Dramatização, retorna-se ao Contexto Grupal para a fase de Comentários e/ou Análise (expressão de sentimentos e pensamentos), na qual falam em primeiro os que não participaram da Dramatização (não entraram no Contexto Dramático), depois os que participaram, ficando o Protagonista por último. Para concluir, os Ego-auxiliares (quando presentes) e o Diretor, fazem seus comentários, e em seguida, discute-se a sessão mais particularmente entre o Diretor e Ego-auxiliares na ausência dos outros membros do grupo.

A duração de uma sessão depende do contrato estabelecido com o grupo, cujo número de integrantes pode chegar a ser bem elevado, como no caso do psicodrama público, realizado com grandes Auditórios. É possível trabalhar sem os Ego-auxiliares, mas, geralmente, a equipe é composta por um casal de Egos, ou mais, quando o trabalho é com psicóticos, crianças ou no caso do psicodrama público.

Moreno, em citação de Bermúdez (1980, p. 34), considera necessário para que o psicodrama cumpra seus objetivos, o preenchimento dos seguintes requisitos:

"-Alcançar um alto grau de espontaneidade.

- Obter uma boa representação, adequada à situação e ao protagonista.
- Ficar envolvido e comprometido na ação (Princípio de Participação - involvement)
- Externar e representar diferentes personagens, reais ou imaginárias, concretizando as imagens (Princípio de Realização).
- Permitir a introdução, na ação dramática, de todo indicio dado pelo protagonista.
- Não perder jamais o contato com o Auditório.
- Manter uma congruência entre a dramatização e a linha vital do indivíduo."

EDUCAÇÃO

"Toda educação emana de alguma imagem do futuro"

Alvin Toffler

A formação de uma Cultura, é um fenômeno tipicamente humano, e se a minha proposta fosse a de analisar toda a sua complexidade, seria preciso uma dedicação mais específica ao tema para descrevê-la. Pode-se, no entanto, falar resumidamente da Cultura, como um agrupamento de características próprias que um conjunto de seres humanos adquire em sua História de inter-relacionamentos.

Quanto a Educação, deveria (não é o que tem feito) ter a finalidade de ensinar e preparar as pessoas para viverem uma vida sadia dentro de cada grupo cultural existente, a Educação deveria proporcionar a aprendizagem de uma Cultura.

Ao reunir-se em grupos, estabelecendo relações de dependência, contradependência e interdependência, os seres humanos criaram diversas culturas, distribuídas em diferentes áreas geográficas do globo terrestre. Cada agrupamento desses



reuniu conhecimentos, crenças, e normas sociais pertinentes as suas respectivas realidades, veiculadas entre os membros do grupo e transmitidas de geração para geração, através da Educação formal e informal.

A Cultura aperfeiçoa um "jeito de ser", a Educação é a responsável pela aprendizagem desse "jeito de ser" numa determinada Cultura. Educar é ensinar-aprendendo um sentido para a existência humana em uma sociedade, considerando-se que na relação educacional ocorre uma troca de informações entre quem ensina e quem aprende.

A Educação deve ser considerada (não é o que acontece) de relevante importância no desenvolvimento da humanidade, desde os mais primitivos aos mais civilizados, pelo fato, que somente um grupo social consciente da realidade em que vive, tem condições de questionar e transformar o mundo, participando no crescimento e amadurecimento de uma Cultura.

Foi justamente com o enfraquecimento do sistema educacional em nosso país, que os militares (nesses longos anos de ditadura) conseguiram criar esse caos em que vivemos hoje. Apenas uma minoria está em condições de um questionamento reflexivo da realidade, porém, essa minoria tem sido esmagada por um incalculável contingente de pessoas, incapacitadas pela ignorância, de participar na construção de uma nação mais civilizada, mais aliviada de seus graves problemas econômicos e sociais.

A História da Educação é tão antiga como a humanidade, desde que sempre foi imprescindível na convivência humana. Entre os povos primitivos era essencialmente natural, espontânea,

inconsciente, adquirida através de uma vivência em comum.


Quando os Estados ainda não existiam e os seres humanos dividiam-se em pequenos grupos dispersos, o processo educacional não era intencional, caracterizando-se em duas grandes fases: a do homem caçador (nomade), e a do homem agricultor (mais estável geograficamente).

No Oriente apareceram as primeiras sociedades civilizadas de caráter autocrático, erudito e religioso (Egito, Índia, Arábia, China e o povo hebreu). Existiam classes sociais bem divididas, com uma classe especial encarregada de cultivar o saber, e dele fazer uma organização mais sistematizada.

Com a possibilidade de fixação do saber pela escrita, criaram-se as primeiras escolas, com mestres, e até a instrução pública organizada.

Na Grécia principiou a era de nossa Cultura ocidental, nossa Educação e Pedagogia são uma herança dos gregos. Mesmo a Cultura romana originária dos etruscos (diferentes dos gregos), sofreu forte influência da Cultura grega a partir de meados do século III a.C. O cristianismo mudou o rumo da História ocidental, misturando influências da religião hebraica (livros do antigo testamento), com a cultura helenica (visão filosófica e atitude ética).

Na idade média a Educação cristã atingiu seu apogeu, com a escolástica e o nascimento das Universidades, acentuando-se o ascetismo e valorizando a atenção à vida emotiva e religiosa, com graves prejuízos para o aspecto intelectual. A disciplina era rigorosa, exigindo-se uma submissão absoluta sem liberdade para questionamentos. As matérias realistas e científicas foram



relegadas a um segundo plano, predominando o ensino de matérias abstratas e literárias.

A Educação humanista culminou com a Renascença (século XV), trazendo uma nova concepção do ser humano e do mundo, apregoando a necessidade de uma personalidade humana livre. A visão ascética e triste da vida que predominou durante a Idade Média, foi substituída por uma concepção mais otimista sobre a existência, com um retorno à Cultura Clássica (Grécia e Roma).

Paralelamente, com o nascimento do protestantismo, nasceu a Educação cristã reformada, que fez parte do movimento humanista da Renascença, com uma diferença: na primeira, predominou o aspecto intelectual e estético; na segunda, a ética e a religião.

A Educação Moderna começou na fase de transição entre o Humanismo e a Reforma (século XVI); e a Ilustração e o Despotismo (século XVIII). Foi chamada de Educação Realista, enraizada nos métodos da filosofia e ciência da época (Galileu, Copérnico, Descartes, etc...).

Em seguida veio o período no qual a Educação foi mais prestigiada, no chamado século das Luzes (da Ilustração), o apogeu do movimento cultural iniciado na Renascença, foi a época de Rousseau, Pestalozzi, Diderot, Kant e outros, que fizeram desse, o século da instrução sensorialista e racionalista; do naturalismo e idealismo. Foi também nesse século, que começou o desenvolvimento da Educação pública estatal.

Com a revolução industrial apareceram as grandes massas de população concentradas em polos industriais, e a necessidade de cuidar de sua Educação. Com isso a intervenção do Estado

passou a ser cada vez maior, direcionando o sistema educacional para a formação de uma consciência nacional, com a consequente diminuição do poder da igreja.

Embora seja difícil caracterizar a Educação do século XX, em decorrência de suas contínuas transformações, pode-se afirmar com certeza que foi ampliada a democratização do ensino, praticamente em todos os níveis.

Apesar desse aumento de oportunidades educacionais derivado dessa democratização do ensino, o lado negativo implicou no desrespeito a liberdade pessoal do aluno, o privilégio da quantidade em detrimento da qualidade, e a ênfase no desempenho intelectual com repressão dos sentimentos e ações. Para completar esse caos, em países como o nosso, promoveu-se maquiavelicamente um estado de precariedade total na Educação, para desmoralizá-la perante a sociedade, e para evitar o desenvolvimento do raciocínio crítico-reflexivo - tornando a nação mais manipulável por quem estiver no poder.

DIÁLOGO

Uma Cultura é estabelecida a partir da interação configurada num grupo por seus representantes, fundamentada no diálogo, também necessário no contexto educacional no momento dessa Cultura ser transmitida aos seus novos integrantes.

O diálogo é uma relação estabelecida entre os seres humanos, que envolve essencialmente a troca de informações e a necessidade de saber "OUVIR", sem o que é impossível sua concretização.

É considerado de relevante importância no processo educacional, na relação de ensino-aprendizagem, e sua manifestação depende indiscutivelmente da linguagem verbal (sistema de sinais associados às palavras).

!ao que não existam outras linguagens, pois as formas de comunicação humana são as mais diversas, como: linguagem matemática, corporal, artística, etc..., porém, em nossa cultura tem-se enfatizado a linguagem falada, devido a uma hipervaloração do aspecto intelectual.

O ser humano é um ser doador e receptor de sentido, seu existir é intencional, ele intenciona o mundo e se exprime no diálogo com os outros. Nesse diálogo os seres dão um sentido ao mundo, para estabelecer uma Cultura.

O diálogo é essencialmente humano, através dele os seres revelam o mundo, revelando-se uns aos outros, o que demonstra sua necessidade imperativa no contexto educacional, no momento em que o educador propõe-se a ensinar, a viver em uma cultura, para outros seres humanos.

MEMÓRIA CORPORAL

Não podemos esquecer da memória (cujo valor tem sido até exagerado no contexto educacional) quando falamos em educação, pois sem ela teria sido praticamente impossível atingir o nível de desenvolvimento tecnológico alcançado pela espécie humana.

A memória não é exclusivamente humana, é uma característica de todos os seres vivos, mesmo os mais inferiores

a possuem, tem uma função de grande importância na preservação das espécies.

Ao nível humano a memória vai muito além de uma simples reação mecânica, ela é uma representação do psiquismo, e como o corpo tem um caráter de mediação entre o ser e o mundo, ela é tanto intelectual quanto corporal.

Constatando-se que é através do diálogo que amadurece o sentido existencial dado ao mundo pelo ser humano, originando diferentes Culturas, pode-se estar certo do fato de que a formação de uma Cultura depende de nossos corpos, que fazem a mediação de nossa relação com o mundo, e é com a associação da memória corporal com a intelectual que intensificamos e prolongamos a retenção dos conteúdos aprendidos. Hanna (1972, p. 29) enfatiza que: "O novo mundo a ser explorado pelo século XXI é o imenso labirinto do soma, da experiência corporal e viva dos indivíduos humanos."

Todo gesto, toda atitude postural, toda expressão fisionômica e toda ação tem sua história, segundo Bermúdez (1980, p.54), "Esta história é dupla, filo e ontogenética. O desenvolvimento da espécie e o do ser se superpõem e constituem a memória corporal."

Assim como possuímos uma memória corporal, temos também uma linguagem corporal, constituída de gestos, fisionomias, atitudes posturais e todos os tipos de ações criadas e registradas na memória corporal.

A própria palavra é produzida pelo corpo, o que nos deixa bem claro a indiscutível importância do corpo na relação do ser humano com o mundo e com os outros, confirmando seu caráter



de mediação entre ser e mundo.

A ampliação da bagagem de atos, gestos, fisionomias e atitudes posturais, diretamente relacionados a memória e linguagem corporal, merece mais atenção de nossos educadores, no sentido de tornar mais sadio nosso relacionamento com o mundo, com os outros, e com a gente mesmo.


Ao aprendermos a andar de bicicleta, no início caímos várias vezes, porém com o aperfeiçoamento dos movimentos, desenvolve-se uma coordenação no corpo, suficiente para dirigi-la

Esses movimentos são assimilados ao repertório de comportamentos, e mesmo que a pessoa fique vários anos sem andar de bicicleta, no momento em que voltar a usá-la, não terá grandes dificuldades em repetir o que foi aprendido, graças a memória corporal.

São conhecimentos que nos acompanham durante toda a vida, sendo de imensa utilidade, principalmente em situações nas quais não temos oportunidade de elaboração mental. Um piloto de avião, por exemplo, ao deparar-se com uma situação perigosa, tem de agir com rapidez e clareza de raciocínio, porque se "parar para pensar", é provável que não consiga escapar de um acidente aéreo.

O ser humano mais primitivo exacerbava o valor do desenvolvimento corporal, que tornou-se menos exigido com o advento de culturas mais complexas, que passaram a enfatizar a manifestação do intelecto (linguagem e memória intelectual) em detrimento do corpo.

Atualmente podemos observar uma redescoberta do corpo ("mexa-se"), que por sinal corre também o risco de uma



supervalorização (agora em detrimento do intelecto), incentivada por quem tem o interesse na manipulação de massas humanas, incapacitadas de um pensamento crítico.

APRENDIZAGEM

Na aprendizagem, os seres e o mundo estão mutuamente presentes, de maneira inconfundível e inseparável, em todas as culturas. O índio aprende o que é o mundo e o que é ser índio num mundo de índios, assim como o civilizado, deveria aprender o que é ser civilizado, e o que é o mundo civilizado, o que não tem acontecido em nosso espaço cultural, devido em parte, a ineficiência dos órgãos educacionais, negligenciados e até intencionalmente desmoralizados por aqueles que estão no poder.

A aprendizagem depende muito dos métodos presentes no sistema educacional, onde aprendemos as idéias, significados e sentidos humanos que fazem parte de uma Cultura. Aprende-se o que é desconhecido, porém a aprendizagem não é uma mera aquisição de novos comportamentos, como no caso do treinamento de um animal a "andar com duas patas", ou a "pressionar uma barra" numa gaiola de Skinner.

No processo de aprendizagem e conhecimento do ser humano, encontraremos dois aspectos interligados: as experiências (órgãos sensoriais) e as simbolizações (significados dos símbolos).

Decorar implica em respostas fixas, do tipo "andar com duas patas", aprender significa muito mais que isso, envolvendo uma abstração dos significados presentes nos símbolos,

mobilizando sentimentos que transformam toda a existência.

O saber não é uma pura intelectualização, na aprendizagem o ser humano transforma-se e transforma o meio, desde que um é continuidade do outro - ser e mundo são inseparáveis.

Para que a humanidade seja respeitada integralmente em suas necessidades, é imprescindível valorizar conjuntamente o desempenho intelectual e corporal, dentro e fora dos muros escolares. Apoiado em uma fundamentação filosófica moderna, o psicodrama pode ser uma alternativa para atender o aluno em sua totalidade.

Tendo a intenção de ensinar um conteúdo teórico e/ou prático para alguém, deve-se primeiramente, conhecer quais são os potenciais desse ser que intenciona aprender esse conteúdo. Com essas informações, é possível criar condições adequadas ao processo de aprendizagem que aproveitem toda a capacidade do organismo em questão, portanto, não será com um sistema educacional que hipervaloriza um aspecto em detrimento de outros, que conseguiremos atender as necessidades de nossos alunos.

Para se avaliar a magnitude dos problemas educacionais de nosso país, basta acompanhar as manchetes repetitivas dos jornais. Uma breve avaliação da década de 80, é capaz de caracterizar o problema:

- A repetência no primeiro grau permaneceu na faixa de 20 % durante toda a década.
- A evasão do segundo grau, aumentou de 6,4% para 21%.
- Entre 15 e 19 anos, apenas uma minoria de 16,5% está

matriculada nas escolas.

- Enquanto na década de 70, de cada 100 alunos, 74 concluíam o colegial, em 80, caiu para 46.
- Calcula-se que 27 milhões de crianças deixaram a escola antes de chegar a oitava série.
- Existem entre 4 e 5 milhões de crianças fora das escolas.
- Praticamente 75% das crianças matriculadas nas oito séries iniciais, estão com idade para estudar em séries mais avançadas.

Nenhum sistema educacional deveria fixar suas metas, sem submeter seus conceitos tradicionais a uma reflexão sobre o futuro. No passado, o saber dos mais velhos era inquestionável, hoje, isso depende de uma continuidade na aprendizagem, pois o conhecimento avança mais rápido, e uma grande maioria não está em condições de acompanhar essas mudanças, devido a falta de estimulação dentro do próprio contexto educacional.

Para acompanhar esse ambiente de mudanças rápidas e incessantes, os alunos necessitam mais do que, simplesmente, receber e armazenar informações. Eles devem ter a oportunidade de fazer mudanças e até falhar nas tentativas, o que implica em transformações radicais na relação entre a teoria e a prática educacional, como nos coloca Toffler (1977, p.45) "...o aprendizado em ação converge com a consciência do futuro...".

Enquanto os estudantes ficarem afastados de atividades mais práticas e da realidade social, passivamente aprisionados em uma interminável adolescência, muitos deles, talvez a maioria,



ficarão desmotivados no contexto educacional, com uma possível queda no rendimento, repetências e evasão escolar.

Os processos pedagógicos convencionais têm sido incapazes de resolver esses problemas, por isso, qualquer tema envolvendo a possibilidade de uma mudança, cria expectativas.

Nosso objetivo é desenvolver em uma realidade excessivamente submetida ao passado, um ensino voltado para o futuro, com jogos fundamentados na teoria do psicodrama, que mobilizem os alunos (sentir e agir), na aprendizagem de conteúdos teóricos (pensar).

CAPITULO VII

PSICODRAMA PEDAGÓGICO

"O psicodrama sempre é concomitantemente, terapêutico e pedagógico, mas a ênfase pode ser dada à terapia profunda ou à pedagogia.

Anne Ancelin Schützemberger

O Psicodrama é psicoterapêutico e psicopedagógico, sendo praticamente impossível estabelecer um limite entre essas duas áreas de aplicação, ambas dedicadas ao desenvolvimento humano.

A Pedagogia é a ciência e arte da educação, cujos objetivos visam ao aprimoramento das qualidades físicas, intelectuais e morais dos seres humanos, socializando-os e participando na formação de suas personalidades.

Tendo em vista esses objetivos, o ato de educar não deixa de ser uma espécie de psicoterapia preventiva, assim como o ato terapêutico apresenta características educativas e (ou) reeducativas.

Em Moreno (1974, p.38), o método pedagógico fundamentado no Psicodrama, já era descrito em duas versões:

1. Método do Ego-auxiliar;
2. Método direto.

Para demonstrar em sala de aula o que era o Psicodrama, com o método do ego-auxiliar em sala de aula, reunia os estudan-



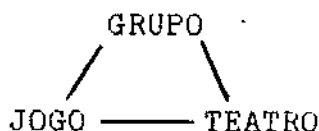
tes e solicitava a um deles que representasse o papel de um paciente (ausente), anteriormente conhecido pelo estudante-terapeuta.

No método direto, trazia consigo o paciente (já informado dos objetivos educacionais), que participava da aula com a presença dos alunos.

Moreno associava a essas demonstrações, a apresentação de palestras e sessões anteriormente gravadas, sempre ressaltando o valor das aulas prática: "É como um cirurgião, que opera na presença de seus alunos e lhes explica passo a passo, o que faz." (Moreno, 1974, p. 138).

Romana (1985, ps.13 a 15) descreve um método educacional psicodramático que se aproxima e dá continuidade à maiêutica de Sócrates. "Através da metodologia psicodramática contribuimos para que o aluno coloque para fora o conhecimento que "sabe" e compreendeu como algo próprio, como algo seu."

A dramatização permite uma reorganização das experiências individuais num nível social, no aqui e agora (Hic et nunc), recuperando no contexto educacional os aspectos afetivos e simbólicos, envolvidos na aprendizagem. Ela estabelece uma tríade:



Com o jogo, cria-se um clima de permissividade, que facilita o desempenho de papéis no teatro psicodramático e que estabiliza cada grupo com sua história particular.

Ela sustenta que a educação depende das ações

adequadas, criativas, organizadas com a aquisição de conhecimento; e da integração com o meio.

Diferentemente dos métodos convencionais, geralmente mais preocupados com a mera transmissão de conhecimentos, com o Psicodrama, objetiva-se uma integração do conhecimento teórico com a prática decorrente da ação psicodramática.

O método educacional psicodramático de Romana (1965, ps. 39 a 42) envolve o seguinte esquema metodológico:

- Dramatização real
- Dramatização simbólica
- Dramatização no plano da fantasia

Ao nível da realidade, o aluno traz suas próprias informações, intuitivas ou emocionais. As técnicas ficam ligadas às experiências pessoais do aluno com o conhecimento a ser adquirido.

Num segundo momento, do simbolismo, há a aproximação racional do conhecimento com a elaboração de conceitos.

No plano da fantasia, o conhecimento é manipulado mais espontaneamente, incentivando-se a criatividade e a inventividade, possibilitando a aplicação desses conhecimentos a novas situações experienciais.

Bustos (1980, p.130), consciente de estar escrevendo sobre um tema ainda incompleto, reconhece os três níveis do esquema de Romana (real, simbólico e fantasia), utilizando-o nas seguintes situações:

"1. Para compreender um conhecimento já adquirido mediante métodos tradicionais;

2. Para avaliar um tema;

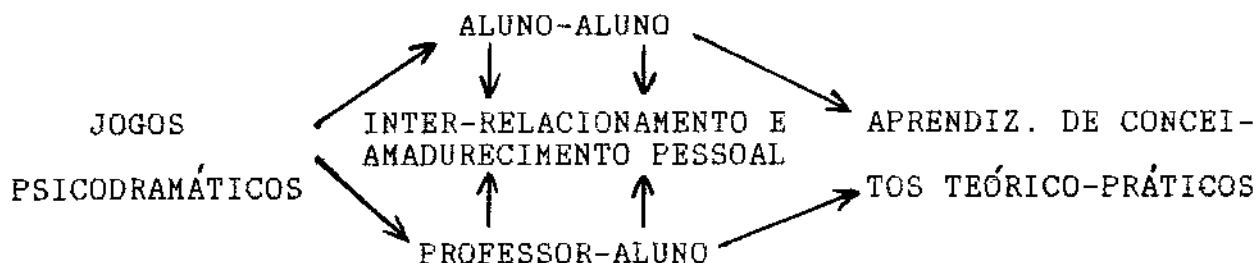
3. Para repassar conceitos esquecidos."

Comenta também que a diferença entre o Psicodrama terapêutico e o pedagógico é que, no pedagógico, somente se trabalha com os papéis de educador-educando, enquanto que no terapêutico são incluídos todos os papéis do ser humano.

Não concordamos com esta afirmação, pois, mesmo no pedagógico, atua-se indireta e até diretamente no desenvolvimento do ser humano com um todo. Geralmente esta atuação fica em nível profilático, mas não se pode negar que, em alguns casos, chega a ser terapêutica.

O Psicodrama pedagógico aplicado na sala de aula, envolve uma combinação estruturada, cujo objetivo final é a aprendizagem, porém é indiscutível o fato de que outros fatores são recuperados paralelamente, tais como o inter-relacionamento e o amadurecimento pessoal.

Sem dúvida, o objetivo final é facilitar a aquisição, retenção e a aplicação dos conceitos teóricos, mas o aspecto afetivo sempre estará presente.



Com os Jogos Psicodramáticos, facilita-se o relacionamento interpessoal e conseqüentemente o amadurecimento pessoal, na medida em que, ao participar dos Jogos, o grupo envolve-se como um todo, não apenas com o intelecto, mas também com os sentimentos

e as ações.

O Psicodrama na Educação não se restringe à sala de aula, podendo ser empregado em diferentes situações que discutiremos a seguir.

Dificuldades de aprendizagem

As queixas dos professores são constantes, em relação ao aumento progressivo de alunos com dificuldades de aprendizagem (tema de minha tese de mestrado), e as causas são as mais diversas, oriundas de diversas situações: contexto educacional; ambiente físico; amadurecimento biológico; desenvolvimento intelectual; desenvolvimento social (moral); desenvolvimento afetivo-emocional.

O Psicodrama pode servir num primeiro momento para detectar as origens do problema, com um possível diagnóstico e, em seguida, proporcionar condição de recuperação dos alunos, conforme os recursos humanos e materiais disponíveis.

Seleção e treinamento profissional

Com a abertura do mercado de trabalho para pedagogos na área da indústria, o Psicodrama pode instrumentalizar este profissional na atividade de selecionar e treinar pessoas para as profissões disponíveis no mercado de trabalho.

Os critérios comumente utilizados na seleção não são completamente satisfatórios, pois os instrumentos tipicamente empregados nessa tarefa são testes, cuja validade é discutível.

Com o psicodrama pode-se melhorar consideravelmente a seleção, permitindo uma visão mais integral dos indivíduos e atenuando a desumanizante e exclusiva aplicação de testes.

Quanto ao treinamento profissional, o Psicodrama é um excelente instrumento no desenvolvimento ou treinamento (role-playing) de papéis, possibilitando a criação de situações em dramatização, que se aproximam tanto do real, que as pessoas a elas submetidas experienciam uma "vivência", que as prepara teórico-praticamente para assumir um cargo profissional.

No contexto educacional, o treinamento com Psicodrama poderia ser amplamente utilizado com professores, diretores e demais funcionários da escola.

A reciclagem desse treinamento, em etapas posteriores, pode auxiliar na correção de possíveis falhas no treinamento inicial (percebidas no confronto com a realidade) e no aperfeiçoamento da performance a cada nova experiência.

Uma periodicidade programada desse treinamento pode, inclusive, servir como uma supervisão para professores, diretores, e funcionários em seus respectivos papéis.

Orientação profissional

Na área de orientação educacional, a orientação profissional ajuda a encontrar atividades pessoalmente significativas, orientando as pessoas, conforme seus conhecimentos; aptidões físicas, intelectuais e psicomotoras; suas motivações e personalidade; de acordo com as ofertas do mercado de trabalho e realidade socio-econômica.

Aqui também é possível a aplicação do psicodrama, associado aos testes, questionários e entrevistas comumente empregados; ou aplicado exclusivamente com dramatizações direcionadas para este fim.

Aconselhamento psicológico

Dentro da orientação educacional, encontramos o aconselhamento como mais uma atividade do pedagogo, na qual é difícil estabelecer um limite com a psicoterapia, que estará sujeita aos limites pessoais do profissional.

Deve-se ressaltar aqui que o Psicodrama pode auxiliar o orientador a diagnosticar mais rapidamente, assim como a desenvolver o aconselhamento de forma mais dinâmica.

Método de ensino

Denomina-se método, a organização de um conjunto de atividades em uma unidade que facilite a ação humana.

Apesar da existência de uma infinidade de métodos de ensino, será sempre necessária a criação de outros, adequados ao nosso atual estágio de desenvolvimento histórico, à nossa realidade imediata.

Os métodos de ensino mais empregados preocupam-se quase que exclusivamente com o aspecto intelectual, em detrimento do aspecto afetivo e das ações humanas.

Na estruturação da vida de adaptação e de relação, a aprendizagem desempenha uma posição central e decisiva, desde que seja significativa, carregada de um sentido existencial.

Os métodos de ensino que possibilitam uma aprendizagem com ênfase no aspecto intelectual, não envolvendo a pessoa como um todo, não passam de uma tentativa frustrada de aprender conteúdos sem qualquer significado pessoal.

A aprendizagem é um fenômeno carregado de sentido, e o sentido só é posto em circulação pelo diálogo, que apesar de sua

inegável ênfase no verbal, só atinge uma plenitude no encontro integral com o outro, intermediado pelo corpo (mente e corpo).

Com uma fundamentação no Psicodrama, é possível a estruturação de uma metodologia de ensino capaz de desenvolver o ser humano como um todo, respeitando suas capacidades de sentir, agir e pensar.

Pesquisa educacional

É interessante lembrar que as pesquisas com o Psicodrama estão apenas começando, e que são muitas as suas possibilidades de aplicação.

Sua difusão tem ocorrido mais amplamente na área clínica, sendo que, no espaço educacional, ainda são raros os trabalhos fundamentados nessa teoria.

Outro aspecto relevante é que, independentemente da aceitação da obra de Moreno, qualquer pesquisador, com sua própria linha teórica, pode incluir as técnicas psicodramáticas em suas atividades de pesquisa, desde que, esteja capacitado a empregá-las.

JOGOS PSICODRAMÁTICOS

Na História da Pedagogia, o Jogo sempre foi respeitado por seu aspecto formativo e informativo. E sua natureza psicofisiológica, que vem sendo investigada mais sistematicamente, tanto na Fisiologia quanto na Psicologia, já não deixa dúvidas sobre o fato dessa atividade ser essencial ao desenvolvimento humano.

O ser humano, como já vimos anteriormente, é um ser

histórico, e, em diferentes fases de sua evolução, tem criado valores com maior ou menor grau de importância, enfatizados ou não, sempre na dependência do contexto histórico-cultural.

A partir do século XIX, o trabalhador urbano teve uma redução em sua jornada de trabalho semanal, de 75 para 45 horas, e até para menos de 40 horas em casos particulares, além dos dois dias de descanso semanal e férias anuais. Essa diminuição de horas no trabalho aumentou consideravelmente o tempo a ser dedicado ao lazer, que é assim definido por Dumazedier (1973, p.44):

"...um conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se ou entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se de suas obrigações profissionais, familiares ou sociais".

Na sociedade grega o ócio (lazer) estava associado a realizações, dentre as quais a Educação, o homem grego não trabalhava, o trabalho era função dos escravos, o homem livre empregava seu tempo aprimorando suas virtudes. Em Aristóteles, o ócio era considerado como o princípio do Universo, saber lidar com o ócio era tão importante quanto saber trabalhar.

A ludicidade dos romanos acontecia em competições e combates dos gladiadores (escravos), um lazer sanguinário que despertava alegria e liberdade, por representar aspirações espirituais de dignidade, honra e superioridade alcançados na luta, cujo valor estético era altamente glorificado naquele contexto denominado - "fase heróica".



Na Idade Média, os duelos, combates e guerras eram atividades lúdicas, nas quais os próprios reis participavam e, apesar de sua violência, convém lembrar que era um ritual guerreiro com regras bem definidas, tais como a exigência de igualdade entre os contendores e os direitos semelhantes para ambas as partes em conflito.

A guerra tinha um função cultural com ideais primitivos de honra e de nobreza, que foram substituídos pelo valor de justiça.

A poesia entre os românticos teve seu papel lúdico, superando a linguagem vulgar ao criar figurações contendo imagens, que vão além da simples praticidade da linguagem - a metáfora é uma jogo. Mesmo o amor implica num jogo associado à competição, e disputas.

Chegou a hora de reconhecer que o lazer em nossos dias passou a ser um fenômeno de grande importância social. Nunca em sua história, os seres humanos se esforçaram tanto em criar associações com a finalidade de cultivá-lo, como atualmente.

São raras as comunidades, empresas, órgãos religiosos ou educativos, que não incentivem a criação de organizações esportivas e recreativas.

Trata-se de um fenômeno que perdeu a conotação de ociosidade (sinônimo de tempo inutilmente empregado, que conduz à degeneração física e mental, aos vícios e crimes), para constituir-se numa necessidade, num valor de nosso contexto histórico-cultural. Huizinga (1980, prefácio) expressa da seguinte maneira a nossa realidade: "Creio que, depois do Homo Faber e tal-

vez ao mesmo nível de Homo Sapiens, a expressão Homo Ludens merece um lugar em nossa nomenclatura."

As conquistas sociais de maior tempo livre semanal, descanso anual, aposentadoria, tornaram o lazer uma necessidade conquistada por uma grande maioria de trabalhadores.

Em todas as culturas, antes mesmo de entrar para a escola, a criança aprende com as atividades lúdicas, na própria escola da vida - educação informal.

Ao jogar com diferentes tipos de sons, por exemplo, aprendemos a linguagem, a forma mais complexa de comunicação nas relações humanas. Chateau (1987, p.14) complementa:

"Pelo jogo ela desenvolve as possibilidades que emergem de sua estrutura particular, concretiza as potencialidades virtuais que afloram sucessivamente a superfície de seu ser, assimila-as e as desenvolve, une-as e as combina, coordena seu ser e lhe dá vigor."

O aspecto lúdico em nossa realidade, onde as alegrias, as emoções, deveriam estar sempre presentes, geralmente fica restrito a situações informais, decorrentes de um clima mais permissivo nas interações.

As pessoas agressivas, geralmente, são punidas com uma proibição de jogar, para evitar a imitação ou repetição de suas atitudes e comportamentos, em desacordo como os objetivos lúdicos, para que o lazer permita o emergir de seres mais humanos, capazes de se libertar do aviltamento que a civilização tecnocrática está ocasionando.

No jogo tudo é possível, menos o autoritarismo, pois as atitudes agressivas podem interromper essa atividade, cujo

objetivo é a busca de sensações prazerosas.

Até a desonestidade, em alguns casos é recebida com bom humor, as regras, quando rompidas, podem implicar em interrupções, ou no máximo, em um recomeço do jogo.

É com a imaginação bem desenvolvida que o ser humano transcende o real e supera suas características de ser situado (determinado por leis físicas, biológicas, sociais e psicológicas), dependendo do grau de consciência que possui da realidade que o circunda.

"A característica essencial do homem é sua imaginação criativa. É esta que o capacita a dominar seu meio de modo tal que ele supera as limitações de seu cérebro, de seu corpo e do universo material." (Courtney, 1974, p.3).

No jogo desenvolve-se esse potencial, ao deparar-se com situações novas e mais complexas. Quanto mais imaginativa e consciente da realidade for uma pessoa, maior será sua liberdade para uma ação transformadora que beneficie aos outros e a si própria.

Apesar do lazer ter assumido uma posição prioritária na hierarquização dos valores em diversas culturas, ainda continua sendo considerado irrelevante diante do trabalho, em nações subdesenvolvidas, confinado a pequenos momentos, encarado como um subproduto do trabalho.

Bermudez (1978) ressalta a importância de um período cenestésico (anterior à formação do Eu), orgânico e sensorialmente generalizado, que constitui a base da formação da personalidade. A percepção não existe no início de nossas vidas, apenas a sensação gradativa de que temos um corpo que sente (emo-



ções e sentimentos) e pensa (compreensão intelectual), através do qual vivemos num ambiente (atitudes e comportamentos) natural e humano. "Ao nascer, o SN apresenta um predomínio na maturação do sistema Introceptivo, o que determina que as sensações viscerais predominem sobre as outras." (p. 8)

A percepção desses aspectos vem acompanhada do desenvolvimento da consciência, alicerçada nesse período essencialmente cenestésico. Fundamentados nessas idéias, os jogos devem progredir de um nível sensorial para um nível de compreensão intelectual, das emoções, sentimentos, atitudes e comportamentos, proporcionando um amadurecimento na relação com os outros, consigo mesmo e com o mundo.

Os jogos proporcionam sensações e percepções de estímulos, com relações que ultrapassem um registro linear sucessivo e alcançam um registro de superfície simultâneo, experienciado nas ações e dramatizações, que auxiliam na integração dos processos interiores.

"O jogo dramático é uma parte vital da vida jovem. Não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida." (Slade, 1978, ps. 17 e 18)

A criança costuma dramatizar espontaneamente fora do contexto educacional, elas inventam seus próprios jogos, o jogo do "faz-de-conta", por exemplo, pode ser até considerado como inerente ao ser humano, faz parte do seu desenvolvimento.

Buehler, em citação de Sandstrom (1971, ps 201 e 202), atribui grande importância ao aspecto lúdico, considerando que todos os tipos de maturação acontecem em brincadeiras, nas quais



a criança aprende os princípios de cooperação social, e classifica três tipos de atividades lúdicas.

1. Brincadeira Funcional - É uma espécie de Jogo Sensorio-motor no qual a criança brinca com o próprio corpo.

2. Brincadeira Imaginativa - É a fase do "faz-de-conta", na qual a criança imita as ações do pai, mãe, outros modelos ou personagens imaginários.

3. Brincadeira Construtiva - Nesse momento, a alegria de jogar envolve uma produtividade visando ao mundo material (Que bom seria se todos trabalhassem com o mesmo espírito de quem brinca!).


Comparando com Piaget, também citado por Sandström (1971, ps.145 a 149), encontramos os jogos classificados de acordo com três tipos de estrutura mental.

1. Jogo de exercício sensório-motor - Característico dos primeiros anos de vida, associado a maturação do aparelho motor, continua presente durante toda a vida.

2. Jogo simbólico - Manifesta-se entre os 2 e 6 anos, envolvendo a ficção, a imaginação, a imitação, é a fase do "faz-de-conta" que, infelizmente, o adulto deixa o mundo concreto eliminar quase definitivamente.

3. Jogo de regras - Inicia por volta dos 5 anos, mas é característico da fase dos 7 aos 12 anos, prevalecendo como o tipo mais importante durante toda a vida. São jogos regulamentados típicos do ser humano socializado.

Além dos jogos, o teatro também tem uma função importante no contexto educacional. O teatro da espontaneidade pode



ser amplamente usado, assim como a encenação integral ou improvisação a partir de histórias e histórias conhecidas.

Esse método vem sendo considerado por um número crescente de educadores como de grande eficácia na aprendizagem de conteúdos programáticos e existenciais. (Courtney, 1974, ps. XI e XIV).

Neste trabalho, denominamos de Jogos Psicodramáticos as técnicas empregadas (inclusive o teatro) com o objetivo de associar lazer a um conteúdo teórico. Essas técnicas são psicodramáticas, pelo fato de serem fundamentadas na teoria do psicodrama e por envolverem o psiquismo - os sujeitos não representam personagens, pois participam com toda a sua personalidade nessas atividades lúdicas e educativas.

Os jogos psicodramáticos, além do aspecto lúdico-educativo, incentivam a liberdade aos que participam em seus desafios, chegando inclusive a demonstrações estéticas, enfatizadas em determinados momentos.

Educar não é apenas fornecer conhecimentos, mas criar também condições para que um ser humano aprenda a conviver com os outros num determinado contexto sócio-histórico-cultural.

A Educação deve participar do amadurecimento do aluno enquanto pessoa dentro de um grupo. Compartilhando desse amadurecimento sócio-psicológico, facilita-se a aquisição e retenção dos conteúdos programados, derivado de um envolvimento mais positivo entre aluno-aluno e professor-aluno.

As metodologias ou técnicas didáticas não têm atendido às necessidades existenciais dos alunos, ao enfatizarem o desenvolvimento da capacidade intelectual (Mente), desproporcio -

nalmente ao desenvolvimento da capacidade afetiva (Corpo) e capacidade de ação (Ambiente); todas elas inerentes ao ser humano.

A Educação não tem compartilhado com o aluno o processo de viver bem consigo mesmo, processo este que o tornara capacitado a viver bem com os outros.

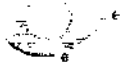
No jogo, o ser humano se envolve naturalmente na ação, de forma integral (níveis: sensorial; afetivo emocional; social; cognitivo e experiencial), numa relação interpessoal, que contribui significativamente para o amadurecimento psico-social.

O jogo pode ser uma atividade física ou psíquica; espontâneo ou organizado; sem regras ou com regras muito bem definidas; com envolvimento fictício ou real; solitário ou em duplas, ou em grupos; observativo ou ativo; passivo ou participante; imaginativo ou concreto; visando até a produtividade (em nosso trabalho o aluno joga-aprendendo).

Se nos reportarmos à situação de ensino, utilizando uma metodologia que respeite o ser humano em sua totalidade, será mais fácil aprender e reter na memória (corporal e intelectual conjuntamente) o material aprendido.

A participação da memória corporal na retenção da aprendizagem, necessariamente, deveria ser obrigatória no contexto educacional. Para comprovar esta afirmação, basta recordar as experiências com o corpo nos jogos infantis que participamos na infância: -elas nos vêm prontamente à mente.

Coloca-se em dúvida que sejam recordadas com a mesma clareza, aquelas enfadonhas aulas, nas quais éramos obrigados a ficar sentados horas intermináveis diante de um professor.



UNICAM

nessas aulas teóricas, e mais provável que as recordações de
nossa memória sejam mais claras quanto às dores sentidas em
determinadas regiões anatómicas.

Se a pretensão de criar uma metodologia de ensino
visando a um atendimento integral do aluno, procuramos apenas
demonstrar em nosso trabalho, a viabilidade de aplicação dos
Jogos Psicodramáticos, como técnicas didáticas, que enriqueçam o
processo de aprendizagem.

CAPITULO VIII

CONCLUSAO

"A forma final chega ao mercado mas o processo de criação dessa forma tem um valor mais importante do que é correntemente reconhecido"

Jacob Levy Moreno

Não foi nossa intenção, criar uma metodologia psicodramática para ser empregada na sala de aula, mas sim, abrir caminho para esse aprofundamento no tema. Em nosso projeto, procuramos apenas demonstrar a viabilidade da inserção desses jogos, fundamentados no psicodrama e associados ao conteúdo teórico da disciplina EL-307.

O interesse face às inquietações diante do tema, implicou na motivação para desenvolver uma instrumentação, que aliviasse a preocupação dos educadores quanto a apresentação de um conteúdo teórico.

Já não restam dúvidas, tanto para os leigos como para os educadores, sobre o fracasso de nosso sistema educacional, portanto, não temos a pretensão de grandes mudanças com nosso modesto trabalho, mas sim fornecer alguns subsídios que facilitem a formação de educadores e educandos.

Não temos a menor dúvida de que os jogos psicodramáticos enriquecem a ação educacional, ao englobarem os diferentes níveis de aprendizagem manifestos no ser humano: Nível Biológico (Orgânico e Sensorial), Nível Afetivo (Emoções e

Sentimentos), Nível Social (Atitudes e Comportamentos), e Nível Cognitivo (Compreensão Intelectual).

Ao educarmos alguém, ao transmitirmos parcelas do conhecimento teórico-prático de uma cultura para alguém, sempre teremos a possibilidade de acrescentar novos sentidos a essas experiências anteriormente vividas, através de uma relação criativa e libertadora, que pode ser enfatizada com a utilização dos jogos psicodramáticos.

Ao ensinar, não podemos esquecer, que também estamos aprendendo, e essa reciprocidade na relação, já preconiza hoje, uma substituição dos termos "educador-educando", pelo termo "educando-se", considerado mais significativo, mais adequado a todos nós, que sempre estaremos aprendendo, até o final de nossas vidas, quando possivelmente aprenderemos o que é a morte.

No passado, as pessoas mais idosas eram sábias pelo que tinham aprendido, hoje para ser sábio, não se pode parar de aprender, a ampliação do conhecimento é ininterrupta.

Isso resulta numa necessidade de aprimoramento constante da metodologia educacional, como no caso dos jogos psicodramáticos, com a aprendizagem associada ao aspecto lúdico (preocupação do ser humano atual), para incentivar a continuidade do processo de aprendizagem.

Nossas crianças têm sido tratadas como seres adestráveis, por um sistema educacional que enfatiza quase que exclusivamente o aspecto intelectual, não permitindo o amadurecimento dos aspectos humanos: sentir e agir - relegados a uma posição inferior no processo de aprendizagem.

O jogo é uma atividade natural do ser humano, na qual

ele participa como um todo. Com os jogos psicodramáticos, é possível criar um elo entre os aspectos afetivos, cognitivos, motores e sociais.

É óbvio que a aplicação desses jogos requer um período de tempo, e se esse tempo não for controlado, corre-se o risco de prejudicar o desenvolvimento do plano de curso.

Por isso é preciso saber planejar as atividades, de tal forma que se evitem prejuízos qualitativos, ou reduções no conteúdo programado da disciplina.

No início, a aplicação dos jogos provoca algumas reações de receio por parte dos alunos, que vão diminuindo gradualmente no decorrer das aulas, com algumas exceções, que apesar de não participarem em todos os jogos, não comprometem as reações positivas do grupo como um todo.

A participação do professor não pode ser impositiva, permitindo sempre, aos que não quiserem participar, o direito de permanecerem passivos.

Ao mesmo tempo, o professor deve manter uma atitude afetiva e segura, que facilite a participação dos alunos mais inseguros, o que vai acontecendo naturalmente.

Nem sempre é necessária a participação de todos os alunos, mesmo porque, em psicodrama, o auditório é de importância crucial nas observações que são discutidas depois do jogo.

Ao utilizar o corpo (sentir) no ambiente (agir) da sala de aula, envolvido ao aspecto intelectual (pensar), o aluno experiencia uma aquisição de conhecimentos com uma participação global no processo de aprendizagem, que lhe garante uma aprendizagem mais significativa e uma retenção mais duradoura dos

conceitos teórico-práticos programados.

Os jogos psicodramáticos recuperam a ação (ambiente), libertando os alunos da postura passiva que lhes tem sido imposta pela escola. Recuperam também o aspecto afetivo (corpo), associando os aspectos sentir e agir, ao aspecto pensar (mente), recuperando assim, a integridade, a totalidade da existência humana.

As técnicas podem ser utilizadas independentemente dos diferentes graus de escolaridade, ou seja, podem ser aplicadas em qualquer faixa etária.

Apesar dos alunos sentirem um certo receio do ridículo no início, aos pouco, vão constatando que os objetivos são atingidos positivamente, o que implica na superação da inibição (mudança de comportamento) e no enriquecimento da participação.

Os jogos podem ser empregados nas mais diversas disciplinas, pois, qualquer teoria é suscetível ao trabalho psicodramático, desde que o educador esteja preparado para a manipulação dos jogos, e consiga libertar sua criatividade ao lidar com sua área de conhecimento.

Quanto a manipulação dos jogos, Bustos (1980) considera possível treinar qualquer profissional no manejo das técnicas psicodramáticas, independentemente de ser um psiquiatra ou psicólogo:

"Com um bom treinamento esta pessoa que atua como diretor de psicodrama não tem por que ser um psiquiatra ou psicólogo, basta ter uma clara ideologia e ter conhecimento de dinâmica de grupo." (p.18)

Concluindo, citamos abaixo tudo aquilo que pudemos

AMP
observar diretamente e através dos depoimentos dos alunos, durante e após a aplicação dos jogos psicodramáticos:

- São facilitadores do inter-relacionamento professor-aluno e aluno-aluno.
- Permitem uma vivência dinâmica dos conceitos teórico-práticos.
- Reduzem os problemas disciplinares.
- Estabelecem um estado de "campo relaxado", que facilita o processo de aprendizagem e as relações interpessoais.
- Permitem um reconhecimento do próprio corpo, através do movimento.
- Recuperam o nível sensorial, e possivelmente a ampliação da percepção.
- Promovem a descoberta de si mesmo e conseqüentemente do outro.
- Provocam mudanças de comportamento.
- Ampliam o número de soluções criativas.
- Participam no amadurecimento psico-social.
- Promovem a motivação dos alunos e do professor.
- Facilitam o desenvolvimento de papéis sociais e afetivos.
- Tornam a aprendizagem mais prazerosa, e possivelmente mais significativa e duradoura.
- Desenvolvem a espontaneidade, e conseqüentemente a criatividade e inventividade.
- Podem constituir uma metodologia de ensino inovadora.
- Possibilitam o atendimento integral do ser humano ao recuperar os aspectos: sentir (corpo) e agir (ambiente), integrando-os ao aspecto pensar (mente).

Enfim, neste comentário final (como no encerramento de uma sessão de psicodrama), deixo registrado meu pensamento sobre



a ação educacional com os jogos psicodramáticos, envolvido nos meus sentimentos, neste ato sobre o papel:

Educar - educando-se é uma ação fundamentada no amor, manifesto no diálogo estabelecido em relações de interdependência, acerca do conhecimento, sem desprezitar a dignidade da natureza ou da humanidade, praticada com uma metodologia que compreenda, e incentive o desenvolvimento integral do ser humano.



BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, W. C. - O que é psicodrama, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.

ALANTES, V. J. - Dificuldades de aprendizagem em menores institucionalizados, Tese de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1980.

ARAUJO, H.C. - Educação através do teatro, Rio de Janeiro, Ed. e Distribuidora de livros Ltda., 1974.

BALLY, G. - El juego como expresión de libertad, México, Fondo de Cultura Económica, 2a. edição, 1964.

BERMUDEZ, J.G.R. - Introdução ao psicodrama, Trad. de Dr. José M. D'Alessandro, São Paulo, Ed. Mestre Jou, 3a. edição, 1980.

----- Núcleo do Eu, Trad. Hugo Abovsky, São Paulo, Ed. Natura, 1978.

BETTELHEIM, B. - A psicanálise dos contos de fadas, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1980

BOUR, P. - Psicodrama e vida, Rio Janeiro, Ed. Zahar, 1974.

BRIKMAN, L. - A linguagem do movimento corporal, Trad. de Beatriz A. Cannabrava, São Paulo, Ed. Summus, 1975.

BRITO, M.R.F., de - Uma análise fenomenológica da avaliação, Tese de Doutorado, Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 1984.

BUSTOS, D.M. - O psicodrama, Trad. de Lúcia Neves, São Paulo, Ed. Summus, 1980.

----- O teste sociométrico, Trad. de Antonio M. Campedelli, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1979.



- CHARON, J.E. - O espírito, este desconhecido, Trad. de Cristina L. de P. Leite, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1974.
- CHATEAU, J. - O jogo e a criança, Trad. de Guido de Almeida, São Paulo, Ed. Summus, 1987.
- COULSON, W. R. e ROGERS, C. R. - O homem e a ciência do homem, Trad. de Vera L. B. de Souza, Belo Horizonte, Interlivros de Minas Gerais Ltda., 1978.
- COURTNEY, R. - Jogo, teatro e pensamento, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.
- DORIA, F. - O corpo e a existência, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1972.
- DUMAZEDIER, J. - Lazer e cultura popular, Trad. de Maria de L. S. Machado, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978.
- FONSECA, J.S. - Psicodrama da loucura, São Paulo, Agora, 1980.
- FRANÇA, C. - Psicologia Fenomenológica, Campinas, Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- GIORGI, A. - A psicologia como ciência humana, Trad. de Riva S. Schwatzman, Belo Horizonte, Interlivros, 1978.
- Phenomenology and psychological research, Pittsburg, Dusquene University, 1985.
- HANNA, T. - Corpos em revolta, Trad. de Vicente Barreto, Rio de Janeiro, Ed. Mundo Musical, 1972.
- HEIDEGGER, M. - Todos nós...ninguém, Trad. de Dulce M. Critelli, São Paulo, Ed. Moraes Ltda., 1981.
- HERRNSTEIN, R.J. e BORING, E.G. - Textos básicos de história da psicologia, Trad. de Dante M. Leite, São Paulo, Herder, 1971.
- HUIZINGA, J. - Homo ludens, Trad. de João P. Monteiro, São Paulo, Ed. Perspectiva, 2a. edição, 1980.

- JACQUIN, G. - As grandes linhas da psicologia da criança, Trad. de Maria L. S. de Moraes, Rio de Janeiro, Livraria Ed. Flamboyant, 3a. edição, 1962.
- JERSILD, A.J. - A psicologia da criança, Trad. de Marta Botelho e Neil K. da Silva, São Paulo, Ed. Itatiaia, 3a. edição, 1968.
- KEEN, E. - Introdução à psicologia fenomenológica, Trad. de Heliana de B. C. Rodrigues, Rio de Janeiro, Ed. Interameri-Ltda., 1979.
- LEIF, J. e BRUNELLE, L. - O jogo pelo jogo, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1978.
- LOPES, E.M. - Psicologia evolutiva da criança e do adolescente, Rio de Janeiro, Ed. Científica, 4a. edição, 1960.
- LUIJPEN, W. - Introdução à fenomenologia existencial, Trad. de Carlos L. de Mattos, São Paulo, Ed. Pedagógica Universitária, 1973.
- LUZURIAGA, L. - História da educação e da pedagogia, Trad. de Luiz D. Penna e J. B. D. Penna, São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 7 edição, 1975.
- MARINEAU, R. F. - Jacob Levy Moreno 1889 - 1974, Trad. de José de Souza M. Werneck, São Paulo, Ed. Agora, 1992.
- MARTINS, J. - Programa de doutoramento em educação, Psicologia Educacional, Faculdade de Educação da UNICAMP, 1986.
- MONTEIRO, R. - Jogos dramáticos, São Paulo, Ed. McGraw Hill do Brasil, 1979.
- MONTEZUMA, M.F. - Curso: Problemas da juventude, Campinas, Faculdade de Educação da UNICAMP, Anotações de aula, 1977.
- MORENO, J.L. - Fundamentos do Psicodrama, Trad. de Maria S.M. Neto, São Paulo, Ed. Summus, 1983.
- Psicodrama, Trad. de Alvaro Cabral, São Paulo, Ed. Cultrix, 1975.

- Psicoterapia de grupo e psicodrama. Trad. de Antonio C. ...
C. Filho, São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1974.
- MORENO, Z.T. - Psicodrama de crianças, Rio de Janeiro, Ed. Vozes,
1975.
- MOTTA, F. - Contos e lendas interpretados pela psicanálise, Rio
de Janeiro, Ed. Vozes, 1984.
- PORTUONDO, J.A. - Psicoterapia de grupo y psicodrama, Espanha,
Biblioteca Nueva, 1972.
- RESENDE, A.M., de - Educação e ser-no-mundo um projeto de
fenomenologia, Tese de Livre Docência, UNICAMP, 1978.
- RICOEUR, P. - O conflito das interpretações, Trad. de Hilton
Japiassu, Rio de Janeiro, Imago, 1978.
- ROGERS, C.R. e COULSON, W.R. - O homem e a ciência do homem,
Trad. de Vera C. B. de Souza, Belo Horizonte, Interlivros,
1973.
- ROMANA, M.A. - Psicodrama Pedagógico, Campinas, Ed. Papyrus,
1985.
- SANDSTROM, C.I. - A psicologia da infância e da adolescência,
Trad. de Alvaro Cabral, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 3a. e-
dição, 1971.
- SCHUTZENBERGER, A.A.- O teatro da vida, Trad. de Hilton Japiassú,
São Paulo, Ed. Livraria Duas Cidades, 1970.
- SHAH, I. - Os sufis, Trad. de Octávio M. Cajado, São Paulo, Ed.
Círculo do Livro S. A., 1977.
- SLADE, P. - O jogo dramático infatíl, Trad. de Tatiana Belinky,
São Paulo, Ed. Summus, 1978.
- SOEIRO, A.C. - Psicodrama e psicoterapia, São Paulo, Ed. Natura,
1976.
- SPITZ, R. - Desenvolvimento emocional do recém nascido, Trad. de



Maria D. Manhães, Rio de Janeiro, Livraria Pioneira, 1980.

TOFFLER, A. - A terceira onda, Trad. de João Tavora, Rio de Janeiro, Ed. Record, 5 edição, 1980.

----- Aprendendo para o futuro, Trad. de Jorge Arnaldo Fortes, Rio de Janeiro, Ed. Record, 5 edição, 1980.

VAYER, P. El dialogo corporal, Espanha, Ed. Cientifico Medica, 1972.

VON ZUBEN, N.A. - Introdução do livro EU e TU de Martin Buber, São Paulo, Ed. Cortez & Moraes, 2a. edição, 1979.
